



**Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Filosofia e Ciências
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**

Alessandro Rasteli

MEDIAÇÃO DA LEITURA EM BIBLIOTECAS PÚBLICAS

**Marília/SP
2013**



**Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Filosofia e Ciências
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**

Alessandro Rasteli

MEDIAÇÃO DA LEITURA EM BIBLIOTECAS PÚBLICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Lídia Eugênia Cavalcante

Linha de Pesquisa: Gestão, Mediação e Uso da Informação

Área de Concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento

Financiamento: CAPES

**Marília/SP
2013**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

R 229

Rasteli, Alessandro.
Mediação da leitura em bibliotecas públicas / Alessandro Rasteli. –
2013.

170 f.; il.; enc.; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Programa
de Pós-graduação em Ciência da Informação. Marília, 2013.
Orientação: Profa. Dra. Lídia Eugênia Cavalcante.

1. Mediação da leitura 2. Biblioteca pública I. Título.

CDD 027.4

Alessandro Rasteli

MEDIAÇÃO DA LEITURA EM BIBLIOTECAS PÚBLICAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Lídia Eugênia Cavalcante

Aprovada em: 01/08/2013.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Lídia Eugênia Cavalcante (Orientadora)
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Prof. Dr. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior (Membro da Banca)
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Prof. Dra. Sueli Bortolin (Membro da Banca)
Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Prof. Dra. Helen de Castro Silva Casarin (Membro Suplente)
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa (Membro Suplente)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Para Luiza Noveli
Bandeira, minha primeira
contadora de histórias.

AGRADECIMENTOS

A linha de pesquisa: Gestão, Mediação e Uso da Informação, por ter me aceitado como aluno no Programa de Pós-graduação.

A professora e orientadora Lídia Eugênia Cavalcante, pelo desempenho maravilhoso em me conduzir num assunto que me motiva tanto e por ter aceitado ser a orientadora da pesquisa.

Ao professor Oswaldo Francisco de Almeida Júnior, pela oportunidade de conhecer melhor a mediação da informação e por aceitar fazer parte da banca.

A professora Sueli Bortolin, pela chance de apreciar a atuação do bibliotecário contando ou narrando histórias e por aceitar fazer parte da banca.

A todos os professores, com quem tive o privilégio de realizar as disciplinas do Programa: Carlos Cândido de Almeida, Helen de Castro Silva Casarin, Júlio Afonso Sá de Pinho Neto, Lídia Eugênia Cavalcante, Marta Ligia Pomim Valentim, Regina Célia Baptista Belluzzo e Oswaldo Francisco de Almeida Júnior.

A todos os meus familiares e a todos os meus amigos e companheiros de jornada.

A todos os bibliotecários das bibliotecas públicas municipais que fizeram parte da pesquisa de campo.

A equipe da biblioteca do campus de Marília e do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação.

Enfim, a todos que de alguma forma colaboraram para a realização deste objetivo.

RASTELI, Alessandro. Mediação da leitura em bibliotecas públicas. 2013. 169 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013.

RESUMO

Discute a mediação da leitura nas bibliotecas públicas na sociedade contemporânea e o papel do bibliotecário mediador da leitura nesses equipamentos culturais. A pesquisa, de ordem exploratória e qualitativa, objetiva a análise das atividades de mediação desenvolvidas nas bibliotecas públicas municipais da Região Administrativa de Marília, que compreende 51 municípios, dentre os quais selecionou-se a amostra para este estudo. Considerando o universo de bibliotecas que desenvolvem mediação da leitura, questiona-se o caráter dessas ações do ponto de vista daquilo que se distingue como “apropriação da leitura”, “promoção da leitura” e “animação da leitura”. A partir destas considerações, propuseram os seguintes objetivos: Identificar as ações de mediação da leitura nas bibliotecas públicas municipais de forma a compreender o espaço dessas instituições dentro do campo das práticas de formação de leitor; estudar as competências em informação do bibliotecário mediador da leitura em biblioteca pública, abordando o papel social e sua participação no processo de formação de leitores. Diante dessas reflexões, a problemática desta pesquisa buscou encontrar respostas para a seguinte questão: como as bibliotecas públicas municipais da Região Administrativa de Marília/SP estão desenvolvendo ações de mediação de leitura, de modo a gerar comunidades de usuários aptos a se integrarem competentemente no universo informacional e sociocultural? Essas reflexões expressam cogitações nas várias atividades focadas no leitor, já autônomo ou em formação, como também em aliar a teoria da leitura a encaminhamentos da prática pedagógica, buscando compreender como se dá essa ação no cotidiano das bibliotecas públicas municipais e no trabalho desenvolvido pelo bibliotecário.

Palavras-chave: Mediação da leitura; Competências do Bibliotecário; Biblioteca Pública – leitura; Bibliotecário mediador da leitura; Formação de leitores; Leitura e biblioteconomia.

RASTELI, Alessandro. Mediator of reading in public library. 2013. 169 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013.

ABSTRACT

Discusses the mediation of reading in public libraries in contemporary society and the role of mediator librarian reading these cultural facilities. The survey, order exploratory and qualitative, objective analysis of mediation activities developed in public libraries Administrative Region of Marilia, which comprises 51 municipalities, among which the sample was selected for this study. Considering the universe of libraries that develop reading mediation, we question the character of those actions from the point of view of what is distinguished as "appropriation of reading", "reading promotion" and "excitement of reading." From these considerations, it was proposed the following objectives: Identify monitoring activities of reading in public libraries in order to understand the scope of these institutions within the field of training practices reader, and study skills in information librarian mediator reading in the public library, addressing the social role and their participation in the formation of readers. Given these considerations, the problem of this research sought to find answers to the following question: how public libraries of Marilia / SP are developing mediation actions of reading, to generate communities of users able to competently integrate the informational universe and sociocultural? These reflections express cogitations in several activities focused on the reader, as standalone or in training, but also in combining the theory of reading the referrals of pedagogical practice, seeking to understand how this action in everyday public libraries, and work done by the librarian .

Key-words: Mediation reading; Librarian-reading; Public Library-reading; Librarian-mediator reading; Encouraging reading; Reading and librarianship.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Mediação implícita e explícita.....	40
FIGURA 2 – Divisão territorial dos municípios da XI Região Administrativa de Marília.....	106
FIGURA 3 – Biblioteca Pública Municipal de Gália.....	140
FIGURA 4 – Biblioteca Pública Municipal de Garça.....	141
FIGURA 5 – Biblioteca Pública Municipal de Vera Cruz.....	142

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Bibliotecas Públicas Municipais da Região Administrativa de Marília	111
QUADRO 2 - Você costuma frequentar a biblioteca?.....	142
QUADRO 3 - Quais os serviços da biblioteca você costuma utilizar?.....	143
QUADRO 4 - Você participa de alguma atividade de leitura na biblioteca?.....	143
QUADRO 5 - Se a resposta for afirmativa, quais as atividades?.....	144
QUADRO 6 – O que motivou você a participar das atividades de leitura?.....	144
QUADRO 7 – Qual o tipo de leitura que você realiza utilizando o acervo da biblioteca?.....	145
QUADRO 8 – Você está satisfeito com as opções de leitura?.....	146
QUADRO 9 – Com que frequência você pede auxílio ao bibliotecário?.....	146
QUADRO 10 – Qual conceito você dá para as atividades de leitura?.....	147

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Total de Bibliotecas na RA de Marília.....	115
GRÁFICO 2 – Bibliotecas que enviaram dados ao Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas.....	116
GRÁFICO 3 – Bibliotecas e mediações.....	116
GRÁFICO 4 – Bibliotecas com profissionais bibliotecários.....	117
GRÁFICO 5 – Formação dos funcionários que gerenciam as bibliotecas.....	118
GRÁFICO 6 – Atividades de mediação desenvolvidas em 2011.....	119
GRÁFICO 7 – Atividades culturais desenvolvidas em 2011.....	121
GRÁFICO 8 – Quais atividades de mediação da leitura são efetivamente realizadas na biblioteca?.....	124
GRÁFICO 9 – Periodicidade das atividades desenvolvidas.....	125
GRÁFICO 10 – Como é realizada a divulgação das atividades?.....	127
GRÁFICO 11 – Qual o motivo da realização das atividades?.....	128
GRÁFICO 12 – As atividades são desenvolvidas por iniciativa de quem?.....	129
GRÁFICO 13 – Utilizam-se as TICs para a realização das mediações?.....	130
GRÁFICO 14 – Quais ferramentas são utilizadas nas mediações?.....	131
GRÁFICO 15 – Incentiva-se a leitura através das Redes Sociais?.....	132
GRÁFICO 16 – Avaliam-se os resultados das atividades?.....	132
GRÁFICO 17 – Você participa de capacitações sobre mediação da leitura?.....	133
GRÁFICO 18 – Quais competências necessárias você julga necessárias para se mediar leitura?.....	134
GRÁFICO 19 – O bibliotecário exerce a <i>advocacy</i> ?.....	135

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BPM – Bibliotecas Públicas Municipais

CERLALC – Centro Regional para el Fomento del Libro en América Latina y Caribe

CI – Ciência da Informação

CRB – Conselho Regional de Biblioteconomia

DSI – Disseminação Seletiva da Informação

EAM – Experiência de Aprendizagem Mediada

FGV – Fundação Getúlio Vargas

IBICT – Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFLA – Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias

INL – Instituto Nacional do Livro

IPL – Instituto Pró-Livro

MCE – Modificabilidade Cognitiva Estrutural

MOL – Mediação Oral da Literatura

PNLL – Plano Nacional do Livro e Leitura

PROLER – Programa Nacional de Incentivo à Leitura

SISEB – Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas

SNB – Serviço Nacional de Bibliotecas

SNBP – Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas

SRI – Serviço de Referência e Informação

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

Capítulo 1: INTRODUÇÃO	14
1.1 Definição do Problema.....	17
1.2 Objetivos.....	19
1.2.1 <i>Objetivo geral</i>	19
1.2.2 <i>Objetivos específicos</i>	20
1.3 Metodologia.....	20
1.3.1 <i>Contextualização e delineamento do universo da pesquisa</i>	21
1.4 Estrutura da Dissertação.....	22
Capítulo 2: MEDIAÇÕES DA LEITURA E DA INFORMAÇÃO	24
2.1 Bases Epistemológicas para a Construção do Conceito de Mediação.....	24
2.2 Mediação da Leitura.....	32
2.3 Mediação da Informação.....	37
2.4 A Leitura Mediada na Biblioteca Pública.....	42
Capítulo 3: EDUCAÇÃO E COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: O SABER AGIR INFORMACIONAL DO BIBLIOTECÁRIO MEDIADOR	48
3.1 Aprendizagem e Interação Mediada.....	55
3.2 As Competências do Bibliotecário Mediador.....	61
Capítulo 4: BIBLIOTECAS PÚBLICAS: EVOLUÇÃO E CAMINHOS TRILHADOS	74
4.1 Evolução histórico cultural das Bibliotecas Públicas no Brasil.....	78
4.2 Bibliotecas Públicas do Estado de São Paulo.....	88
Capítulo 5: AÇÕES DE INCENTIVO À LEITURA	94
Capítulo 6: A PESQUISA	104
6.1 Contextualização do Universo da Pesquisa.....	106
6.2 Instrumentos de Coleta de Dados.....	108
6.3 Coleta de Dados.....	109
6.4 Tabulação e Análise dos Dados da Pesquisa.....	123
6.5 Resultados da Pesquisa de Campo.....	136
6.6 Tabulação e Análise do Questionário Aplicado aos Participantes das Atividades de Mediação.....	139
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
8 REFERÊNCIAS	155
APÊNDICES	165

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a leitura é reconhecida como atividade significativa, levando em consideração a participação do indivíduo enquanto possuidor de uma história individual e singular em seu processo de apreensão cultural. Contextualizar a leitura conduz à reflexão de questões de poder, de relações sociais, de informações ideológicas, possibilitando uma múltipla significação em seu processo de apreensão. O leitor é midiaticizado pelo texto, pelas informações e pelos dispositivos, como as bibliotecas. Na perspectiva da apropriação, o leitor é figura principal no ato da leitura, pois é a partir do conhecimento que possui se apropriando das informações e produzindo sentidos que um texto é construído.

Refletir sobre o papel sociocultural das bibliotecas públicas municipais e sua importância para a educação do cidadão é a principal finalidade deste trabalho, que ainda debate a utilidade social desses equipamentos informacionais (bibliotecas) e sua relação com a formação de leitores.

Barreto (2005, p. 116) reflete que a leitura é considerada um importante instrumento na aquisição das informações, as quais, “[...] se forem significadas pelo sujeito e apropriadas para seus diferentes contextos, constituir-se-ão em conhecimento”.

A apropriação implica na produção de sentidos, constituindo-se também num ato de construção do texto e de significados, por intermédio dos signos verbais. Pensar o ato da leitura é observar que o texto não existe sem o leitor e que a leitura é ação envolvendo um conjunto de elementos (leitor, texto e contexto), atos que impingem ao leitor atitudes de apropriação do conhecimento. Aliado aos estudos de apropriação, Almeida Júnior (2009) esclarece que para a mediação da informação, permite-se e exige-se a concepção de informação que desloque o usuário da categoria de mero receptor, colocando-o como ator central do processo de apropriação.

Cada vez mais, aumentam as expectativas de que as bibliotecas públicas devam constituir-se em espaços para as apropriações culturais. Os equipamentos públicos leitores são compreendidos como organismos de vital importância social na

mediação da informação (oral, impressa, virtual etc.). Por conseguinte, essas instituições não podem perder de vista o seu papel no desenvolvimento local das comunidades e a valorização de suas culturas (CAVALCANTE, L. E.; 2010).

A biblioteca pública constituindo-se em espaços propícios às apropriações culturais sugere que, nos espaços informacionais, sejam desenvolvidas diversas atividades culturais como incentivo à leitura, exposições, cursos de capacitação, oficinas, eventos etc.

Nesse contexto, o incentivo à leitura, mediante atividades de mediação, depara-se com novos suportes informacionais que requerem cada vez mais práticas leitoras apropriadas para o domínio das novas tecnologias em informação e comunicação. A validade de outros códigos e linguagens, as tradições orais, as novas textualidades, juntamente com os gêneros textuais digitais, procedentes da era digital também devem ser considerados no ato de formar leitores.

Aspectos relacionados à mediação da leitura expressam inquietações da Ciência da Informação (CI), em conceber as bibliotecas como espaços de apropriação cultural, de informação, portanto, de conhecimento e desenvolvimento da leitura e, conseqüentemente, de transformação social. É notório que não basta saber ler, tem-se que desenvolver a capacidade de usar a competência para a leitura no cotidiano, mediante a compreensão do que é lido. Portanto, as práticas de leitura devem desenvolver formas satisfatórias e as habilidades necessárias ao uso do conhecimento para entender, compreender e apreender.

Escola e biblioteca constituem importantes aparelhos de fomento à leitura, um complementa o outro. Lembrando que, despertar o interesse pela leitura em seus diversos suportes é uma das missões da biblioteca pública, de acordo com o Manifesto da Unesco para a Biblioteca Pública (1994).

O Brasil possui comprovadamente baixo índice de leitura. Este fator pode ser apontado como o obstáculo mais comprometedor para as superações das dificuldades, sendo consequência, entre outros fatores, das condições socioeconômicas e educacionais da população do País.

O direito de ler significa igualmente o de desenvolver as potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender e progredir sempre. Ou seja, a leitura está no cerne do aprendizado ao longo da vida.

É importante que pais, professores, bibliotecários e demais agentes responsáveis pela formação de leitores tenham consciência sobre os benefícios do desenvolvimento da leitura. As competências adquiridas através das práticas sociais de leitura e escrita nos espaços das bibliotecas públicas podem auxiliar no desenvolvimento humano na sociedade letrada, garantindo sobrevivência e convivência social.

Para a efetivação na formação de leitores é necessário uma biblioteca pública viva, atuante, onde esse equipamento informacional seja um recurso educativo, social e cultural, com espaço amplo, acervo diversificado, atualizado e dinâmico, aliado a profissionais da informação competentes e que acompanhem a evolução das bibliotecas, questionando constantemente as práticas desenvolvidas no cotidiano.

Na relação dialógica entre o leitor e o texto, entende-se que a cada leitura há atribuições de sentidos, sintoma de que a obra é viva, mutável. É nessa perspectiva, de produção de sentidos, de apropriação da informação e cultura que esta pesquisa embasa-se para tratar da mediação da leitura em biblioteca pública.

O mediador destaca-se por sua intenção de contribuir na apropriação de significados, no processo de interação do leitor com o texto, nas experiências de aprendizagens, potencializando as capacidades dos atores sociais e despertando suas competências.

A mediação da leitura coloca em evidência o papel de sujeito construtor do conhecimento. Conhecimento que se incorpore ao mundo intelectual e vivencial do leitor e que o ajude a compreender sua realidade humana e social, agindo e interferindo nela.

Destarte, a mediação da leitura ocorrida nas bibliotecas públicas enfoca as formas de incentivo à formação do leitor, que ocorre pela apropriação cultural no ambiente desses equipamentos informacionais públicos, refletindo na atuação do bibliotecário como também na compreensão do leitor em sua complexidade.

1.1 Definição do Problema

A atuação do bibliotecário em bibliotecas públicas na atualidade emerge de uma complexidade que exige permanente revisão de princípios e métodos. Nesse sentido, Almeida Júnior (2002, p. 133), adverte que “a globalização cria novos e diferenciados perfis profissionais. A ocupação dos espaços assim construídos pressupõe alterações de posturas, de atitudes das profissões já existentes”. Dessa forma, os ambientes sociais, as necessidades dos leitores, os fatores afetivos, normativos e outros, em constante mudança, as carências e os desafios dos bibliotecários, do currículo e das práticas especiais, as novas competências exigidas pela evolução da sociedade, a coerência das equipes e dos processos educativos, todos esses fatores resultam numa lista interminável de questionamentos. Assim, a inclusão desse profissional nos processos mediadores não é tarefa simples.

Como se pode observar no âmbito das bibliotecas públicas brasileiras, ainda que projetos educacionais sejam constantemente desenvolvidos, não se discutiu, entretanto, a implementação de um plano educacional voltado para as questões que envolvem a cultura, a informação e as práticas de leitura e escrita nos espaços das bibliotecas públicas. Nesse caso, Dudziak (2003, p. 32) aponta que “isto exige uma transformação nos papéis sociais e profissionais atuais, no âmbito da comunidade educacional e ante a sociedade”.

Neste momento, as bibliotecas confrontam o desafio de passarem de repositório de informações e prestadoras de serviços a organizações provocadoras de mudanças. Sendo, dessa forma, o bibliotecário o motor dessas intervenções, atuando como mediador cultural e de forma política.

Na análise do problema, partindo de suas múltiplas facetas, elencam-se: a baixa qualidade da educação, o baixo investimento, o impacto das tecnologias, a carência de atividades culturais nas bibliotecas e a formação profissional, para citar alguns.

O traço dominante na contemporaneidade é a mudança veloz, radical e imprevisível ocorrendo em todos os aspectos que envolvem a educação: demográficos, tecnológicos, econômicos, sociais, culturais e políticos. Bortolin

(2010) observa a necessidade de se ampliar a atuação dos bibliotecários nas práticas de leitura, atendendo diversificados grupos da população.

A profissão de bibliotecário está ainda, neste início do século XXI, alicerçada por conceitos de organização (processos técnicos, indexação, catalogação) e processos administrativos, pouco expondo sua função educativa, no sentido de auxiliar os usuários na utilização correta das fontes de informação, de incentivar o estudante, o pesquisador, o cidadão a ler e a frequentar a biblioteca e, principalmente, o de desenvolver o gosto pela leitura, de forma crítica e dinâmica.

Na mesma direção, cada vez mais a noção de biblioteca pública em seus modelos tradicionais é questionada, em contraposição a um projeto de um espaço social, informacional, de lazer, cultural, de divulgação e produção de conhecimentos e saberes diversificados. Além disso, de acordo com Lídia E. Cavalcante (2010), torna-se necessário que esses lugares assumam papel decisivo no desenvolvimento sociocultural em que se encontram.

Junto a estas questões e frente aos resultados obtidos no levantamento bibliográfico, percebeu-se que há uma “precariedade conceitual” no que tange aos textos que tratam direta ou indiretamente da questão da mediação da leitura no contexto das bibliotecas públicas, particularmente, dentro da produção científica no campo da Biblioteconomia, ressaltando-se diante disso, a necessidade de empreender investigações para a diminuição da carência da literatura sobre a temática do bibliotecário mediador.

Por outro lado, cresce, cada vez mais, a demanda por profissionais flexíveis, multidisciplinares e competentes, capazes de aprender ao longo da vida e apropriar-se desse espaço de transformação social que é a biblioteca pública. Torna-se, assim, imprescindível para a Biblioteconomia fornecer aos bibliotecários os instrumentos adequados para o exercício da sua função como mediadores da leitura. A formação de profissionais da Ciência da Informação aptos a enfrentar os desafios em função da série de mudanças pelas quais ocorrem no mundo contemporâneo e no Brasil em particular, tampouco vale apontar para um perfil “técnico” que, na sua aparente neutralidade, escamoteia questões culturais, sociais e políticas relevantes.

O interesse também está centrado em analisar o bibliotecário, seu perfil, sua função e sua relevância profissional e social, fazendo-se cada vez mais imprescindível conhecer que tipos de profissionais devem ser formados pelos cursos de Biblioteconomia, aptos a atuarem como mediadores de leitura. Nessa tônica, Valentim (2002, p. 118) expõe que “a educação continuada, elemento fundamental para que as competências e habilidades profissionais sejam mantidas, também deve ser objeto de reflexão”.

Diante dessas reflexões, a problemática desta pesquisa busca encontrar respostas para a seguinte questão: como as bibliotecas públicas municipais da RA de Marília/SP estão desenvolvendo ações de mediação de leitura, de modo a gerar comunidades de usuários aptos a se integrarem competentemente no universo informacional e sociocultural?

Essas reflexões expressam cogitações nas várias atividades focadas nos leitores, já autônomo ou em formação, como também em aliar a teoria da leitura a encaminhamentos da prática pedagógica, buscando compreender como se dá essa ação no cotidiano das bibliotecas públicas municipais.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

A pesquisa tem como objetivo geral um estudo exploratório, do tipo qualitativo, sobre as atividades de mediação da leitura desenvolvidas nas bibliotecas públicas municipais da XI Região Administrativa de Marília. Considerando o universo de bibliotecas públicas municipais que desenvolvem atividades de incentivo à leitura e que possuem bibliotecários em seu quadro de profissionais questiona-se o caráter dessas ações do ponto de vista daquilo que se distingue como “apropriação da leitura”, “promoção da leitura” e “animação da leitura”.

1.2.2 *Objetivos Específicos*

A partir do exposto, propõem-se como objetivos específicos:

- Identificar e analisar as ações de mediação da leitura desenvolvidas nas bibliotecas públicas municipais da XI Região Administrativa de Marília, de forma a compreender o papel dessas instituições dentro do campo das práticas de formação do leitor;
- Estudar as competências em informação do bibliotecário mediador da leitura, abordando o papel social e sua participação no processo de formação de leitores;
- Apresentar formas de atividades de mediação da leitura que podem ser implementadas em bibliotecas públicas municipais.

1.3 **Metodologia**

A pesquisa se caracteriza como documental e exploratória, de natureza qualitativa, com o universo voltado para a XI Região Administrativa de Marília (RA), no Estado de São Paulo, especificamente nas bibliotecas públicas municipais (BPMs). Minayo (2009) entende que a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, ocupando-se, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. O trabalho científico em pesquisa qualitativa divide-se em três etapas: a fase exploratória; o trabalho de campo; a análise e o tratamento do material empírico e documental.

Nesta pesquisa, primeiramente, foi realizado levantamento bibliográfico referente às temáticas abordadas neste trabalho e, conseqüentemente, realizadas as leituras e a análise dos textos para a elaboração da fundamentação teórica, na qual se identificou os principais autores que dialogam sobre o tema da mediação da leitura em bibliotecas. Nesta etapa, a pesquisa dividiu-se em duas fases: na primeira, considerou-se importante a exploração das temáticas relacionadas ao trabalho permitindo uma visão abrangente dos estudos e um embasamento consistente e fundamental para o prosseguimento da mesma.

Na segunda fase, foi realizada pesquisa documental referente a XI RA de Marília, especificamente sobre as bibliotecas públicas municipais e, conseqüente, elaboração de instrumento de coleta de dados, visando a coleta de material para análise e discussão. Considerou-se relevante a aplicação de um roteiro de entrevista (aos bibliotecários) para se compreender como são realizadas as atividades de mediação da leitura e um questionário destinado aos leitores (usuários) que fizeram parte de atividades de leitura desenvolvidas nas bibliotecas pesquisadas.

Através do *site* do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Estado de São Paulo, foram coletados dados sobre as ações das bibliotecas durante o ano de 2011. Com base nessas informações, foram escolhidas 3 (três) bibliotecas para a investigação *in loco*: Gália, Garça e Vera Cruz. Optou-se por estes municípios pelo fato de estarem próximos a cidade de Marília como também por desenvolverem mediações leitoras. Nesta fase, foram reunidas informações, documentos e material fotográfico sobre as ações de mediação realizadas nas bibliotecas destes municípios.

No passo seguinte, foi enviado por correio eletrônico o roteiro de entrevista direcionado aos bibliotecários de outros 6 (seis) municípios: Assis, Marília, Ourinhos, Tarumã, Tupã e Pompéia. Com o resultado das entrevistas e dos questionários aplicados, foi realizada a tabulação, análise e interpretação do material colhido.

1.3.1 Contextualização e Delineamento do Universo da Pesquisa

A RA de Marília localiza-se no Centro-Oeste do Estado de São Paulo, sendo composta por quatro regiões de governo (Marília, Assis, Ourinhos e Tupã) e engloba 51 (cinquenta e um) municípios. De acordo com os dados coletados da Secretaria da Cultura, até 2011, a RA de Marília contava com 49 bibliotecas distribuídas em 51 municípios. Do total desses municípios, apenas duas cidades não possuem biblioteca pública municipal: Lupércio e Platina.

O Município de Assis conta com duas bibliotecas: a “Biblioteca Municipal Nina Silva” e “Biblioteca Comunitária Angelina Iaredé”. Em Ourinhos, além da Biblioteca Central “Tristão de Athayde”, existem mais três setoriais ou ramais: “Biblioteca

Ramal Clarice Lispector”, “Biblioteca Centro Cultural Tom Jobim” e “Biblioteca Casinha da Esquina”. Dessa maneira, a RA de Marília conta com 53 (cinquenta e três) Bibliotecas.

No levantamento por busca de ações de mediação de leitura na Internet, referente às Bibliotecas Públicas Municipais pertencentes à RA de Marília, foi utilizado o Sistema de Bibliotecas Públicas do Estado de São Paulo (SISEB), acessado através do *site* da Secretaria de Estado da Cultura. O Sistema de Bibliotecas fornece informações sobre as BPM que responderam ao questionário aplicado pela Secretaria da Cultura no ano de 2011.

Com base nos dados coletados desse universo, selecionou-se as BPMs para a realização da pesquisa. Buscando respostas sobre a atuação do bibliotecário frente às atividades de mediação da leitura, utilizou-se como instrumento de coleta de dados entrevista estruturada. O propósito foi o de identificar, desde o seu perfil até o seu comportamento em relação às atividades de mediação da leitura desenvolvidas.

As visitas às BPMs foram realizadas em datas previamente agendadas, momento em que aconteceu também a aplicação do questionário com os participantes das atividades de mediação da leitura.

1.4 Estrutura da Dissertação

A composição do trabalho está dividida em seis capítulos. O **primeiro capítulo** relata a problemática da pesquisa, mostrando que diversas pesquisas realizadas nos últimos anos empenharam-se em apresentar contornos nítidos do cenário em que se insere a questão da leitura, do livro e da inclusão digital no País. Ainda na **introdução** apresentam-se além da justificativa, os objetivos geral e específicos, seguidos da metodologia utilizada e contextualização da pesquisa.

No **segundo capítulo**, discorre-se, em três partes, sobre a construção do conceito de mediação, entendida aqui como processo histórico-cultural na construção de significados. Após, discorre-se sobre as considerações de mediação

da leitura, seguida das explanações sobre a mediação da informação e sua relação com os espaços da biblioteca pública.

Ao entender que a expansão do enfoque mediador do bibliotecário na área da Ciência da Informação consolida-se nos últimos anos, o **terceiro capítulo**, trata da mediação da leitura aliada à competência em informação do bibliotecário, em que pode reunir elementos de um novo paradigma que corresponda às exigências da alteração educativa na biblioteca, apontando para o perfil didático do bibliotecário mediador, necessário à sociedade do conhecimento e das mudanças incessantes.

A evolução das bibliotecas públicas, a partir de considerações sobre as primeiras bibliotecas no mundo antigo, é retratada no **quarto capítulo**, em que se estabelecem também entendimentos sobre a evolução histórico-cultural das bibliotecas públicas em âmbito brasileiro. Neste prospecto, as bibliotecas confrontam o desafio de se transformarem de repositório de informação e prestadoras de serviços, em organizações provocadoras de mudanças e o motor dessa alteração é o bibliotecário/educador, agora contemplado como mediador.

O quinto capítulo dispõe sobre sugestões de ações de incentivo à leitura que podem ser desenvolvidas nas bibliotecas públicas. Atendo-se para a leitura crítica da realidade, o leitor crítico, desvela o significado pretendido pelo autor, mas não permanece nesse nível – ele reage, questiona, problematiza, aprecia com criticidade. Através dos atos de decodificar e refletir, novos horizontes abrem-se para o leitor, fazendo com que ele tenha a experiência de outras alternativas.

O sexto capítulo trata sobre a pesquisa empírica, a metodologia utilizada, a contextualização do universo e seu delineamento, apresentando algumas características das bibliotecas públicas municipais da XI Região Administrativa de Marília. Após, concebeu-se a coleta de dados, juntamente com a análise e os resultados obtidos.

2 MEDIAÇÕES DA LEITURA E DA INFORMAÇÃO

2.1 Bases Epistemológicas para a Construção do Conceito de Mediação

Do latim *mediatione*, que designa originalmente intervenção humana entre duas partes, ação de dividir em dois ou estar no meio, o conceito de mediação aplicado sob diferentes perspectivas, indicando ideias de interveniência, relação, conjugação, religação, ponte ou elo estabelecido nas relações humanas, por meio de um elemento mediador.

O conceito de mediação procede principalmente de duas vertentes filosóficas: a idealista, de origem cristã, e a hegeliana, bem como a tradição marxista (SIGNATES, 1998). Tais vertentes, distintas, têm, a primeira, ligando-se à herança teológica, mediação de Cristo entre Deus e o mundo; a mediação dos santos entre os pecadores e Deus.

No âmbito da filosofia será, pois, pela dialética, que a mediação se desenvolverá como importante categoria para se pensar o movimento que constitui o real. Por esta vertente, desenvolvida, sobretudo, a partir de Hegel e posteriormente por Marx, a mediação será relacionada à articulação entre as partes de uma totalidade complexa, sendo a ela atribuída a responsabilidade pela capacidade da passagem entre o imediato e o mediato. Está, portanto, vinculada à ideia de processo e movimento que fundam a dialética.

Tecendo uma perspectiva histórica acerca do termo mediação, Raymond Williams (2007) indica que este conceito é dotado de relativa complexidade e que se tornara mais abrangente na medida em que fora utilizado como termo-chave por vários sistemas do pensamento moderno. O mesmo autor indica que, na língua inglesa, o mais antigo uso do termo que se tem conhecimento fora feito por Chaucer, na obra *The Man of Law's Tale*, em 1386, referindo-se ao modo de interceptação entre dois adversários, com vistas à reconciliação entre ambos.

Como categoria filosófica, a mediação atinge seu pleno desenvolvimento em Hegel. Daí o seu caráter dialético, que a impede de ser entendida fora dessa

perspectiva de análise, bem como de ser considerada como produto: ela é processo, pois se funda na tensão e no movimento.

Os termos mediação, mediações e mediador podem ser notados em diferentes instâncias discursivas do campo, por distintos ângulos, o que faz da noção de mediação uma presença marcante no contexto da Ciência da Informação brasileira. Contudo, ao se articular de múltiplos modos, a partir do emprego de referenciais provenientes de outras disciplinas, a mediação passa por diferentes lugares, o que acaba por ocasionar uma ausência de precisão conceitual que cerca seu uso no contexto da área (MARTINS, 2010).

Diante disso, devido ao uso contínuo, seria de se almejar que o conceito de mediação remetesse a um significado claro, consensualizado entre os diversos autores e pesquisadores, e a operadores metodológicos cujas possibilidades e limites fossem minimamente conhecidos. Entretanto, para Signates (1998) por incrível que pareça, não é isso o que acontece. O próprio Martín-Barbero, em uma de suas obras principais, *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia* (2003), apesar de utilizá-lo no próprio título, não o define claramente, nem o historia.

Além do mais, verifica-se com Silva (2010, p. 8), que a expressão mediação é um termo raro nas obras de referência da área de Ciência da Informação. Não aparece no *Diccionario del Archivero Bibliotecario*, de Luis García Ejarque (2000), nem no *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*, de Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão (2008), nem tampouco na *International encyclopedia of information and library*, editados por John Feather e Paul Sturges (2003).

Todavia, no *Diccionario de bibliología y ciencias afines*, de José Martínez de Souza (2004), encontra-se o termo *mediador de información* definido como “Persona u organización comercial que se encarga de localizar y suministrar información sobre um tema determinado” (SOUZA, 2004, p. 659).

No *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*, de Murilo Bastos da Cunha e Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti, o termo que mais se aproxima de *mediação* é o de mediador cultural, sendo explicado como:

Aquele que exerce atividades de aproximação entre indivíduos e as obras de cultura. [...] O mediador cultural é um profissional com formação cada vez mais especializada, obtida, nos países da Europa, sobretudo em cursos de graduação e pós-graduação. Bibliotecários, arquivistas e museólogos – espécies de mediadores – tem uma formação específica mais tradicional, embora seus respectivos currículos venham passando por alterações substanciais (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 242).

De acordo com Silva (2010, p. 9)

O conceito mediação prima pela ausência, o que permite inferir que até hoje não foi sujeito a um exercício de apropriação e ajustamento pelos especialistas em Ciência da Informação e, quando usado por estes, foi como cópia ou tradução direta de certas fontes, sendo Jesus Martín-Barbero uma delas.

Mesmo assim, Martín-Barbero foi responsável pela revivescência da figura das mediações nas pesquisas latino-americanas, estabelecendo uma nova relação entre culturas populares e cultura massiva, fazendo uma análise das mediações acontecidas nos meios de literatura de cordel, no século XVI na Espanha, até os meios massivos, como rádio, cinema e televisão, na América Latina contemporânea.

A partir do momento em que este autor uniu os processos sociais à análise comunicacional, ele inaugurou uma linha teórica que resgatou a criatividade dos sujeitos, a complexidade da vida e o caráter interativo exercido com os meios. Além do mais, a Teoria das Mediações Culturais colocou a academia latino-americana numa condição de destaque no cenário acadêmico internacional, por seu reconhecido esforço multidisciplinar de se enxergar o processo de comunicação a partir dos dispositivos socioculturais que influenciam o modo dos sujeitos envolvidos interpretarem o mundo.

Dessa forma, a mediação para esta pesquisa é entendida como a criação ou construção de significados. Complementa-se tal argumento citando Gomes (2010, p. 88),

[...] a mediação relaciona-se com a comunicação e se caracteriza como um processo de intersubjetividades, resultante da negociação e da disputa de sentidos, que permite aos sujeitos ultrapassar e interpenetrar esses sentidos e gerar novas significações. A mediação se opõe ao imediatismo, porque demanda o jogo dialético, sem o qual inexistente.

Numa abordagem sociológica-comunicacional, Marteleto (2009) advoga que mediação é uma construção teórica destinada a refletir sobre as práticas e os dispositivos que compõem os arranjos de sentidos e formas comunicacionais e informacionais nas sociedades atuais, sem perder de vista os elos que, tanto os conteúdos quanto os suportes e os acervos, mantêm com a tradição cultural.

Gellereau (2006 apud MARTELETO, 2009, p. 19) argumenta que o termo pode ser entendido sob dois prismas: o de “relação com um sistema” (ex. a mediação social) ou o de “construção de sentido” (o processo interpretativo). Nesse bojo, Marteleto (2009, p. 19) ainda discute que:

Seja numa ou noutra acepção, a mediação implica sempre em acompanhamento, controle e negociação por um “terceiro”, enquanto o sujeito que se beneficia de um processo de mediação é levado a aprofundar o seu próprio ponto de vista e a descobrir outros. Sob o ângulo da construção de sentidos, a noção se fundamenta no fato de que os sentidos não são imanentes aos objetos, mas são construídos processualmente por sujeitos interpretantes, apoiados em linguagens e dispositivos.

A noção de mediação reinaugura questões que sempre estiveram presentes no campo de estudos da cultura, informação, comunicação e conhecimento: ao recusar a transparência, ela mostra o quanto os dispositivos de comunicação/informação, a estruturação dos lugares, textos, espaços e acervos influenciam as interpretações e produzem objetos mistos e portadores de sentidos. É dentro desta perspectiva que a mediação da leitura nos dispositivos circunscreve-se.

A mediação, para Dantas (2008, p. 4), é percebida da seguinte forma:

O ato de mediar significa fixar entre duas partes um ponto de referência comum, mas equidistante, que a uma e a outra faculte o estabelecimento de algum tipo de inter-relação, ou seja, as mediações seriam estratégias de comunicação em que, ao participar, o ser humano se representa a si próprio e o seu entorno, proporcionando uma significativa produção e troca de sentidos.

As estratégias de comunicação na biblioteca incorporam elementos que criem espaços para a representação dos atores, permitindo a revelação de novos dispositivos de configuração e apropriação das informações. Cabral (2011) indica que se encontra em Foucault (1984) os primeiros estudos que revelam o reconhecimento dos mecanismos de mediação nos processos de significação – os quais denominou de dispositivos.

Os comportamentos culturais na contemporaneidade como frequentar a biblioteca, tornam-se formas de atuação com e nos dispositivos. Os efeitos dos dispositivos, ou seja, dos efeitos dirigidos (mediações culturais), tornam-se instrumentos da relação conosco, com os outros e com o mundo.

Nesse sentido, apropriar-se das práticas dessas mediações significa também apropriar-se dos dispositivos, das informações, da literatura e dos processos de construção de conhecimento e criação de significados nas mediações leitoras.

As bibliotecas, como dispositivos produtores de sentidos, podem permitir o acesso à informação observando que os atores sociais constroem significados enquanto vivenciam o contato com as estratégias de comunicação como a leitura, os eventos artísticos, culturais.

Focando a mediação junto aos eventos culturais da biblioteca, percebe-se que a mediação cultural manifesta-se na emergência de uma ou várias linguagens, de um sistema de representação comum a toda uma comunidade, a toda uma cultura. E, ao mesmo tempo, esse sistema de representação gera um sistema social, coletivo, de pensamento, de relações, de vida, ou seja, de sociabilidade. Entendida também pelo prisma da aproximação de sujeitos a produtos e artefatos culturais, como obras de arte, livros, exposições e espetáculos, a mediação cultural é abordada como uma atividade processual, que possibilita o encontro e o acesso aos mesmos.

O trabalho de aproximação tem como figura-chave o mediador, responsável por promover a ligação entre instâncias oficiais de produção de bens culturais e o público, fornecendo a este último os códigos que permitam o acesso e a apropriação das produções culturais (MARTINS, 2010, p. 57).

Para Teixeira Coelho, mediação cultural pode ser definida como:

Processos de diferentes naturezas cuja meta é promover a aproximação entre indivíduos ou coletividade e obras de cultura e arte. Essa aproximação é feita com o objetivo de facilitar a compreensão da obra, seu conhecimento sensível e intelectual – com o que se desenvolvem apreciadores ou espectadores, na busca de formação de públicos para a cultura – ou de iniciar esses indivíduos e coletividades na prática efetiva de uma determinada atividade cultural (TEIXEIRA COELHO, 1999, p. 248).

De acordo com esse autor, podem desempenhar papel de mediadores culturais: orientadores de oficinas culturais, monitores de exposição de arte, animadores culturais, museólogos, curadores, profissionais das diversas áreas que atuam em centros culturais, bibliotecários de bibliotecas públicas, arquivistas, guias turísticos etc.

Desse modo, os diferentes níveis em que essas atividades podem ser desenvolvidas caracterizam modos diversos da mediação cultural, como a *Ação Cultural*, a *Animação Cultural* e a *Fabricação Cultural*.

Lamizet (1999 apud DAVALLON, 2003) propõe um entendimento da mediação cultural situando-a na ordem de representação do espaço social. Assim, de acordo com o autor, a mediação representa o imperativo social essencial da dialética entre o singular e o coletivo, e da sua representação em formas simbólicas.

A sociedade pode existir apenas se cada um dos seus membros tiver consciência de uma relação dialética necessária entre a sua própria existência e a existência da comunidade. É o sentido da mediação que constitui as formas culturais de pertença e de sociabilidade dando-lhes uma linguagem e as formas e os usos pelos quais os atores da sociabilidade apropriam-se dos objetos constitutivos da cultura que funda simbolicamente as estruturas políticas e institucionais do contrato social.

Por esta ótica, as mediações ocorrem no espaço público, um espaço que promova a dialética entre as formas coletivas e as representações singulares. Sendo o espaço público, por definição, como o lugar da mediação cultural, Davallon assim o define:

[...] a nível funcional: visa fazer aceder um público a obras (ou saberes) e a sua acção consiste em construir uma interface entre esses dois universos estranhos um ao outro (o do público e o, digamos, do valia cultural) com o fim precisamente de permitir uma apropriação do segundo pelo primeiro (DAVALLON, 2003, p. 4).

A relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas uma relação mediada e complexa, por isso a importância do papel do mediador em estabelecer interação e apropriação entre os sujeitos e o mundo cultural que o rodeia. Nessa tônica, a mediação cultural movimentava relações sociais através de

instrumentos e linguagens artísticas e culturais. O mediador institui a comunicação entre os universos que percorre, enfocando os atores sociais como sujeitos que transitam entre múltiplos polos, mobilizando ideias, estilos de vidas, práticas sociais, modos de percepção, objetos, linguagens e universos culturais, tendo em vista a transformação do real.

A ideia de mediação cultural permite que se revelem novos dispositivos de configuração e apropriação de informações, porque, construídos coletivamente, mostram não somente imagens, mas objetos e sujeitos verdadeiros. Assim, a mediação destina-se a refletir sobre as práticas e os dispositivos que compõem os arranjos de sentidos e formas comunicacionais e informacionais nas sociedades atuais, sem perder de vista os elos que, tanto os conteúdos quanto os suportes e os acervos, mantêm com a tradição cultural.

Na obra, *O perfil do professor mediador: pedagogia da mediação*, de Lorenzo Tébar (2011, p. 79-80), são descritos sete valores básicos que ressaltam a importância da mediação na etapa infantil e básica como prevenção de subdesenvolvimento e disfunções nas crianças, sendo elas:

Acompanhamento e proximidade: além do acompanhamento diversificado, a escolarização (nas escolas e bibliotecas) deve converter-se numa história prazerosa na vida, fundamentada nos melhores valores e experiências de formação;

Experiências profundas de paz e alegria: devem-se propiciar elementos que constituem o encontro ou a relação profundamente humana – o afeto, a amizade e o diálogo com confiança;

Importância do afeto: emoção e cognição são duas ocorrências que se complementam. A afetividade determina, em muitos casos, a eficácia da ação cognitiva da aprendizagem, e a cognição, por sua vez, é um determinante da natureza das emoções;

Despertar a autoestima: na base de toda a construção humana, está a autoestima. O mediador deve desenvolver potencialidades, estimular a plena expansão das capacidades e projetá-la na vida;

Ajudar a esclarecer e discernir as experiências: na possibilidade mediadora, o sujeito aprende a ser ele mesmo, a conscientizar-se da existência e avaliando-a de modo crítico, buscando referências, analisando todo o panorama, sem perder de vista, entretanto, valores absolutos (verdade, bem, amor, eternidade) diante das relatividades contingentes;

Ensinar a olhar, a contemplar: a contemplação consiste em olhar para o mundo com outros olhos, com olhos divinos. O mundo é aquilo que nosso olhar for capaz de descobrir, projetar e, a partir dessa perspectiva, ampliar a capacidade de demonstrar surpresa e admiração diante do mistério, do saber e da própria vida.

Dotar o educando com as estratégias de aprendizagens: a mediação propõe a formação de habilidades cognitivas, para aprender a aprender, desenvolvendo assim, plenamente as potencialidades.

Partindo desses valores, o bibliotecário mediador propiciará uma relação que facilitará as aprendizagens e ajudará a organizar o contexto em que o sujeito se desenvolverá. O mediador se interpõe entre os estímulos ou a informação exterior para interpretá-los e avaliá-los. Assim, o estímulo muda de significado, adquire um valor concreto, criando no indivíduo atitudes críticas e flexíveis.

Nessa tônica, não se pode entender o papel do agente cultural sem a sua função social, ou seja, todo agente cultural é, por excelência e em potencial, um agente social, um agente inventivo de transformação da realidade. Trata-se, portanto, de reconhecer a dimensão cultural da sociabilidade e a importância crescente da linguagem na construção social da realidade.

Refletindo sobre as relações de mediação da informação e comportamento informacional, Duarte (2012), recomenda que:

[...] o profissional que atua explicitamente como mediador deveria, sempre que possível, fazer estudos sistematizados de seus usuários. E que, em seu cotidiano, deve aprender a fazer “micro estudos”, pequenas análises individuais de cada usuário que atende ou com que se relaciona. Se for capaz de introjetar essa capacidade de observar com rigor e analisar com discernimento as necessidades trazidas pelo usuário, será capaz de oferecer, sem dúvida, um serviço diferenciado (DUARTE, 2012, p. 74).

Um elemento essencial para facilitar a mediação na biblioteca está em conhecer os usuários, os seus estilos de aprendizagem, suas atitudes e que as práticas de leitura devem diferir de acordo com suas principais características. É necessário a implementação e oferecimento de serviços diferenciados ou personalizados para as várias gerações de usuários.

São crescentes, através da literatura, propostas alternativas e caminhos para a satisfação das expectativas dos usuários de bibliotecas. Cada faixa etária possui estilos de aprendizagem e preferências de comunicação. Diante disso, a Instituição leitora deverá, através de seus profissionais, adequar o atendimento de seus usuários a partir da identificação do perfil das gerações, permitindo compreender as necessidades informacionais individuais e grupais.

Sob essas perspectivas, compete ao bibliotecário refletir, selecionar e implementar ações de mediação viáveis à realidade de cada biblioteca, considerando-se as características específicas de cada uma dessas gerações de usuários, a diversidade de tecnologias disponíveis e a variedade de aplicações que propiciam estímulo, facilidade de acesso e uso da informação (NOVELLI; HOFFMANN; GRACIOSO, 2011).

Embasados nessas reflexões e com intuito de discutir aspectos sobre a *Mediação da Leitura* e a *Mediação da Informação*, buscou-se também trazer subsídios que auxiliem o profissional bibliotecário em colaborar com os atores sociais na apropriação cultural em dispositivos produtores de sentidos como a biblioteca.

2.2 Mediação da Leitura

No processo de comunicação, o homem utiliza-se das mais variadas formas de linguagens. Na atualidade, desde a revolução industrial, eletrônica, informática e digital, as linguagens sempre estão se multiplicando e se proliferando vastamente, independente dos diferentes suportes, meios e canais que as veiculam. Todas essas linguagens estão alicerçadas, de acordo com Santaella (2001), em três matrizes: verbal, visual e sonora. A partir dessas, todas as combinações e misturas são

possíveis, verificando-se, também, nesse momento, uma multiplicidade de signos e de linguagens no ciberespaço.

Pressupondo uma visão abrangente dessas linguagens, é preciso, então, ampliar a noção de leitura, fazendo-se necessário considerá-la como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem (MARTINS, 1989).

Nessa perspectiva, implica-se em perceber que o ato de ler reporta-se a qualquer produção discursiva: linguística (oral ou escrita), extralinguística (pintura, música, fotografia, propaganda, cinema, teatro etc.) e as novas textualidades decorrentes das tecnologias digitais, dos gêneros textuais como (o *blog*, *chat*, *e-mail*), comunidades virtuais, compondo as novas formas de construção de sentidos.

Logo, torna-se importante considerar também com Martins (1989) que a leitura vai, portanto, além do texto e começa antes do contato com ele. Entende-se que aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios. Nessa noção, Paulo Freire (2003) ressalta que desde que nascemos, vamos aprendendo a ler o mundo, e, quando aprendemos a ler livros, a leitura das letras no papel é outra forma de leitura, só que do mesmo mundo que já líamos, antes ainda de alfabetizados.

Lévy (1996, p. 35) menciona que desde suas origens na Mesopotâmia, “o texto é um objeto virtual, abstrato, independente de um suporte específico”. E esse objeto material ou entidade virtual atualiza-se em cada leitura. Cada leitor interpreta, dá sentido ao texto aqui e agora, realizando todas as atualizações possíveis, impingindo um significado de acordo com seu repertório de mundo.

A filosofia de leitura construída por Paulo Freire (2003) destaca que, ler e escrever são instrumentos essenciais de cidadania e exercício maior de política. Dessa forma, entende-se que as informações possuem grande potencial de significação e transformação da realidade – seu atributo político. Tsupal (1987) observa que a leitura é a interação do indivíduo com o próprio mundo. Ler significa também ver, analisar e tentar compreender tanto o mundo exterior como interior do leitor.

Em se tratando especificamente do aspecto produtivo da linguagem escrita, a leitura é identificada na mediação da informação, proposta por Almeida Júnior (2009), como ação, pressupondo um sujeito-leitor produtor de sentidos, interagindo com um determinado texto impregnado de sentidos, escrito por outro sujeito-autor, também produtor de sentidos.

Assim, ao experimentar a leitura, o leitor executa um ato de compreensão, no qual Silva (1981, p. 44) afirma que “O propósito básico de qualquer leitura é a apreensão dos significados mediatizados ou fixados pelo discurso escrito”.

Estabelecendo-se então que leitura é atividade construtiva e criativa, sendo a compreensão a base da leitura e do aprendizado desta, Frank Smith faz considerações bastante pertinentes acerca dessa compreensão:

A que serve qualquer atividade, se a esta faltar a compreensão? A compreensão pode ser considerada como o fator que relaciona os aspectos relevantes do mundo à nossa volta – linguagem escrita, no caso da leitura – às intenções, conhecimento e expectativa que já possuímos em nossas mentes. E o aprendizado pode ser considerado como a modificação do que já sabemos, como uma consequência de nossas interações com o mundo que nos rodeia (SMITH, 2003, p. 21).

Compreensão e aprendizado assumem fundamentalmente o mesmo fato, relacionando o novo ao que já é conhecido. Nesse caso, se extrai sentido do mundo com o que já se possui na mente. Torna-se elucidativo então dizer que se pode extrair sentido do mundo, isto ocorre devido à interpretação das interações com o mundo, à luz das teorias. Ainda sob essa tônica,

Informação não-visual, memória a longo prazo e conhecimento prévio são termos alternativos para a descrição da *estrutura cognitiva*, a teoria do mundo na mente. [...] A teoria do mundo é a fonte da *compreensão*, à medida que o cérebro gera e examina, continuamente, possibilidades sobre situações no mundo real e imaginário. A base da compreensão é a *previsão*, a eliminação anterior de alternativas improváveis. As previsões são questões que fazemos ao mundo, e a compreensão é recebermos respostas relevantes a estas questões (SMITH, 2003, p. 39).

Torna-se evidente que a compreensão da leitura ultrapassa o código da escrita alfabética e a mera capacidade de decifrar caracteres, entendendo-se como

um processo de compreensão e produção de sentidos, sujeita a variáveis diversas, de ordens: social, psicológica, fisiológica, linguística entre outras.

O texto é gerado a partir dos significados atribuídos pelo autor quando em interação com seu mundo de significação, e é recontextualizado pelo leitor, que busca atribuir-lhe significado a partir da relação que mantém com o seu próprio mundo e com o autor, o qual delimita (sem oprimir) as possibilidades de construção de novos significados (FERREIRA; DIAS, 2004).

Na perspectiva do sujeito como produtor de sentidos, o leitor assume um papel atuante. Deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo, passando a ser um construtor, um coautor da informação ou do texto, como destaca Almeida Júnior (2009). Abarcando essa perspectiva, a leitura é vista como imprescindível na apropriação da informação, e o leitor, ao se apropriar da informação, do texto, não o faz de forma passiva, age ativamente, construindo significados:

[...] a leitura é uma das preocupações da ciência da informação e que essa faz parte do núcleo da apropriação da informação. A informação por ser intangível, precisa de um suporte para ser veiculada e apropriada e a decodificação desse documento pela leitura permite a apropriação da informação, possibilitando a transformação do conhecimento de quem lê. Esse processo é denominado pelo autor de mediação da informação (GUARALDO; ALMEIDA JÚNIOR, 2010, p. 192).

Constata-se que a apropriação implica na produção de sentidos, constituindo-se também num ato de construção do texto, por intermédio dos signos verbais. Pensar o ato da leitura é observar que a informação, o texto, não existe sem o leitor¹, que a leitura é ação envolvendo um conjunto de elementos – o leitor, texto, contexto, acreditando que o leitor tem atitudes de apropriação.

Verificou-se, por conseguinte, que a apropriação pressupõe uma alteração, uma transformação, uma modificação do conhecimento, sendo assim uma ação de produção e não meramente de consumo. Dessa forma, para que se suceda o conhecimento, faz-se necessário os saberes já apropriados pelo leitor, gerando,

¹Almeida Júnior (2009) defende que o profissional da informação trabalha com uma informação latente, uma quase-informação. A informação só se concretiza no contato do usuário com o suporte informacional, assim ela não existe à priori. Nesse intervalo, existe somente um protótipo, uma possível informação, a qual o autor denomina como proto-informação, uma vez que ela não é, ainda, antes da relação com o usuário, uma informação.

consequentemente, novos estados de conhecimento, que, aplicados, provocariam transformação social.

Desse modo, a mediação da informação proposta por Almeida Júnior (2009) permite e exige a concepção de informação que desloque o usuário da categoria de mero receptor, colocando-o como ator central do processo de apropriação. Essa concepção adquire uma consciência que direciona para um novo olhar:

O olhar passa a ser outro, desloca-se: em lugar da mirada sobre os objetos em si, agora a atenção está sobre as práticas dos sujeitos que se apropriam dos objetos que circulam para construir significados. Olhar que não está interessado em somente descrever, mas, sim, em interrelacionar(-se), construir junto, compartilhar. Em compreender, informar e ler como formas de reinventar, recriar, reescrever o mundo (NÓBREGA, 2009, p. 98).

Ao verificar uma pedagogia adequada para as práticas de leitura em bibliotecas, Freire (2003), diz que em seu processo de alfabetização, a leitura resultava sempre na percepção crítica, interpretação e reescrita do texto.

É neste sentido que a leitura crítica da realidade, [...] associada sobretudo a certas práticas claramente políticas de mobilização e de organização, pode constituir-se num instrumento para o que Gramsci chamaria de ação contra-hegemônica (FREIRE, 2003, p. 43-44).

Ezequiel T. da Silva (2003) sugere um possível modelo de leitura a ser explorado criticamente na leitura dos textos. O esquema metodológico é verificado como um movimento de interpretação, que vai do constatar, em seguida ao cotejar e, por fim, ao transformar.

A constatação é caracterizada pela leitura preliminar do texto, realizada individualmente pelo sujeito. Nesse instante, o leitor desvela os significados pretendidos e indiciados no texto, para, em seguida, reagir, questionar e problematizar com criticidade. Essa criticidade o faz posicionar-se diante delas, dando início ao cotejamento das ideias encontradas nessa fase. Nesse contorno, o cotejar se constitui pela partilha coletiva com os demais sujeitos e com o mediador dessas primeiras constatações. Ou seja, através dos atos de evidenciar e refletir, novos horizontes se abrem para os leitores. A última etapa, o transformar, caracteriza-se pela produção de mais sentidos, momento em que se pode agir sobre

o conteúdo do texto. Esse processo só terminaria quando, após a leitura crítica, os sujeitos-leitores fossem levados a elaborar outros textos vinculados à realidade concreta vivida por eles.

2.3 Mediação da Informação

Considerando que a mediação permeia todas as atividades do profissional da informação, a identificação da ação de mediar leitura em equipamentos informacionais, inicia-se com as propostas de estudos apresentados por Almeida Júnior (2009), enquanto define a mediação da informação como:

Toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional (ALMEIDA JUNIOR, 2009, p. 92).

A mediação distingue em cada indivíduo um ser único, observando suas diferenças, também considera todo o contexto social do qual o ator social faz parte. Ao tecer essa consideração, direciona-se o foco em projetar o usuário como ser ativo e participativo, dissipando-se a ideia de usuário como mero receptor, posicionando-o como ator central do processo de apropriação da leitura e da informação.

A mediação permite a produção, a circulação e a apropriação da informação, o que pressupõe considerar o equipamento informacional público constituindo-se em dispositivos produtores de sentidos na apropriação das informações. Os estudos na mediação da informação concebem o conceito de informação como uma estrutura que tem em seu cerne a potencialidade da significância, eclodindo ao confrontar-se com a realidade conceitual do indivíduo e que para isso necessita de um suporte (vocal, impresso, virtual) como veículo de comunicação.

Assim sendo, a mediação é vista como um processo histórico social, ressaltando a concepção que destaca a interferência e apropriação. A imparcialidade e a neutralidade tanto dos profissionais quanto dos leitores, nunca se concretizam. Nessa perspectiva, a mediação, de que gênero for, é um ato eminentemente intencional em que o sujeito mediador e o sujeito mediado, por mais

que busquem ser isentos, influenciam e são influenciados pelos seus valores pessoais e ideologias (BORTOLIN, 2010, p. 112-113).

A ideia de neutralidade, tanto do mediador como do processo de mediação, torna-se claramente inapropriada e o momento da relação/interação profissional da informação x usuário é estruturado não como algo estanque e fracionado no tempo, mas envolvendo os personagens como um todo, os conhecimentos conscientes e inconscientes, e o entorno social, político, econômico e cultural em que estão imersos. A mediação da informação é um processo histórico-social (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 93).

A mediação da Informação propõe que o fazer do profissional da informação deva estar integrado com a comunidade a qual atende, realizando ações nos espaços para a apropriação da informação. Nessa probabilidade, é necessário bastante cuidado por parte desses profissionais, com a informação, já que essa matéria-prima não é neutra, pois ao manipulá-la, a neutralidade e imparcialidade nunca existem.

A interação do bibliotecário com o leitor é vista, desta forma, como envolvendo esses protagonistas em torno do social, político, econômico e cultural nesse contexto em que estão abarcados. É uma relação desses atores com o mundo, em que se aproximam aspectos de conhecimentos conscientes e inconscientes.

Na mediação da informação, as atividades do bibliotecário derivam-se em mediação implícita e explícita. A mediação implícita ocorre nos espaços informacionais onde as atividades (seleção, armazenamento e processamento) são desenvolvidas sem a presença física e imediata dos leitores.

Apresentando os fundamentos da mediação implícita no contexto da biblioteca pública, compreende-se:

a) sinalização e adequação dos espaços, considerando a sinalização externa, interna, uso dos espaços; fachadas.

b) formação e desenvolvimento do acervo, contemplando os processos de seleção, aquisição, desbastamento, descarte, avaliação, entre outros elementos.

c) organização e representação da informação.

A mediação explícita acontece nos espaços onde a presença do leitor é concreta, relacionando-se com atividades nas quais existe um alto grau de interação entre leitor e bibliotecário, como a Disseminação Seletiva da Informação (DSI), o Serviço de Referência e Informação (SRI) e a Mediação da Leitura (real e virtual). Nesse caso, a mediação explícita pode abarcar as seguintes noções:

a) **mediação da informação para a leitura**, considerando não somente a leitura da palavra (que muitos reduzem de forma equivocada apenas a leitura literária), mas principalmente a leitura de mundo (aquela leitura do cotidiano do usuário que motiva a construção de conhecimento para a vida).

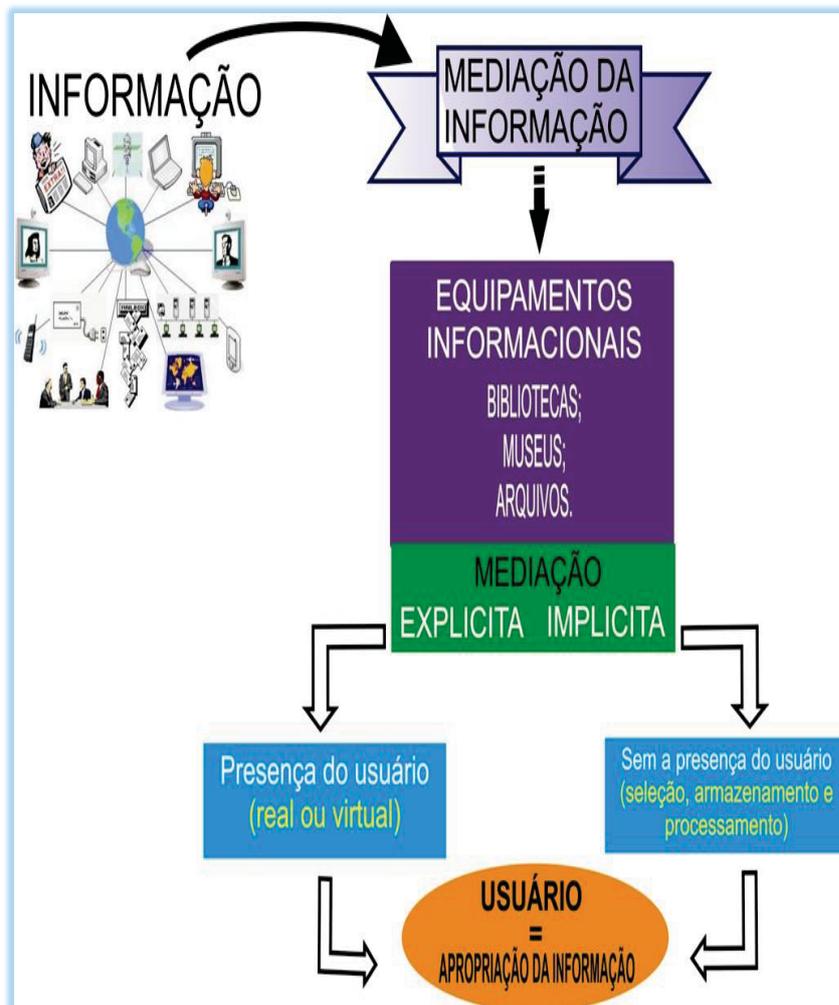
b) **mediação da informação para a pesquisa** estimulando competências para professores, bibliotecários e alunos, pois a pesquisa é a chave para instigar o pensamento e a construção de um conhecimento mais sólido e coletivo.

c) **mediação da informação no contexto dos serviços**, como o serviço de referência – fundamental para a existência de qualquer biblioteca, inclusive a pública, de modo que contemple as atribuições básicas e fundamentadas que uma biblioteca deve empreender em sua lógica de atuação pedagógica -, serviço de informação utilitária - insurge como uma efetiva proposta de mediação que pode contemplar várias questões do cotidiano, como saúde, educação, cultura/lazer, trabalho, entre outras.

d) **uso das tecnologias de informação e de comunicação** que pode ser útil, tanto na mediação implícita, considerando o uso de um sistema de informação para registros dos documentos, na formação e desenvolvimento de um acervo virtual, no uso de fontes virtuais de informação, como sites, portais, blogs etc., na própria sinalização da biblioteca, que pode contar com alguns programas de diagramação estratégicas, entre outros, quanto na mediação explícita que envolve o estímulo à leitura, pesquisa e os serviços de informação, especialmente referência e informação utilitária.

A mediação pode acontecer de diferentes formas: pode ser aquela que somente transponha a informação de um formato (texto do documento) para outro (resumo, palavras-chave); ou pode ser - deveria ser – uma mediação que reflita todo o fazer do mediador (profissional da informação) e deixe implícita sua interferência (e não sua manipulação), objetivando a melhor forma de representar o conteúdo informacional do documento (TONELLO; LUNARDELLI; ALMEIDA JÚNIOR, 2012).

Figura 1 - Mediação Implícita e Explícita



Fonte: elaborada pelo autor

Em qualquer mediação (implícita ou explícita) o leitor irá apropriar-se das informações no instante em que é gerada uma transformação em seu conhecimento, produzindo novos significados.

Nesse contexto, a construção do conhecimento nos espaços informacionais depende de condições simbólicas na produção de linguagem, situando a mediação

como ação vinculada à vida, ao movimento e ao processo de construção de sentidos (GOMES, 2010, p. 88).

Nessa possibilidade, a mediação relaciona-se com a comunicação, caracterizando-se como um processo de intersubjetividades, resultante da negociação e da disputa de sentidos, o que permite aos sujeitos ultrapassar e interpenetrar esses sentidos e gerar novas significações. Os sentidos não são imanentes aos objetos, mas são construídos processualmente por sujeitos interpretantes, apoiados em linguagens e dispositivos como as bibliotecas.

Para Pieruccini (2007) O conceito de dispositivo foi inicialmente desenvolvido por Foucault para o campo das Ciências Sociais, implicando noção de intencionalidade. Posteriormente, o conceito foi ampliado para a noção de toda ação, de elementos humanos ou materiais, realizada em função de um objetivo a ser atendido. Deste modo, um dispositivo é uma instância, um local social de interação e de cooperação com suas intenções, seu funcionamento material e simbólico, enfim, seus modos de interação próprios.

Tal perspectiva introduz uma visão simbólica à concepção de dispositivo, que passa a ser considerado em duas dimensões - material e simbólica - da mediação e, se aplicado ao campo da informação e do conhecimento, permite constatar que o indivíduo é compreendido nos processos de significação do mundo, passando a partilhá-los com os objetos, os artefatos, as ferramentas, dentre outros em geral, constituindo-se, ao mesmo tempo, instância de comunicação e de formação mediatizada.

A mediação permite a produção, a circulação e a apropriação da informação, produzindo sentidos, tanto para o leitor, quanto para o profissional da informação. O leitor reconstrói os significados ao se apropriar da informação, sendo que esta apropriação é efetivada a partir da leitura. Desse modo, a leitura está no cerne da apropriação da informação (ALMEIDA JÚNIOR, 2009).

Nessa esfera, a mediação da informação considera o leitor como ator social ativo e participativo em seu processo. O leitor desloca-se da categoria de simples receptor e coloca-se como ator central do processo de apropriação. Essa noção

funde-se com a ideia de produção, de ação, realizada sempre num contexto histórico social.

2.4 A Leitura Mediada na Biblioteca Pública

A leitura e a escrita são na contemporaneidade ferramentas decisivas para que os atores sociais possam desenvolver de maneira plena seu potencial humano. Na leitura é preciso imaginar, portanto, tratar-se de um ato de criação permanente. Nessa perspectiva, não existe na leitura nenhum critério apriorístico, sendo entendida como atividade social e interativa, voltada à construção de sentidos, gerados na interlocução leitor-texto-autor. A partir desses argumentos, a leitura não pode mais ser vista sob uma perspectiva mecanicista. Neste enfoque, cuja pretensão é a de reduzir o ato de ler numa mera reprodução do que está no texto, segundo o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), (BRASIL, 2010, p. 32), “tem sido um dos mais graves obstáculos para o desenvolvimento da leitura e da escrita”.

Ribeiro (2010, p. 39) expõe esse agravante,

Proibir que um aluno, no instante em que lê, esqueça tudo o que o constitui enquanto sujeito, consiste em privar-lhe do acesso à leitura. Considerar uma leitura “correta” ou “incorreta” é defender o ideal do logocentrismo, que pressupõe a origem do significado como algo presente na palavra. Nesse equívoco pode estar uma das causas para alguns dos problemas ligados ao ensino de leitura nas escolas em geral, como a falta de interesse dos alunos e metodologias de ensino de leitura inadequadas.

Ainda que a biblioteca pública seja um espaço adequado para o contato dos atores sociais com as práticas leitoras, pesquisas como *Retratos de Leitura no Brasil* (2008), julgam que esse ambiente não tem sido explorado adequadamente para colaborar na formação do leitor.

Notadamente, o baixo índice de leitura no Brasil talvez seja o obstáculo mais comprometedor para a superação das dificuldades e é consequência das condições socioeconômicas e educacionais da população brasileira (ROSA; ODDONE, 2006, p. 183).

Por outro lado, transformar o Brasil em um país de leitores não é tarefa simples:

Sobretudo no contexto da sociedade da informação, no qual novos suportes informacionais direcionam as políticas não apenas para as práticas leitoras e para a alfabetização cidadã, mas principalmente para o domínio das novas tecnologias, muitas vezes distantes da formação do cidadão leitor e apenas instrumentalizadoras de habilidades primárias que tem como objetivo incluir o cidadão nessa sociedade (ROSA; ODDONE, 2006, p. 185).

De qualquer modo, nas últimas décadas, observa-se expectativa crescente de que a biblioteca pública extrapole os objetivos básicos de repositório e guarda de patrimônio documental, para constituir-se como espaço cultural, de formação de leitores, tornando-se um equipamento dinâmico e efetivo dessa formação. Atualmente, entende-se que é cada vez mais evidente que “El eje del movimiento recursivo em el espacio de la biblioteca entre usuário y bibliotecário es la lectura” (ALFARO LÓPEZ, s/d, p. 12).

Cavalcante (2010) salienta que cabe à biblioteca pública a responsabilidade de fornecer à comunidade o acesso à informação e à leitura, de modo democrático e com qualidade. Destarte, a inserção do sujeito numa sociedade leitora depende de políticas e de dispositivos socioculturais, não ocorrendo espontaneamente. Apostar em políticas, estratégias e articulações que envolvam governos, setores público e privado e sociedade civil são consideradas estratégias eficazes para uma consolidação no esforço de formar leitores.

Retrospectivamente, os programas de leitura no Brasil iniciam-se em 1937 com a criação do Instituto Nacional do Livro (INL). Em 1961 surge o Serviço Nacional de Bibliotecas (SNB), com o objetivo de criar, organizar e estruturar bibliotecas públicas em todo o país.

O Sistema de Bibliotecas Públicas do Estado de São Paulo foi criado em 1984, tendo à frente Luis A. Milanese, propondo trabalhos na área cultural. No ano de 1987 o INL e a Biblioteca Nacional passaram a integrar a Fundação Pró-Leitura. Entretanto, sua vigência foi curta, em 1990, no governo Collor, suas atribuições e acervo foram transferidos para a Biblioteca Nacional. A preocupação da política dos programas de incentivo à leitura relacionada à biblioteca pública, durante a história

nacional, se concentrou no controle de todo o material escrito, entendendo que fazem parte da veiculação de uma ideologia.

Em 1992 foi criado o Sistema Nacional de Biblioteca Pública e o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER). Nessa mesma década, começou a tomar força a ideia de que a biblioteca tem um papel a cumprir em relação às práticas de leitura. Em 2006 foi lançado o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), que possui quatro eixos estratégicos, vinte linhas de ação e um calendário anual de eventos. Suas diretrizes, além de voltadas à leitura, ao livro, à biblioteca, definem estratégias quanto à formação de mediadores. O destaque dado pelo Plano à leitura associa-se estreitamente “à questão geral da competência em informação (information literacy) e do aprendizado ao longo da vida [...]” (BRASIL, 2010, p. 31).

Pensar a ação do bibliotecário como mediador da informação no âmbito da dimensão sociocultural, intenta assim trazer para reflexões o quanto a atuação desse profissional pode proporcionar a valorização e transformação do espaço sociocultural da comunidade a qual atende ao promover tanto o consumo quanto a produção de informação, cultura e o conhecimento na biblioteca pública.

Historicamente, a biblioteca pública, mantida pelo Estado com foco em atender toda a sociedade, surgiu em meados do século XIX, nos Estados Unidos e Inglaterra. Assim, como as bibliotecas desses países, as bibliotecas públicas brasileiras surgiram com o objetivo de dar suporte à educação, sendo que com o passar do tempo, outras funções incorporaram-se como a cultural, a recreativa e a informacional. Atualmente, a atuação da biblioteca pública na construção de uma sociedade inclusiva e igualitária traz como consequência a incorporação de uma função adicional: a de garantir o acesso à informação também em meio digital, sobretudo pelo uso da internet.

Como tal, as bibliotecas públicas representam um recurso altamente valioso e de amplo acesso dentro do panorama brasileiro informacional, educacional e cultural. No entanto, a forma como esses potenciais são encarados e aproveitados por parte dos bibliotecários que atuam nessa área, talvez não se faça presente de forma ativa.

Bortolin (2010) observa a necessidade de se ampliar a atuação dos bibliotecários nas práticas de leitura, atendendo diversificados grupos da população. A autora ainda destaca um aspecto importante: a maioria dos bibliotecários não conhece as teorias de leitura, precisando de subsídios para exercer a mediação de leitura.

Nóbrega (2009, p. 108) adverte que, para considerar a biblioteca como lugar de inquietação, “será necessário que nela ocorram reflexão e práxis biblioteconômicas com elementos que instaurem potencialidades leitoras”.

Da mesma forma, ainda acompanhando Bortolin (2010) evoca-se uma biblioteca leitora, onde realmente os que trabalham nela possam ler e provocar leituras, ao contrário de uma biblioteca-vitrine bem arranjada apenas expondo seus incontáveis suportes, sem, no entanto, desnudar seus textos.

O bibliotecário não pode se esquivar da mediação da leitura, visto que o ato de ler precede o ato de se informar, descobrir e investigar. Portanto, a tarefa de mediar leitura é tão fundamental quanto disponibilizar documentos (impressos ou eletrônicos) aos leitores. Para Barros (2006, p.17) “[...] mediar leitura é fazer fluir a indicação ou o próprio material de leitura até o destinatário-alvo, eficiente e eficazmente, formando leitores”.

Almeida Júnior e Bortolin (2008) percebem o mediador de leitura numa possibilidade de interferir eticamente no cotidiano do cidadão, fomentando o seu desejo e a sua necessidade de ler e de buscar informação, para que ao construir o seu conhecimento ele, conseqüentemente, construa a sua vida.

Dessa forma, o processo de formação de mediadores de leitura pressupõe a formação de profissionais da informação, também como sujeitos leitores. Atuando como leitores e escritores do mundo a partir da inserção e da interpretação de suas próprias realidades, estarão também, ampliando seus horizontes, conhecimentos e capacidades de compreensão leitora e de escrita através das linguagens artísticas e do acesso aos saberes e à produção cultural universal. A mediação explicitada aqui, leva em conta fatores extrínsecos e intrínsecos, relativos ao objeto, ao sujeito e ao agente da leitura: o texto, o leitor e o mediador.

A mediação da leitura também pressupõe a formação do mediador enquanto leitor de textos literários. Nesse caso, Bortolin (2010, p. 114) conceitua a Mediação Oral da Literatura (MOL), “como a interferência casual ou planejada visando a levar o leitor a ler literatura em diferentes suportes e linguagens”.

Quanto às várias possibilidades de se fomentar a leitura em biblioteca pública, as atividades mais comuns e desenvolvidas no âmbito dessas instituições são: hora do conto, roda de leitura, encontro com autores, feira de livros, oficinas de produção e leitura de textos, concursos literários, saraus, lançamentos de livros, instalações homenageando autores, criação de espaços para sugestões de leitura, fanzines e jornais impressos ou eletrônicos, clube do livro, exposição, dramatização de histórias (teatro), murais, cinema na biblioteca, palestras, jograis, encontro com cordelistas etc.

O exercício dessas e outras práticas leitoras, diversificadas e dinamizadas no espaço da biblioteca, podem refletir em práticas culturais como ferramentas de desenvolvimento da cidadania e formação do leitor. Ainda que em sua história, a biblioteca pública pouco tenha representado para a população, suas ações voltadas à ação cultural e pedagógica podem configurar-se em possibilidades de apropriação e produção, quanto ao conhecimento individual ou compartilhamento de saberes.

Na perspectiva da biblioteca em relação ao desenvolvimento local, observa-se que através dessas práticas sociais e a biblioteca possa promover o protagonismo das comunidades locais, estimulando a inclusão social com base na valorização da diversidade.

Quando a biblioteca pública valoriza o conhecimento local, trabalha com o *empoderamento*, valorizando expressões individuais e coletivas, garantindo tanto a socialização quanto a produção de múltiplos conhecimentos. Assim, a sistematização representa uma visão contrária à homogeneização do conhecimento, pois valoriza as especificidades locais e acredita na capacidade interpretativa dos atores sociais. Há a necessidade de se verificar ainda que as políticas públicas pensem a biblioteca como organismo de promoção e de apropriação da leitura (BARRETO, 2004, p. 43).

No sentido de promoção, o leitor é receptor e, no sentido de apropriação, o sujeito é produtor de significados. Nessa perspectiva, a percepção que se tem do sujeito como produtor é vista como produção de conhecimento, redundando em atuação social transformadora.

As práticas leitoras e informacionais de apropriação das informações culturais atendidas pelos equipamentos informacionais, segundo Nóbrega (2009, p.97), “[...] modificam-se e produzem sentidos que desembocarão em outros textos, e outros, num processo infinito de releituras, numa polifonia de vozes e reflexos”.

Entendida assim, as práticas leitoras, através da mediação cultural, favorecem novos sentidos e, conseqüentemente, dos textos a fim de compreendê-los não como algo estático, pronto, mas, sim, como construção.

Assim, a promoção de novas teorias, recursos e estratégias de interação humana, segundo Belluzzo (2007), requer a promoção de uma aprendizagem com significado ante a necessidade de cooperação e o compartilhamento de informação e conhecimento, visando à inovação, o exercício da cidadania e o desenvolvimento social. Essa noção compete em verificar que a informação pode ser obtida da estruturação dos dados, agregando potencialmente significação, resultando em transformação, portanto em conhecimento.

Os equipamentos culturais prestadores de serviços de informação e de comunicação, na contemporaneidade, devem inserir-se nas exigências de uma sociedade em mudança veloz, e os profissionais atuantes, necessitam perceber a seriedade de se transferir os novos princípios de gestão de pessoas, no que tange ao estímulo, manutenção e desenvolvimento de competências necessárias para os leitores à comunidade. Cabe, portanto, aos bibliotecários concretizarem ações de aprendizagem nesses ambientes informacionais.

Com a intenção de subsidiar melhor essas reflexões, apresenta-se no próximo capítulo alguns fundamentos teóricos acerca dos novos paradigmas que norteiam esse processo de mudança social e que estão diretamente envolvidos com a educação dos leitores.

3 EDUCAÇÃO E COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: O SABER AGIR INFORMACIONAL DO BIBLIOTECÁRIO MEDIADOR

Questões referentes à formação do bibliotecário como mediador trazem à tona as competências necessárias para formar cidadãos leitores. Considerando, portanto, a inclusão da competência em informação como um dos conteúdos importantes para a formação do bibliotecário, este capítulo tem como objetivo mapear os atributos de competências (conhecimentos, habilidades e atitudes) necessários à atuação do bibliotecário como mediador da leitura, especificamente em bibliotecas públicas, para a mediação cultural no âmbito da educação.

Nesse sentido, é importante contextualizar o conceito de competência, na perspectiva do bibliotecário mediador da leitura. Na literatura que trata sobre esse tema, alguns autores associam competência ao contexto educativo, de modo a melhorar os processos de ensino e aprendizagem.

Nessa sociedade pós-industrial em que vivemos, o advento da globalização, o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação alteraram significativamente as formas de interação social, o processo de aprendizagem, o cotidiano das organizações e as atividades profissionais.

A sociedade, em sua dinâmica inovadora, em sua busca de soluções para os problemas que a preocupam cotidianamente, no sentido globalizante e integral dos conflitos que são gerados, precisa unir forças com responsabilidade, mobilizando-se a fim de buscar soluções para uma problemática mundial de defasagem humana. Essa defasagem, segundo Tébar (2011), é definida expressando a distância que existe entre essa crescente complexidade e nossa capacidade de enfrentá-la.

Tais fatores incidem num conjunto de limitações educativas e problemas institucionais e profissionais implicando num abandono quase total do educando e, consecutivamente do leitor.

Essas problemáticas sociais impactam diretamente sobre as atividades do bibliotecário, demandando a necessidade de desenvolver ações em prol da

aprendizagem contínua, na busca pelo domínio de conhecimentos e técnicas, que possam proporcionar o aperfeiçoamento de suas atividades profissionais.

Nessa perspectiva, a graduação no ensino superior é apenas a base para o exercício de uma profissão. A partir de então, cabe ao profissional buscar o aprimoramento de suas competências de forma que possa manter-se atualizado em sua área de conhecimento (CONCEIÇÃO, 2011).

De acordo com Cunha, Silva e Menezes (2000), a preocupação quanto à capacitação profissional do bibliotecário é algo que remonta à década de 50 do século anterior, quando foi realizado, em 1956, o primeiro curso formal de educação continuada para profissionais da informação, promovido pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), que a partir da década de 70, denomina-se Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

Historicamente, o bibliotecário se constituiu mediador entre as necessidades de informação e os leitores. O papel do bibliotecário nos ambientes educacionais torna-se mais forte quando se analisa a capacidade do profissional em aprender e a disseminar o conhecimento aos seus leitores.

Todas as conceituações e características da competência em informação apresentam uma relação com a educação. Desse modo, espera-se que o bibliotecário, profissional melhor capacitado para a gestão da informação, seja a peça chave para que a competência em informação chegue às escolas, universidades e bibliotecas.

Hatschbach e Olinto (2008) afirmam que a primeira questão que se coloca à avaliação da competência em informação diz respeito à interdisciplinaridade, tendo sido considerada resultante da interação da Ciência da Informação e da Biblioteconomia com teorias educacionais contemporâneas. Interação essa, diga-se, pelo incentivo das necessidades impostas pela “sociedade da informação”.

O desenvolvimento da competência em informação necessita ter um espaço durante toda a vida dos sujeitos e, especialmente, em seu período de educação, momento em que os bibliotecários, como parte da comunidade de aprendizagem e

como especialistas na gestão da informação, devem ou deveriam assumir o papel principal no ensino de habilidades em informação (LAU, 2007, p. 4).

Nos espaços das bibliotecas, por meio da criação de programas integrados aos currículos (aqui especialmente as bibliotecas escolares e universitárias), os bibliotecários devem contribuir ativamente com o processo educativo dos alunos em seus esforços para a melhoria ou o desenvolvimento das habilidades, conhecimentos e valores necessários a sua conversão em aprendizes ao longo da vida.

Diga-se que a informação passou a ser uma fonte vital para as economias mundiais e, certamente, é o componente básico da educação, sendo também um elemento essencial para os avanços científicos e tecnológicos.

As necessidades do bibliotecário como facilitador de instrução e conhecimentos impõe um desafio, que segundo Lau (2007, p. 31), “[...] devem ser capacitados na busca de aprendizagens para aprender ou melhorar suas habilidades como facilitadores de aprendizagem”.

No cenário brasileiro, os estudos sobre competência em informação, relacionados à Biblioteconomia e à Ciência da Informação, repercutiram a partir dos estudos de Carenagto (2000), Hatschbach (2002) e Dudziak (2003), que apresentaram em suas pesquisas questões sobre os conceitos da competência em informação e sua aplicabilidade como função pedagógica na educação dos usuários.

Como não existe uma tradução exata para a terminologia *information literacy* em língua portuguesa, diferentes terminologias vêm sendo utilizadas no contexto nacional para designar essa competência e que não há ainda uma definição oficial, sendo encontradas na literatura especializada várias denominações como: competência informacional, letramento informacional, alfabetização em informação, alfabetização informacional e competência em informação. No entanto, optou-se pelo emprego do termo competência em informação por estar em consonância com as ideias de Belluzzo (2012), texto enviado pela autora via mensagem eletrônica:

O termo Competência Informacional, por exemplo, é um neologismo, além de ser também uma adjetivação e remete, originalmente, à

tecnologia de informação (TI). **O bibliotecário tem como objeto a informação**, embora possa trabalhar com apoio da tecnologia, por isto deve-se considerar o uso de Competência em Informação como o mais recomendado. Os termos Alfabetização Informacional e Letramento Informacional, além de serem também neologismos e adjetivações, ainda têm provocado ruídos em relação aos professores e educadores que não aceitam que o bibliotecário possa ser um alfabetizador, por considerar que essa é uma prerrogativa da área de educação (BELLUZZO, 2012, grifo da autora).

Historicamente, o termo *information literacy*, cunhado pelo bibliotecário norte-americano Paul Zurkowski, aparece na literatura em 1974 através de um relatório que descreve produtos e serviços por instituições privadas e suas relações com as bibliotecas (DUDZIAK, 2003).

Já nesse período, Zurkowski previa um cenário de mudanças, sugerindo que se iniciasse um movimento em direção à *information literacy*. Desde essa época, o bibliotecário nos EUA é visto como um profissional da informação, perfil esse que está associado ao profissional que não executa apenas trabalhos técnicos e administrativos, mas também aquele que promove a disseminação e a mediação da informação (BECKER; GROSH, 2008, p. 37).

Muitos são os enfoques que abordam a competência em informação, porém, atualmente, acompanha-se a concepção de competência em informação voltada para o aprendizado ao longo da vida, sendo definida por Dudziak (2003, p. 28) como,

O processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessário à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua distância, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida.

Ainda de acordo com Dudziak (2003), os componentes que sustentam o conceito de competência em informação são: o processo investigativo; o aprendizado ativo; o aprendizado independente; o pensamento crítico; o aprender a aprender e o aprendizado ao longo da vida.

Dessa maneira, entende-se que a competência em informação constitui-se em processo contínuo de interação e internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades específicas como referenciais à compreensão da

informação e de sua abrangência, em busca da fluência e das capacidades necessárias à geração do conhecimento novo e sua aplicabilidade ao cotidiano das pessoas e das comunidades ao longo da vida (BELLUZZO, 2007).

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), há muito tempo, advoga pela causa da educação em todas as formas de alfabetismo por perceber a existência de uma relação direta de causa e efeito entre analfabetismo, pobreza e exclusão social. Destarte, a questão geral da competência em informação e do aprendizado ao longo da vida são aspectos que têm merecido especial atenção por parte da Unesco em diretrizes e políticas para os próximos anos. Sob essa perspectiva, a competência em informação encontra-se no cerne do aprendizado ao longo da vida, constituindo direito humano básico num mundo digital, necessário para a promoção do desenvolvimento, a prosperidade e a liberdade – no âmbito individual e coletivo – criando condições plenas de inclusão social.

Dessa maneira, para Belluzzo (2008), a educação é parte desse cenário de transformações, devendo ser considerada como um referencial às condições de desenvolvimento e inovação na chamada “sociedade da informação” ou “sociedade do conhecimento”.

Para Suaiden, (2000, p. 57), “a sociedade da informação traz no seu bojo as questões da globalização, das novas tecnologias e do modelo de desenvolvimento sustentável”. Essas questões por sua vez, contradizem a realidade da biblioteca pública brasileira que, enquanto segmento participante da sociedade da informação, ainda vive à margem, com mais atribuições do que realmente pode abarcar e às voltas com a eterna “[...] batalha que trava para responder às inquietações da sociedade sobre seu papel, a biblioteca pública perde cada vez mais prestígio e poder, deixando de ser o grande centro disseminador da informação [...]” (SUAIDEN, 2000, p. 58).

Mattelart (2006, p. 171) reflete que, “[...] vocabulário da sociedade da informação se impôs como um logotipo da assim chamada globalização. As duas noções contêm a mesma ambigüidade”. A realidade das bibliotecas públicas deixa esta afirmação bem viva, pois não é apenas por tratar ou ter a informação como

objeto de trabalho que a biblioteca pública pode atuar significativamente na sociedade da informação, mas por compreender que faz parte do rol de instituições que dão suporte à chamada sociedade da informação.

Conforme Cunha (2003, p. 72),

A sociedade da informação, nos diferentes espaços geográficos em que vem sendo concebida, atribui à biblioteca pública a missão especial de assegurar a democratização do acesso em rede, a oferta de produtos e serviços de qualidade que contribuam para diminuir as desigualdades sociais e estimular os usuários a utilizar a internet como instrumento de ampliação de conhecimento e convivência [...].

O papel da biblioteca pública na sociedade da informação será efetivado quando esta estabelecer relações estreitas com a sua comunidade usuária, tendo-a como foco principal de atuação, sendo imprescindível no que se fizer necessário, proporcionando o acesso à informação em qualquer suporte a qualquer pessoa e em qualquer tempo, inserindo sua clientela no processo global permeados pelo acesso às tecnologias da informação e da comunicação.

Assim, a biblioteca deve ter estreita ligação com essa nova concepção (o aprendizado ao longo da vida) com ampla possibilidade de propiciar o desenvolvimento do gosto pela leitura e a aprendizagem com sentido e significado, enquanto experiências essenciais no processo educacional.

Refletir o papel do bibliotecário como agente educacional e a biblioteca pública enquanto equipamento multicultural e pluralista, torna-se a base da transformação para o século XXI, voltada para a competência em informação, no que tange ao conhecimento, habilidades e atitudes dos bibliotecários como mediadores da leitura.

Na sociedade atual, o papel educativo do bibliotecário torna-se mais evidente tendo em vista a sua atuação mediante suas competências específicas como mediadores da leitura. Os profissionais que atuam nos equipamentos informacionais públicos, a exemplo das bibliotecas públicas, podem implementar ações culturais para o desenvolvimento de habilidades nos usos da informação pelos usuários, contribuindo para a melhoria das capacidades de leitura do seu público.

No Brasil, o destaque para o problema da leitura pode ser compreendido pela constatação de que parte da população, mesmo tendo sido alfabetizada, não domina as habilidades de leitura e de escrita que possibilitariam uma participação mais efetiva e competente nas práticas sociais e culturais que envolvem a língua escrita. Refletir, portanto, sobre o papel do bibliotecário e da função educativa das bibliotecas públicas na formação do leitor são projetos que envolvem a competência em informação.

Os bibliotecários, por conseguinte, necessitam estar atentos ao desenvolvimento de suas competências, para que sejam capazes de situarem-se no centro da organização, sendo elementos fundamentais para a transformação e adequação desses ambientes às novas tendências e expectativas da sociedade (BELLUZZO, 2011).

Nessa proposta, os bibliotecários podem transformar os equipamentos em que atuam em ambientes e espaços voltados para a aprendizagem e construção de conhecimentos, reconhecendo a leitura como via de acesso à informação, que fundamenta a construção desses conhecimentos.

Desse modo, as ações de mediação da leitura são vistas como processos de inclusão cultural e de emancipação de grupos e indivíduos. Percebidas também como práticas essencialmente sociais e culturais, leitura e escrita apresentam duas faces distintas, mas inseparáveis, de um mesmo fenômeno, que expressam a multiplicidade de visões de mundo, interpretações que se reportam a amplos contextos. Constituem assim elementos fundamentais para a construção de sociedades democráticas, baseadas na diversidade, na pluralidade e no exercício da cidadania.

As práticas de leitura e escrita podem ser vistas numa perspectiva que se reconhecem três dimensões, de acordo com o PNLL (BRASIL, 2010, p. 32): “a cultura como valor simbólico, a cultura como direito de cidadania e a cultura como economia”.

Como não há preponderância de uma dimensão sobre a outra, embora os focos da acessibilidade e do valor simbólico contemplem, mais definitivamente, as

dimensões educacionais (direito e cidadania) e culturais da leitura. Nessa tônica, a dimensão econômica deve, assim, equilibrar-se por essas duas outras, gerais e geradoras de bens públicos.

3.1 Aprendizagem e Interação Mediada

A mudança nos paradigmas pedagógicos é um imperativo. Sabe-se que a escola não é o único ambiente de aprendizagem significativa e de desenvolvimento das potencialidades humanas. Aliada a esta instituição de ensino, as bibliotecas podem fundamentar o futuro das pessoas e da sociedade, não devendo ser desprezada, ao contrário, os equipamentos culturais são vistos como organismos de vital importância no estímulo ao desenvolvimento cultural.

O Brasil chega ao século XXI com desdobramentos nefastos que se espraiam não apenas no âmbito do universo da cultura e da educação, mas, naturalmente, da economia, das práticas políticas e de potencial de desenvolvimento. Diversas pesquisas, realizadas nos últimos anos, empenharam-se em apresentar contornos nítidos do cenário em que se inserem a questão da leitura, do livro, da inclusão digital no país, permitindo maior consciência das mazelas que afligem o setor e oferecendo dados concretos para que se possa buscar sua superação.

A expansão do enfoque mediador na área da Ciência da Informação consolida-se de forma insuspeita nos últimos anos. A mediação da leitura, aliada à competência em informação, pode reunir elementos de um novo paradigma que corresponda às exigências da alteração educativa na biblioteca, que aponte para o perfil pedagógico do bibliotecário mediador, necessário à sociedade do conhecimento e das mudanças incessantes.

Apreendendo a informação imersa em ideologias, apresentando sempre interesses, sejam econômicos, políticos, culturais etc., destaca-se que há uma interferência. Opostamente ao pensamento hegemônico, nos processos mediadores, a neutralidade tanto do leitor, do mediador como no processo de mediação, jamais se concretizam. Torna-se inapropriado pensar este processo de forma imparcial, de forma neutra.

O momento da interação do profissional da informação e do leitor estrutura-se não como algo estanque e fracionado no tempo, mas envolvendo os personagens como um todo, os conhecimentos conscientes e inconscientes, e o entorno social, político, econômico e cultural em que estão imersos. Sendo um processo histórico social, o momento em que se concretiza não é um recorte de tempo estático e dissociado de seu entorno. Ao contrário: resulta da relação dos sujeitos com o mundo (ALMEIDA JÚNIOR, 2009).

O espaço informacional constitui-se ao mesmo tempo como objeto e sujeito da história, do destino da sociedade. O profissional da informação passa a ser entendido numa outra esfera, num outro estrato profissional, o daqueles que fazem história, sujeitos que participam da construção de significados, compartilhando efetivamente da construção do destino da humanidade.

Presentemente, tem-se a noção de um conhecimento construído numa interação, não de um conhecimento estabelecido individualmente. O conhecimento, a partir das informações, constrói-se na relação com o mundo, com os outros homens, quando se dá na biblioteca, o bibliotecário é elemento chave nessa construção de sentidos, de significados.

Nessa concepção, o aprendizado é o resultado da colaboração, do questionamento coletivo e da interação entre aprendizes, mediadores e dos conteúdos informacionais. Os níveis de participação e interação humana são elementos críticos no sucesso das experiências de aprendizado nos ambientes das bibliotecas, pois possibilitam a criação de um alto nível de presença social, que contribui significativamente para a efetividade das ações educacionais. Esta mesma concepção baseia-se no desenvolvimento de significados compartilhados entre os participantes, tendo a interação, a colaboração e a reflexão crítica individual e coletiva como suportes fundamentais para o alcance de seus propósitos.

Dessa forma, a comunicação é deslocada para a cultura; para o processo de produção de significados; para o espaço da experiência dos sujeitos. Assim, o leitor não é apenas um mero decodificador dos conteúdos das informações impostas pelos equipamentos culturais, mas também produtor de novos significados.

Ao considerar que informações são estruturas significantes que, plasmadas num suporte e, se significadas pelos atores sociais eclodiriam em conhecimento, também se assemelham os argumentos de Dudziak (2003) ao dizer que o conceito de competência em informação está ligado ao aprendizado e à capacidade de criar significados a partir da informação.

As relações humanas se desenvolvem a partir do momento em que existe interação. Interagir faz os atores sociais reconhecerem alguém diferente de si mesmo (um mediador) na construção dos significados que explicam a realidade. Segundo Candido (2003), são as interações diárias que modificam o estado atual da cosmovisão das pessoas, nelas se intercambiam os conceitos, as formas, o uso de técnicas, as informações, enfim, o conhecimento.

Partindo-se do pressuposto que a mediação é um fator de transmissão cultural e, que integra sempre os três elementos: o mediador, a informação e o sujeito, Tébar (2011, p. 74) adverte que “a mediação parte de um princípio antropológico positivo e é a crença da potencialização e da perfectibilidade do ser humano”. O mediador regula as aprendizagens favorecendo o progresso individual e social.

Em Feuerstein, pulsa uma base teórica com visão antropológica e social positiva. Disseminam-se em sua crença pedagógica dois conceitos básicos: a Modificabilidade Cognitiva Estrutural (MCE) e a mediação, Experiência de Aprendizagem Mediada (EAM). Para ele, concentra-se um sistema de crenças de que o ser humano é modificável. Assim, insiste para se entender a mediação como uma posição humanizadora, positiva, construtiva e potencializadora no complexo mundo da relação educativa.

O tipo de interação na EAM, que é responsável pela formação e pelo desenvolvimento da modificabilidade, caracteriza-se basicamente por três parâmetros: intencionalidade, transcendência e significado, qualidades das interações mediadas, presentes em todas as culturas.

A mediação é qualidade essencial da interação. É uma fonte de transmissão cultural, significativa e afetiva. [...] O mediador leva a pessoa a descobrir o significado de sua atividade, indo além das necessidades imediatas, excedendo o que nossas experiências têm

de episódicas. A mediação promove um enriquecedor período de latência entre o estímulo e a resposta; nessa pausa, o educando procura organizar sua resposta, descobrindo finalidades e consequências da sua escolha (TÉBAR, 2011, p. 77).

Com essa proposta, se renova e fortalece o papel do professor mediador em uma nova sociedade, pois por mais informações que se produzam e por mais facilidades de acesso que os aprendizes tenham sem mediadores os conhecimentos correriam o risco de serem vistos como efêmeros e descartáveis.

Sob esse prisma, para se produzir uma aprendizagem significativa, torna-se imprescindível a dupla “mediador-mediado” que, ao desenvolver os critérios de mediação, possibilita a interação e a modificabilidade, já que é somente por meio da interação do sujeito com outros sujeitos, capazes de mediar informações necessárias, estando estes sujeitos integrados a um meio ambiente favorável e estimulante, que o desenvolvimento cognitivo acontece.

A interação é influenciada por determinadas características do organismo (incluindo aquelas de hereditariedade, maturação e similares) e qualidades do meio ambiente (oportunidades de educação, *status* socioeconômico, experiência cultural, contatos afetivos e emocionais com outros significantes). Estes fatores podem, em situações adversas, provocar o que Feuerstein (1997 apud TÉBAR, 2011) denomina de “Síndrome de Privação Cultural”, entendida, aqui, como característica de um sujeito que não foi, de forma plena, integrado à cultura de seu meio.

A privação cultural diz respeito à carência de pessoas adultas para realizar a transmissão da cultura e aos valores referenciais nos quais cada pessoa se desenvolve. No desenvolvimento humano, a questão da privação cultural pode manifestar-se desde o analfabetismo e falta de cuidados com a saúde até ao desemprego e à indigência.

Nesse aspecto, Cavalcante (2010) diz que para milhões de brasileiros, a leitura e o acesso à informação ainda representam problema crucial quanto os índices de pobreza e desigualdades sociais que atingem o País. Para essa autora, as instituições culturais e educativas têm papel primordial na transformação da sociedade e na sustentabilidade de projetos que ampliem o acesso ao conhecimento e às suas diferentes formas de manifestação.

Abarcando essa proposta para a biblioteca, a mediação pedagógica advogada por Tébar, afirma que:

A mediação é um fator humanizador de transmissão cultural. O homem tem como fonte de mudança a cultura e os meios de informação. O mediador se interpõe entre os estímulos ou a informação exterior para interpretá-los e avaliá-los. Assim, o estímulo muda de significado, adquire um valor concreto e cria no indivíduo atitudes críticas e flexíveis (TÉBAR, 2011, p. 77).

Nesse naipe, o mediador destaca-se por sua intenção de transmitir significados, caracterizando na interação, experiências de aprendizagens, potencializando as capacidades dos atores sociais e despertando suas competências.

Masetto (2006) entende por mediação pedagógica a atitude, o comportamento do profissional da informação que se coloca como facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem:

É a forma de se apresentar e tratar um conteúdo ou tema que ajuda o aprendiz a coletar informações, relacioná-las, organizá-las, manipulá-las, discuti-las e debatê-las com seus colegas, com o professor e com outras pessoas (interaprendizagem), até chegar a produzir um conhecimento que seja significativo para ele, conhecimento que se incorpore ao seu mundo intelectual e vivencial, e que o ajude a compreender sua realidade humana e social, e mesmo a interferir nela (MASETTO, 2006, p. 145).

Nesse processo integrativo, de aprendizagem, o aluno assume papel de aprendiz ativo e participante (não mais passivo e receptor), de sujeito de ações que o levam a aprender e a mudar seu comportamento. Nessa perspectiva, a mediação pedagógica incide em abrir caminhos a novas relações do leitor: com os materiais informacionais, com o próprio contexto, com outros textos, com seus companheiros de aprendizagem, consigo mesmo e com seu futuro.

O olhar do usuário pode ser no bibliotecário mediador como parceiro idôneo de aprendizagem, enxergando seus colegas como colaboradores para seu crescimento. Estes aspectos significam uma mudança importante e fundamental de mentalidade no processo de aprendizagem. Masetto (2006, p. 141) argumenta que “estas interações (aluno-professor-alunos) conferem sentido à co-responsabilidade no processo de aprendizagem”.

Essa nova visão sobre o processo de aprendizagem está em consonância com a questão geral da competência em informação (information literacy). O destaque dado à transformação do Brasil em um país de leitores está estreitamente associado a essa perspectiva.

A competência em informação encontra-se no núcleo do aprendizado ao longo da vida, constituindo direito humano básico, necessário para a promoção do desenvolvimento, prosperidade, liberdade – no âmbito individual e coletivo – criando condições plenas de inclusão social, cultural e informacional.

A confluência desses antecedentes, junto à abordagem da competência em informação, resultou na firme opção de aprofundar um tema tão oportuno e de tanta importância para os bibliotecários.

Cresce cada vez mais a demanda por profissionais flexíveis, multicapacitados, capazes de aprender ao longo da vida. Torna-se assim, imprescindível para a Biblioteconomia fornecer aos bibliotecários os instrumentos adequados para o exercício da sua função como mediadores culturais.

A formação de profissionais da Ciência da Informação aptos a enfrentar os desafios em função da série de mudanças pelas quais ocorrem no mundo contemporâneo e no Brasil em particular, tampouco vale apontar para um perfil “técnico” que, na sua aparente neutralidade, escamoteia questões culturais, sociais e políticas relevantes. A inserção dos profissionais de informação nos processos culturais atentando para sua função de construção da contra hegemonia parece-nos, nesse sentido, um dos focos a ser privilegiado numa formação que se quer crítica.

Particularmente, o nosso interesse está centrado no bibliotecário, seu perfil, sua função e sua relevância profissional e social, fazendo-se cada vez mais imprescindível conhecer que tipo de profissionais devem ser formados.

É nesse bojo, na proposta do desenvolvimento potencial, que os tópicos a seguir alertam e direcionam a atuação do bibliotecário na tarefa da mediação da leitura.

3.2 As Competências do Bibliotecário Mediador

São diversas as variáveis e condicionantes que dificultam o acesso dos leitores às bibliotecas e a outros equipamentos culturais. Podem-se elencar a ausência de recursos, a inexistência desses equipamentos próximos aos locais onde vivem e o desconhecimento do papel que a cultura pode representar na melhoria de qualidade de vida da população (CAVALCANTE, 2010).

Próximo a estes fatores, Becker e Grosch chamam a atenção para o exercício da profissão do bibliotecário que,

Está, ainda, muito regrada por conceitos de organização e administração de centros de informação, pouco expondo sua função educativa no sentido de auxiliar a comunidade de usuários na utilização correta das fontes de informação, de incentivar o estudante ou pesquisador a ler e frequentar a biblioteca e, principalmente, de desenvolver o gosto pela leitura (BECKER; GROSCH, 2008, p. 42).

Essa realidade pode estar associada ao enfoque tradicional dado pelos cursos de Biblioteconomia na formação técnica dos estudantes, que não privilegia o futuro do bibliotecário como mediador da leitura. Aspecto salientado por Martins (2001), quando lembra que entre as disciplinas de cultura geral e aquelas propriamente técnicas,

É preciso introduzir um sincero e real equilíbrio entre essas duas solicitações e fazer dos estudos biblioteconômicos não apenas a fonte de conhecimentos especializados de catalogação e classificação, mas também a origem de largos conhecimentos humanísticos que se costumam designar pelo nome de “cultura geral” (MARTINS, 2001, p. 336).

Apostar na formação, com ênfase também nas questões que se relacionam com a cultura geral, é proposta para o equilíbrio dos currículos, diante do processo de formação do bibliotecário como mediador de leitura.

Martins (2001) ainda dialoga que quando se atribui ao bibliotecário a missão de estimular o interesse pela leitura, de contribuir para o desenvolvimento intelectual de cada um em benefício de todos. Portanto, essa ação só pode ser desempenhada por profissionais que tenham recebido larga formação cultural, o que ultrapassa, em muito, a formação essencialmente técnica, exigindo competências educativas.

Em se tratando da biblioteca pública e do papel do bibliotecário é conveniente mencionar outro importante fator,

O histórico das bibliotecas públicas contribui para alguns desses procedimentos, já que o bibliotecário teve em alguns períodos da história das bibliotecas no Brasil, o fim de sua autoridade e a descontinuidade de seus trabalhos (BECKER; GROSCH, 2008, p. 43).

Nesse tocante, mesmo que se tenha uma agenda na biblioteca a ser seguida, com a troca dos governantes, outros projetos vão sendo inseridos ou até mesmo abandonados por ausência de incentivos.

Outro aspecto pertinente na conduta do bibliotecário, diz respeito às suas habilidades que, na maioria das vezes, ainda se encontram centradas no documento e não no acesso propriamente dito. Essa situação pode se agravar pela diversidade dos formatos digitais com os quais esses profissionais precisam interagir cotidianamente, como por exemplo, os hipertextos e outros suportes midiáticos.

Sobre o bibliotecário e o ato de ler, Barros (2006, p. 123) entende que é vital que todo e qualquer profissional tenha vocação para a sua profissão. Portanto, especificamente para essa classe, torna-se um pressuposto que o bibliotecário tenha vocação para lidar com informação, leitor e leitura.

Outro destaque importante observado por Barros (2006) está na constante atualização por parte do bibliotecário, fazendo do seu referencial teórico uma base segura de apoio ao leitor e à sua atuação profissional.

Nesse espectro, Barros (2006, p. 123) expõe ainda que:

Sendo o bibliotecário um profissional da informação, por excelência, não pode, ele próprio, estar alheio aos fatos e às notícias. [...] Daí, vale pensar em sua atitude política, na postura assumida perante si e perante o leitor, como agente de cultura que muitos pretendem que ele seja e cuja aceitação só ele consegue exteriorizar.

Contudo, a prática profissional do bibliotecário não pode se restringir a mediação da informação implícita (processos físico e técnico dos materiais, as referências, as bibliografias etc.). Disseminar, fazer circular a cultura não está

simplesmente em auxiliar o usuário a encontrar os materiais bibliográficos, prática constante em muitas bibliotecas públicas.

Apesar do discurso de décadas passadas, Ezequiel T. da Silva (1983, p. 71) expõe uma realidade que parece ainda bem atual:

Já encontrei bibliotecários por este Brasil afora que não sabiam, eles mesmos, ler. Pergunto: Como pode alguém orientar e compreender o usuário se ele mesmo não possui habilidades de leitura? Como preparar programas de incentivo ao hábito de leitura sem conhecer os aspectos fundamentais, inerentes ao ato de ler? Deve o bibliotecário conhecer apenas as habilidades instrumentais de utilização da biblioteca? Será que uma compreensão mais profunda do ato de ler não viria enriquecer o trabalho do bibliotecário, visto aqui como um agente social, exercendo, também, uma ação pedagógica concreta?

Na ótica da cultura informacional, as bibliotecas públicas devem destacar-se como espaços de conquista do direito à informação, à leitura e à cidadania – elementos cada vez mais indispensáveis na sociedade, diante das exigências do mundo contemporâneo (CAVALCANTE, 2010).

Ainda que os obstáculos sejam vários, Belluzzo (2008, p. 12) conclama que “a biblioteca sem a educação, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura e a pesquisa será, por seu lado, um instrumento vago e incerto”.

Abarcando essa proposta, as bibliotecas públicas podem transformar-se em agências mediadoras e, segundo Bortolin (2010, p. 115),

[...] o bibliotecário não pode se esquivar da mediação da leitura, visto que o ato de ler precede o ato de se informar, descobrir e investigar. Portanto, a tarefa de mediar leitura é tão fundamental quanto disponibilizar documentos (impressos e eletrônicos) aos leitores de uma biblioteca.

Nessa era digital, os formatos impressos são cada vez mais substituídos por textos virtuais. A realidade do mundo físico caminha lado a lado com o universo virtual, derivado do desenvolvimento crescente das novas tecnologias, que introduzem múltiplas possibilidades nas práticas de leitura, fornecendo um cenário complexo de diferentes linguagens.

Diante dessa dimensão, torna-se necessário ao bibliotecário atuante em biblioteca pública, incorporar ao seu cotidiano competências que possibilitem uma nova visão do conhecimento, oportunizando mudanças para melhor entender e situar-se como profissional da informação, cuja finalidade está na formação de cidadãos leitores competentes e incluídos na sociedade.

Por se tratar de um conceito muito requisitado e discutido atualmente, a noção de competência representa perspectivas teóricas divergentes, entretanto, atendendo aquela que se insere nas áreas de informação e comunicação, Belluzzo a postula da seguinte forma:

[...] coloca-se a competência como sendo um composto de duas dimensões distintas: a primeira, um domínio de saberes e habilidades de diversas naturezas que permite a intervenção prática na realidade, e a segunda, uma visão crítica do alcance das ações e o compromisso com as necessidades mais concretas que emergem e caracterizam o atual contexto social (BELLUZZO, 2007, p. 34).

Nessas considerações, como mediadores da leitura, os bibliotecários devem buscar o aprendizado contínuo e a melhoria de suas qualificações e competências e atitudes, envolvendo-se e colaborando com a crescente demanda evidenciada nos diversos segmentos da sociedade, a exemplo da escola e da biblioteca pública. Para Dudziak (2003, p.31), esse novo perfil, diz respeito a:

[...] profissionais flexíveis, multicapacitados, capazes de aprender ao longo da vida. Informação, conhecimento e habilidade de lidar com grandes massas de informações, assim como demandas pessoais e profissionais, transformaram-se nos maiores determinantes dos avanços sociais e econômicos.

Dada essa extensão, o papel social do bibliotecário está embutido na função de agente socializador da informação, contribuindo no processo de aprendizagem dos indivíduos, através das mais diversas formas de leitura, como também em suas práticas, ajudando o leitor a atingir um nível maior de complexidade no processo de ler/escrever e produzir sentidos.

A ação cultural se reflete para o bibliotecário como estímulo para a aquisição de competências, saberes, fazeres e compartilhamento de experiências que potencializam suas capacidades de atuação.

Através de levantamento bibliográfico, anotações na disciplina “Competência em Informação e Redes de Conhecimento” e a prática profissional como mediador, buscou-se compilar alguns tópicos que giram em torno das competências em informação:

- ***Ser leitor ativo***

Somente um leitor efetivo, entusiasmado e convicto, pode assumir o desafio de formar outros leitores emancipados, críticos e sensíveis, envolvendo toda a comunidade e contribuindo para mudar a realidade. Mas é interessante também observar com Barros (2006, p. 30) que,

O gosto pelo livro e pela leitura não vem com a profissionalização, nem se encerra nela: se *estende* nela; se *irradia* nela; se *completa* nela. O bibliotecário que não lê se castra consciente ou inconscientemente. Não avança e não promove conhecimento.

Como profissional da informação, o bibliotecário precisa estar atento à sua constante atualização. Atuando como leitor efetivo e afetivo, pode também gerar encontros e comunicações entre o acesso aos bens e serviços culturais diversos e o público, pois a leitura implica troca, dádiva e partilha entre os sujeitos: bibliotecários, autores, leitores e comunidade.

- ***Conhecer as teorias da leitura***

O ato de ler implica dimensões ao mesmo tempo simples e complexas. Portanto, torna-se primordial que o mediador da leitura, seja um pesquisador ávido por descobertas para o enriquecimento constante de sua formação. O papel do leitor tem sido constantemente redefinido e isso é continuamente acompanhado pelos estudiosos dessa temática, gerando teorias da leitura fundamentais, que inspiram as práticas implementadas pelos mediadores em suas ações.

A leitura, nesse sentido, é instrumento fundamental para a cultura, assim como as teorias que as constrói. Nesse propósito, acompanhou-se com Marques Neto (2009) na recomendação da Declaração do Seminário Nacional – Formação de Mediadores de Leitura, organizado pelo PNLL em março de 2009,

Nos paradigmas de formação de mediadores de leitura fique explicitamente assentado e proporcionalmente garantido um tempo para que os indivíduos, além de estudar estratégias metodológicas

de leitura, possam ‘ler de verdade’ e ter a oportunidade de associar as suas leituras a outros processos culturais (MARQUES NETO, 2009, p. 67-68).

O universo dinâmico da mediação da leitura, portanto, requer leituras prévias por parte do mediador. Isso deve ocorrer de modo corriqueiro, suscitando descobertas, descobrindo textos novos, ações criativas e criadoras e, especialmente, o pensamento crítico.

• **Valorizar as narrativas orais (Mediação Oral da Literatura)**

As mediações orais em biblioteca pública podem contribuir para a ampliação do espaço de discussão de textos e ideias, tornando-a instituição dinâmica, ativa e pulsante. Bortolin (2010, p. 205) define Mediação Oral da Literatura (MOL) como “toda intervenção espontânea ou planejada de um mediador de leitura visando a aproximar o leitor-ouvinte de textos literários seja por meio da *voz viva* ou da *voz mediatizada*”. A autora ainda outorga que narrativas orais quando realizadas de maneira envolvente provocam forte efeito nos ouvintes, fator que pode levar o leitor-ouvinte a apropriar-se de outros textos.

Nesse prospecto, focando-se especificamente na mediação oral, a busca de conhecimento pode ocorrer através do contato com as várias temáticas que a envolvem, quais sejam: narrativas orais de histórias, leitor-narrador, leitor-ouvinte, estética da recepção, leitura literária, mediação e mediadores, *oralisfera* etc.

Outro ponto importante é que as narrativas aproximam grupos diversos como crianças, jovens e idosos permitindo trocas entre passado e presente, experiências e expectativas, fomentando o gosto pela expressão e descoberta do outro.

• **Viabilizar o acesso à informação em seus diferentes suportes**

Sabe-se que no contexto atual a leitura deve ser tratada no diálogo com as diversas tecnologias, incluindo o livro, a internet e outras mídias. O mediador deve familiarizar-se com as diferentes possibilidades de interlocução entre os suportes, sendo que a informação neles veiculada resulta na ação do leitor em termos de apropriação e recriação. De acordo com Nóbrega (2002, p. 129), “[...] a materialidade dos suportes de leitura/informação/conhecimento está imbricada com os modos de ler, com os *gestos de leitura*”.

Dessa forma, além do acesso, é importante a dinamização do acervo, de modo a propiciar o diálogo e a interlocução entre suportes, linguagens e sujeito-leitor.

- ***Desenvolver a Advocacy***

Refere-se aos aspectos da importância na introdução das bibliotecas nas agendas governamentais e nos órgãos de decisão em diferentes níveis. A *advocacy* pode ser vista como um processo político, comunicativo, visando influenciar as políticas públicas e as decisões de alocação de recursos através dos sistemas políticos. Essa ação, especialmente, para dar maior visibilidade ao papel que as bibliotecas desempenham na sociedade.

Desse modo, a representação das bibliotecas se faz necessária nos planos dos governos local, regional e nacional. As bibliotecas devem estar incluídas no planejamento, orçamento e nas decisões político-institucionais. Cabe aos bibliotecários, portanto, a ação política de intervenção junto a esses gestores, de modo a relacionar continuamente o desenvolvimento da população ao acesso à informação e aos bens culturais, de modo a garantir que recursos sejam disponibilizados para o seu amplo desempenho e valorização.

Ainda sobre esse aspecto,

Um excelente caminho para a introdução da biblioteca na agenda pode ser o de enfatizar o papel que a mesma pode ter para uma avaliação institucional positiva. Um outro elemento importante para esta introdução na nossa sociedade é o próprio bibliotecário. Mas, uma coisa é certa: quanto maior for o nível profissional do bibliotecário, melhor pode ser o seu trabalho representativo. Também é importante criar imagens positivas nos corações dos políticos e administradores para que eles possam aportar e destinar recursos públicos para as bibliotecas (LUX, 2007, p. 19).

Nesse sentido, envolver concretamente as bibliotecas públicas nas ações políticas, sociais e culturais de cada município certamente contribuirá para a valorização desses espaços e de suas manifestações em termos de interlocução entre seus atores sociais para além da governança local.

- ***Conhecer as políticas públicas para o livro e a leitura***

Nos últimos anos intensificaram-se as discussões sobre o enfoque assumido pelo poder público sobre as políticas públicas de leitura e acesso à informação (CAVALCANTE, 2010). Conhecer essas políticas faz-se importante no que tange à obtenção de recursos para variados fins, como a ampliação do acervo, projetos culturais e capacitações da equipe. Os próximos capítulos trazem elencados vários recursos e programas do governo para esse fim.

- ***Estar atento às multiplicidades culturais***

Nesse âmbito, as multiplicidades culturais ocorrem diante da variância de contextos sociais procedentes de cada sujeito leitor. Podem-se focar práticas cujos objetivos estabelecidos provêm da expressão da multiplicidade de visões de mundo, que se reporta a amplos contextos, sem preconceitos e elitização. Como a essência da biblioteca pública é democrática, atender e acolher a todos sem qualquer distinção torna-se fundamental na contemporaneidade.

- ***Estabelecer relações afetivas com o leitor***

Silva e Landengue (2010, p. 95) acreditam que “a emoção e a afetividade são aspectos fundamentais do processo de significação da leitura e de formação do leitor.” Desenvolver, portanto, relações afetivas com o leitor é estabelecer relações positivas com a leitura, com intenção de fazer o leitor descobrir o ato de ler como atividade de prazer e lazer.

- ***Trabalhar em equipe***

A competência converge cada vez mais para as ações colaborativas. Nessa acepção, o trabalho em equipe nas bibliotecas públicas deve envolver diferentes profissionais, permitindo o amplo desenvolvimento de ações que visem ao atendimento com qualidade do público leitor, intervindo de forma competente e dinâmica.

Para Becker e Grosch (2008, p. 43), “é necessária a realização de ações conjuntas entre os bibliotecários, criando e reivindicando propostas para a formação de leitores [...]” Assim, o mediador competente valoriza o papel da comunicação

pelo diálogo, o aprender a viver juntos e a construir processos sociais de promoção da cultura com solidariedade.

- ***Estabelecer parcerias***

Ser competente no âmbito social envolve o estabelecimento de parcerias. A associação de artistas com talentos múltiplos, grupos de teatro e animadores culturais pode ampliar a convergência de papéis entre diferentes profissionais. Nesse contexto, o teatro, por exemplo, pode ser uma ferramenta forte de ação cultural nas bibliotecas, pois faz o indivíduo refletir sobre a sua realidade.

Outras parcerias importantes podem ser estimuladas na comunidade com associações de moradores, grupos de jovens, igrejas, escolas etc. de modo a criar condições para a implementação de projetos sociais e culturais, que promovam valores, atitudes e o enriquecimento coletivo.

- ***Ter competências aplicadas às TIC***

Nesse contexto, as competências estão ligadas ao aprendizado voltado às questões de cunho tecnológico. Abarca o aprendizado de habilidades de operação e comunicação por meio de computadores, à compreensão do funcionamento de equipamentos (*hardware*), seus programas (*softwares*) e suas aplicações, e, ainda, à produção, organização, disseminação e acesso às informações, de forma automatizada, com vistas a resolver problemas por meio do uso da tecnologia. As habilidades tecnológicas assumem dessa forma, cinco áreas, conforme apresentam Liston e Santos (2008, p. 291):

a) ***Média Literacy***: habilidades para decodificar, analisar, avaliar e produzir informação em vários meios: impresso, áudio, filmes/vídeo, Internet, etc.

b) ***Digital Literacy***: habilidades para usar os sistemas digitais com ênfase na forma de como a informação é apresentada. Por exemplo, qual a diferença entre uma informação recebida via e-mail e outra recebida via página web?

c) ***Network Literacy***: habilidades para trabalhar em um ambiente de rede, tal como *World Wide Web*:

- uso dos recursos e serviços da rede global de informação;
- entendimento do sistema que gera, gerencia e disponibiliza a informação;

- habilidade para manipular informações encontradas na rede, combinando-as com outros recursos e incrementando-as;

d) **Visual Literacy**: habilidades para entender o significado e os componentes da imagem, como veículo de informação.

e) **Computer Literacy**: habilidade no uso do computador e seus softwares para a realização de tarefas. Pode-se perceber a evolução da *information literacy*, pois as cinco áreas afins referem-se à importância da competência informacional, sendo que a mesma permite analisar e avaliar a informação encontrada, incluindo as habilidades tecnológicas para a compreensão e avaliação das informações.

Destarte, a chamada “sociedade da informação” traz consigo as exigências de habilidades novas, as formas de comunicação, de armazenamento e de transformação da informação se multiplicaram em diferentes tipos de suportes. Nessa era da cibercultura, o universo informacional do leitor dialoga constantemente com as ferramentas tecnológicas. As formas de ler se expandem, envolvem-se em telas de computadores, de hipertextos e as novas formas de construção de sentido, apropriadas através dos gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital.

No que se refere à mediação de leitura literária entre o público jovem, Rettenmaier (2009) advoga que sejam discutidas as proposições arroladas abaixo:

- a mediação de leitura literária e a formação dos leitores não necessitam se restringir unicamente a livros de literatura infanto-juvenil apresentados a jovens de ensino fundamental, mas pelo trabalho continuado (e aprofundado) com textos artísticos entre adolescentes do ensino médio;
- o trabalho com literatura no ensino médio, a bem da atualidade de temáticas, linguagens e conteúdos, não necessita estar exclusivamente vinculado à história da literatura, com ênfase no que se convencionou chamar de “obras clássicas”;
- os currículos escolares de literatura, em respeito à necessidade e às preferências dos jovens da atualidade, não devem ser excludentes no que se refere à leitura de códigos iconográficos, permitindo o trabalho com inúmeros suportes e linguagens;
- a formação de leitores não deve ser função restrita ao professor de língua portuguesa, e o conhecimento da literatura não deve ser “conteúdo” exclusivo do currículo de literatura brasileira (RETTENMAIER, 2009, p. 72).

Esses aspectos direcionam-se para a abertura de fontes de informação e de saberes, ampliando-se a inteligência conectada a mecanismos tecnológicos. É

preciso que a literatura faça parte da vida das crianças e jovens, ressaltando que a literatura infantil e juvenil vai além dos livros, encontra-se nas telas dos computadores, nos *tablets*, nos aparelhos celulares etc. Na produção literária de hoje, permite-se a mediação leitora, articulando-se com textos de suportes variados, na tela digital ou fora dela.

Entretanto, o relacionamento das crianças e adolescentes com a busca de informações na internet, para Fialho e Andrade (2007) configura um quadro muito preocupante, visto que é progressivo e veloz o ritmo de crescimento do acesso dos mesmos a esse meio. As autoras ainda dizem que o maior problema apontado por pesquisas sobre este tema é a falta de preparo, de habilidades específicas das crianças e adolescentes para lidar com a rede mundial. Nesse contexto, o desenvolvimento da competência em informação (*information literacy*), resultaria de grande valia, no que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades que os capacitem à busca e uso da informação.

Atores do universo digital, os adolescentes acessam cada vez mais a internet. São utilizadores e influenciados pela televisão a cabo, *world wide web*, *Windows*, *games*, comunicação via SMS, telefone celular, MP3 e outros, banda larga, *wi-fi*, *blogs*, *wikis*, *Orkut*, *YouTube*, *chats*. Percepções com a cibercultura precisam ser levadas em conta pelas bibliotecas, pois os usuários podem contar com serviços disponibilizados não mais de maneira convencional.

Assim, as bibliotecas devem adotar uma postura inclusiva em relação a esses usuários, com o desenvolvimento e implementação de ações no mundo digital que tenham repercussão para eles.

• **Conhecer e utilizar as ferramentas da Web 2.0**

A segunda versão da internet, a *Web 2.0*, reconfigurou a internet estática, impulsionando a comunicação, por causa inclusive, de seus princípios colaborativos e participativos nas mais diversas atividades humanas.

As Redes Sociais (Facebook, Orkut, Twitter, Fotolog, Blog etc.) possuem forte mecanismo para a disseminação da informação: divulgação e fotos de eventos, sugestões de autores, concursos e promoção de discussões, entre outros.

O impacto da internet pode ser bastante significativo nas bibliotecas públicas, no tocante às inúmeras possibilidades de recursos disponibilizados pela *Web social*, junto à democratização do acesso às novas tecnologias, inclusão digital e disseminação virtual da informação.

- ***Buscar a educação continuada***

A formação do bibliotecário como mediador implica no desenvolvimento de ações e uso da criatividade, conduta pautada pela ética, reflexão crítica sobre o real e a busca pelo aprimoramento constante.

Nesse caminho, vale a proposição do aprendizado ao longo da vida que dá ao sujeito a oportunidade de compreender que é necessário aprender sempre. A educação é, portanto, veículo de crescimento constante auxiliando, inclusive, a desenvolver a base teórica para a implementação das práticas de mediação da leitura.

Enfim, a reflexão da formação do leitor solicita um olhar atento para as bibliotecas públicas, como também na formação do profissional da informação. A preparação do bibliotecário volta-se para a adequação na sociedade atual, das necessidades dos leitores, das mudanças tecnológicas. Sendo assim, para Valentim (2002), a formação desse profissional deve apoiar-se nas competências, habilidades, atitudes e procedimentos.

A biblioteca pública já foi muito criticada por intelectuais que tomaram por referência a imagem distorcida da biblioteca embasada numa sociedade brasileira tendo à frente a classe burguesa. Se o passado da biblioteca resvala no aristocrático e discriminatório, uma nova visão das bibliotecas municipais precisa ser imediatamente forjada, crendo numa fisionomia de potencialidade, que, segundo Tsupal (1987, p. 155), “[...] terá que vencer primeiramente as suas próprias contradições internas, e depois o condicionamento da mentalidade da sociedade, que barra a sua ação”.

Considerando as funções básicas da biblioteca pública, educação, informação, cultura e lazer, no capítulo seguinte explana-se alguns tópicos sobre a instrumentalidade e potencialidade desse equipamento, os significados adquiridos

ao longo de sua história, sua abrangência no tocante aos repositórios do conhecimento das realizações e descobertas da humanidade, conservando e transmitindo a cultura e, assim, constituindo-se em uma fonte de poder em diferentes momentos históricos da sociedade.

4 BIBLIOTECAS PÚBLICAS: EVOLUÇÃO E CAMINHOS TRILHADOS

Discutir o papel social das bibliotecas públicas, suas mediações leitoras, bem como a sua importância cultural para a educação do cidadão é o que propõe este capítulo. Busca-se, ainda, refletir sobre a utilidade social desses equipamentos informacionais e a sua relação com o público leitor.

O Manifesto da UNESCO (1994) proclama a confiança depositada na Biblioteca Pública enquanto força viva para a educação, cultura e informação, e como agente essencial para a promoção da paz e do bem-estar espiritual através do pensamento dos homens e mulheres. A entidade encoraja as autoridades nacionais e locais a apoiarem ativamente e a comprometerem-se no desenvolvimento das bibliotecas públicas.

Para auxiliar na formação de leitores é necessário que se tenha uma biblioteca pública viva e atuante, onde esse espaço seja um recurso educativo, cultural, pedagógico, amplo, com acervo diversificado, atualizado e dinâmico. Também, nesse espaço, devem ocorrer práticas interativas e mediadas auxiliando no desenvolvimento dos indivíduos na sociedade, traduzindo-se em competências leitoras.

O conceito de biblioteca pública tem evoluído significativamente, refinando-se e adaptando-se à dinâmica social, sendo um equipamento democrático em sua essência, objetivando assegurar o desenvolvimento e os direitos de acesso à informação, lazer, educação e particularmente da cultura, aspectos que estão intimamente ligados com a liberdade de expressão que é a base da convivência democrática.

De acordo com Barros (2002, p. 83), a biblioteca pública pode ser vista “como uma prestadora de serviços a escola, a educação e a cultura na sociedade, por isso sua existência e papel social torna-se imprescindível para a formação do cidadão”. Em consonância com esse destaque, a biblioteca necessita estar sempre pronta, a fim de satisfazer às necessidades da comunidade, sejam elas educacionais, culturais ou de informação.

Nesse bojo, Suaiden (1995, p. 20) destaca que,

Na realidade a biblioteca pública deve constituir-se cada vez mais, em um centro convergente das aspirações comunitárias, ou seja, deve ter uma identificação muito grande com sua comunidade e contribuir para resolver os problemas que são próprios a mesma comunidade.

Seguindo essa vertente, a função social das bibliotecas públicas está presente no desenvolvimento social, cultural e político. Na realidade social e econômica brasileiras, torna-se de suma importância indagar sobre o futuro das bibliotecas públicas municipais na comunidade e de suas ações. Ainda para Barros (2002), cabe aos bibliotecários, gerentes ou responsáveis pelas bibliotecas, repensar estratégias para a superação e mudanças relacionadas ao panorama presente desses equipamentos culturais.

A conscientização da comunidade para a importância da leitura na formação do cidadão, como também no estímulo pelo gosto da leitura, principalmente para o público infantil e juvenil, pode ser um caminho, uma alternativa no intuito de se reverter o cotidiano vivenciado pelas bibliotecas brasileiras.

Através das práticas leitoras e informacionais de apropriação do conhecimento, as comunidades atendidas e participantes dos equipamentos informacionais podem se modificar, produzindo sentidos que, segundo Nóbrega (2009, p. 97), “desembocarão em outros textos, e outros, num processo infinito de releituras, numa polifonia de vozes e reflexos”.

As práticas de leitura nesta sociedade demarcada pela presença das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) requerem que a biblioteca pública atue como instituição leitora, buscando interação entre sujeito, informação e cultura, em suas diversas formas e suportes de apropriação do conhecimento.

Há de se destacar que esse perfil de biblioteca vem ao encontro da concepção de leitura adotada pelo Plano Nacional do Livro e Leitura (BRASIL, 2010), que atribui à leitura o caráter de construtora de significados. Dessa forma, favorece o sujeito como ator do seu processo de construção de conhecimento, estando em consonância com as propostas de mediação apresentadas nesta pesquisa.

Assim, as práticas leitoras dizem respeito às condições que levam à capacidade criativa e à produção cultural mediada. Repensar a biblioteca é trazer à tona sua dimensão simbólica, dando-lhe novos sentidos, para que exista a apropriação da informação e, conseqüentemente, dos textos a fim de compreendê-los, vistos como processo, historicamente produzido, de apropriação, atribuição de sentido, de construção.

Por conseguinte, as práticas leitoras se traduzem em ações dos sujeitos que se apropriam dos objetos que circulam para construir significados. Além disso, essas práticas focam-se no inter-relacionamento, na construção conjunta, no compartilhamento. Consiste, para Nóbrega (2002, p. 98), “Em compreender, informar e ler como formas de reinventar, recriar, reescrever o mundo”.

Faz-se necessário a compreensão sobre o devido valor aos fatores humanos nos nossos Sistemas de Informação, senão tudo o que foi dito, poderá transformar-se em discurso vazio.

A respeito da importância da leitura para a sociedade, o perfil do leitor na América Latina, através da pesquisa *Comportamiento lector y hábitos de lectura: una comparación de resultados em algunos países de América Latina* (2012), realizada pelo Centro Regional para el Fomento del Libro en América Latina y el Caribe (CERLALC) e a Unesco, abarcando onze países como Argentina, Brasil, Colômbia, Chile, Espanha, México, Peru, Portugal, República Dominicana, Uruguai e Venezuela, apontaram algumas características: Cerca de metade da população pesquisada se diz não leitora de livros. Falta de tempo e desinteresse pela leitura são as razões mais comuns com as quais se justificam o comportamento não leitor. Isto contrasta com as tendências no uso do tempo livre: em quase todos os países analisados as principais atividades que tratam de lazer estão relacionados com os meios audiovisuais.

Mesmo assim, os livros são os materiais de leitura preferidos na maioria dos países. A leitura nos suportes digitais vem ganhando espaços, embora represente uma pequena porcentagem em função da pouca oferta de dispositivos de leitura e por uma necessidade mais ampla de oferta editorial nesse tipo de suporte. Cerca de um terço da população frequenta bibliotecas, das quais as bibliotecas escolares e

universitárias são as mais visitadas e em menor proporção estão as públicas. As pessoas que não frequentam as bibliotecas públicas argumentam que os principais motivos são a falta de tempo e a distância desses equipamentos de suas casas.

Especificamente, avaliando o comportamento leitor do brasileiro, a terceira e mais recente edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2012), aplicada em âmbito nacional, tornou-se referência em se tratando da conduta do leitor no país, desde seu lançamento em 2001. O objetivo da pesquisa está em medir intensidade; forma; motivação e condições de leitura da população brasileira, segundo a opinião dos entrevistados.

A pesquisa estabelece a sua definição para *leitor*: aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses. Já o não-leitor é aquele que não leu nenhum livro nos últimos três meses, mesmo que tenha lido qualquer livro nos últimos doze meses.

Em questão de gênero, o sexo feminino lê mais que o masculino. A região Sudeste lidera o *ranking* dos brasileiros leitores no país. Mais de (50%) dos entrevistados disseram que a leitura significa fonte de conhecimento para a vida e apenas (18%) uma atividade prazerosa e que ler bastante pode fazer uma pessoa “vencer na vida” e melhorar a sua situação socioeconômica.

A pesquisa apontou ainda que cresce o número de leitores no país, sendo que na primeira pesquisa em 2000 (havia 26 milhões de leitores), já em 2007 (66,5 milhões) e nesta última, em 2012 (71,9 milhões de leitores). A preferência pelos materiais lidos é liderada por revistas, seguido por jornais e livros indicados pelas escolas. Entre os gêneros literários que se costumam ler, a Bíblia Sagrada ainda lidera. Entre os escritores mais admirados, no qual foram citados 197, Monteiro Lobato segue na frente nas pesquisas de 2007 e, nesta última, seguidos por Machado de Assis, Paulo Coelho, Jorge Amado e Carlos Drummond de Andrade.

Entre as obras mais marcantes lidas foram respondidos: “A cabana”, de William P. Young, “Ágape”, de Padre Marcelo Rossi, e “O sítio do pica-pau amarelo”, de Lobato. Metade dos pesquisados ainda responderam que a principal razão por

não estarem lendo deve-se ao fato de não terem tempo, entretanto, (85%) preferem no seu tempo livre assistir televisão.

Verificou-se que os índices de leitura retrocederam nos resultados da última pesquisa *Retratos da leitura*, ficando notório o papel que as bibliotecas públicas podem desempenhar como facilitadoras de acesso à informação a toda a sua comunidade, fomentando a leitura em prol da formação de leitores. Assim como os meios de comunicação de massa podem suscitar a atenção da comunidade, a biblioteca pública também pode, através da criatividade de seu corpo profissional, atentar para políticas de aproximação com os possíveis leitores.

4.1 Evolução Histórico Cultural das Bibliotecas Públicas no Brasil

O surgimento das bibliotecas públicas como espaço de acesso ao conhecimento humano remete-se antes mesmo da era cristã, entre as civilizações antigas da Grécia, Roma e Egito. A biblioteca mais conhecida da Antiguidade foi a de Alexandria, no Egito, fundada por Ptolomeu Filadelfo no início do século III a. C., tornando-se, de acordo com Canfora (1989), mito e modelo para a nossa cultura ocidental.

A biblioteca de Alexandria tornou-se igualmente célebre por dois motivos: seu suntuoso acervo de aproximadamente setecentos mil volumes em suporte papiro e também pelo número de seus incêndios históricos, o terceiro dos quais se supõe definitivo (MARTINS, 2001). A biblioteca de Alexandria ostentava a singularidade de conter manuscritos únicos de grande número de obras da antiguidade que com ela desapareceram.

Nesse exposto, as bibliotecas são anteriores aos manuscritos e até aos livros, já que os primeiros suportes da escrita eram os minerais (tabletas de argila), vegetais e animais (constituídos de rolos de papiro ou de pergaminho).

Até a Renascença, as bibliotecas não estavam à disposição da sociedade comum: eram organismos mais ou menos sagrados, ou, pelo menos, religiosos, a que tinham acesso, era apenas os que faziam parte de uma ordem sagrada ou

religiosa. A biblioteca foi assim, desde os seus primeiros dias até fins da Idade Média, o que o seu nome indica etimologicamente, isto é, um depósito de livros, representando mais o espaço onde se esconde o livro do que o lugar onde se procura fazê-lo circular ou perpetuá-lo (MARTINS, 2001).

Nesse aspecto, diante da cultura escrita, Cavalcante acrescenta:

Entre os diferentes processos culturais que caracterizam a História da Escrita está a presença do humano e suas potencialidades interpretativas, que aparecem ligadas não só ao suporte de registro, mas, prioritariamente ao conteúdo e aos fenômenos que movem a conjunção de fatores que os definem ou orientam. Em muitos casos, opera-se uma mutação das estruturas ideológicas vigentes, que estabelecem e determinam os modos de pertença na sociedade (CAVALCANTE, 2009, p. 5).

Entretanto, a biblioteca pública que se conhece hoje, mantida pelo Estado, desenvolveu-se a partir da segunda metade do século XIX, nos Estados Unidos e Inglaterra, com o intuito de atender às necessidades de educação e cultura daquela sociedade.

Na América Latina, o surgimento e desenvolvimento da biblioteca pública se devem basicamente a fenômenos urbanos que respondem a processos de imigração e industrialização e que, de alguma maneira, se relacionam com as condições sociais, econômicas e políticas de cada país.

Prosseguindo com estas afirmações, Jaramillo e Ríos (2005) destacam que,

[...] permite afirmar em términos generales que, em un alto porcentaje, el surgimento de estas bibliotecas se debe a la expropiación de los bienes de algunas compañías religiosas (su biblioteca eclesiástica), [...] Em la mayoría de los casos, estas iniciativas buscan ofrecer oportunidad de acceso a la educación y al conocimiento y se plantean como una estrategia para ampliar la acción del Estado hacia los sectores más vulnerables. Em algunas ocaiones, luego de creadas las bibliotecas, pasan a ser assumidas por un ente estatal (JARAMILLO; RÍOS, 2005, p. 18).

Nesse prospecto, a expansão da instrução pública foi outro fator diretamente relacionado com o surgimento dessas bibliotecas,

[...] debido al requerimento de información y de espacios para atender las necesidades informativas y educativas de los nuevos

sectores sociales que ingresaban al mundo de la lectura y sentían interés por desarrollarla. Dentro de este contexto se ubican las bibliotecas parroquiales, consideradas como las antecesoras de la biblioteca pública y las bibliotecas nacionales [...], (JARAMILLO; RÍOS, 2005, p. 18).

No Brasil, especificamente no período colonial, os jesuítas empreitaram grandes esforços para facilitar o acesso à palavra escrita. O aparecimento de livros, instituições de ensino e, posteriormente, as bibliotecas, só ocorreram a partir de 1549 com a instalação do Governo Geral, em Salvador (Bahia).

Somente começou-se a engatinhar pelo caminho da cultura depois do estabelecimento dos conventos dos Jesuítas, Franciscanos, Carmelitas e Beneditinos, que após a sua chegada abriram colégios na Bahia e em outras capitanias. A instrução e os livros estavam nos conventos. Moraes (2006) denomina esse período como a Idade Média brasileira.

A partir desse período começou, de fato, o sistema educacional no Brasil e são, com o estabelecimento dos conventos de diversas ordens religiosas, principalmente da Companhia de Jesus - os Jesuítas - que seriam formados os primeiros acervos no país. As bibliotecas jesuíticas mantinham acervos de nível universitário, no qual abrangiam os mais diversos conhecimentos.

Contudo, as bibliotecas sofreram um golpe terrível em função da expulsão da Companhia de Jesus, que teve todos os bens confiscados, inclusive as bibliotecas. Moraes (2006, p. 10) afirma que “a magnífica sala da livraria dos jesuítas em Salvador estava, em 1811, em tão mau estado que só depois de restaurada pode instalar-se nela a Biblioteca Pública da Bahia”.

As bibliotecas antigas e medievais conservaram, dessa forma, até a Renascença, o seu caráter religioso, não pelo conteúdo dos seus acervos, mas sim pela natureza dos seus órgãos mantenedores e administrativos. O livro, objeto de propagação do conhecimento, democratização e multiplicação da cultura, somente circulava dentro dos mosteiros. Com raras exceções circundavam alguns exemplares trazidos pelos filhos de aristocratas que voltavam formados de seus estudos na Europa.

Com a chegada da Família Real Portuguesa no Brasil foi construída, no Rio de Janeiro, a Biblioteca Real. Assim, de acordo com Barros (2002) a intenção da corte portuguesa era construir uma biblioteca que servisse para o tombamento dos bens culturais e arquivo da memória nacional. Dessa maneira, fora trazido do país luso, a célebre coleção de Diogo Barbosa Machado, servindo como base no desenvolvimento do acervo da Biblioteca Real, hoje Biblioteca Nacional, situada no Rio de Janeiro, abrindo suas portas ao público desde 1814.

Ainda durante o reinado de Portugal surgiram várias bibliotecas no Brasil e na América do Sul, influenciadas pelo movimento das bibliotecas europeias.

Barros ainda comenta que:

Várias outras bibliotecas foram criadas em todo o Brasil, e depois de alcançarem períodos de esplendor, a maior parte entrou em decadência, talvez pelo empobrecimento das cidades, burocracia de seus governos, ou mesmo pelo descaso e falta de consciência da importância e do papel social que as bibliotecas públicas têm na sociedade (BARROS, 2002, p. 59).

A história da biblioteca, dos fins do século XVI, até os nossos dias, é um processo gradativo, ininterrupto e simultâneo de transformação, que segundo Martins (2001, p. 323), “[...] marcado essencialmente por quatro caracteres principais: 1) laicização; 2) democratização; 3) especialização; 4) socialização”.

Desse modo, a biblioteca acompanhou a própria evolução social que é, a partir da Renascença, nítida e cada vez mais sólida laicização. Gradativamente, foram sumindo as monarquias de direito divino e as universidades monásticas; o livro vai perdendo o seu caráter de objeto sagrado e secreto para transformar-se num instrumento de trabalho posto ao alcance de todos. Toda a vida social submetete-se cada vez mais a documentos e não mais a dogmas, a contratos e não a mandamentos, à crítica e não a revelações – assim também a biblioteca passa a gozar, nos tempos modernos, do estatuto de instituição leiga e civil, pública e aberta, tendo o seu fim em si mesma e respondendo às necessidades inteiramente novas (MARTINS, 2001).

Evocando aspectos ambíguos desse equipamento cultural, Almeida Júnior (1997, p. 23), admite que:

Faz parte da essência da biblioteca pública a ambiguidade, a contradição. Mantida pelo Estado, preserva e reproduz as condições sociais que mantem determinadas classes no poder. Por outro lado, atende a população, buscando satisfazer suas necessidades informacionais.

Após o período colonial, inúmeros governos estaduais tomaram a iniciativa de criar bibliotecas estaduais. A biblioteca era legalmente criada por um decreto estadual, no entanto, as instalações eram improvisadas, os acervos desatualizados, compostos por doações, locais precários, carência de recursos humanos adequados, entre outros, eram as características apresentadas por esses equipamentos chamados de bibliotecas.

Várias dessas características, infelizmente, ainda prevalecem nas bibliotecas públicas atualmente. A imagem da biblioteca, desde seus primórdios, foi-se compondo de forma negativa pelos possíveis usuários. Para Suaiden (2000, p. 52), “eram comuns as afirmações de que se tratava de um local de castigo ou para uma pequena elite composta de eruditos”.

Milanesi (1997) aponta que nos países desenvolvidos, as bibliotecas evoluíram em paralelo ao desenvolvimento da sociedade como um todo. Já aqui no Brasil, as bibliotecas públicas estancaram em sua definição ao pé da letra: um acervo literário e só. Deve-se mencionar que as bibliotecas públicas brasileiras sofrem pela falta de um planejamento voltado para sua modernização e melhorias, indispensáveis para mantê-las em condições de trabalho. Não existe na sociedade e tampouco nas autoridades ligadas a cultura e educação, uma mentalidade bibliotecária, como ocorre em países desenvolvidos como nos Estados Unidos.

No início do século XX, a preocupação dos gestores das bibliotecas pautava-se na preservação do material impresso. Ainda sob esse aspecto, durante muito tempo o conceito de biblioteca vinculou-se à imagem de um organismo estático, destinado à conservação documental, onde o profissional bibliotecário atuava exclusivamente como guardião do acervo, sem, no entanto, realmente ter uma participação ativa e integrada com o público. A noção de disseminação surgiria

vários anos depois. Apesar das bibliotecas nessa época buscarem um modelo de serviço bibliotecário, este era uma cópia utilizada em outros países. Portanto, era um modelo reflexo, baseado em uma realidade que não era a do povo brasileiro.

Para Milanesi (1997) depois de 250 anos de domínio português, o Brasil permanecia num estado frágil de desenvolvimento, sendo as suas bases educacionais um dos fatores determinantes dessa fragilidade. É antiga, pois, no país a despreocupação com as práticas educativas e o desenvolvimento intelectual.

A preocupação com uma cultura nacionalista aflorou, e em 1922, na Semana de Arte Moderna, os intelectuais passaram a criticar o modelo importado e a buscar uma cultura mais compatível com a realidade brasileira.

Do século XIX até, pelo menos, os anos trinta do século XX, a sociedade brasileira foi marcada pelo modelo parisiense. A herança cultural francesa impregnou a intelectualidade brasileira que, segundo Milanesi (1997, p. 51-52), “são fartas as observações à postura da intelectualidade brasileira de reverência à França literária, matriz do pensamento e dos costumes”. Mesmo com a presença massiva da cultura norte americana no país, a herança cultural francesa persistiu, e a ideia básica de um espaço cultural, um modelo e estímulo, veio de Paris. Nesse tocante, após a segunda metade do século XX, a biblioteca passa a ser considerada centro cultural e de informação, sendo anexados aos seus acervos diferentes suportes informacionais, além de livros e jornais.

Em 1937, com o Estado Novo, o Governo Vargas lança o primeiro programa brasileiro de incentivo às bibliotecas públicas, o Instituto Nacional do Livro (INL). Historicamente, a criação do Instituto Nacional do Livro deve-se a dois fatos. O primeiro era uma resposta do governo federal aos intelectuais que haviam participado da Semana de Arte Moderna e que criticavam muito a administração pela falta de uma política cultural. O segundo fator era que havia necessidade de dar especial atenção à nova classe dos operários, pois basicamente a mão de obra não era qualificada e o analfabetismo atingia altas proporções.

Contudo, para Milanesi (1997), soa paradoxal que um regime claramente marcado pelo cerceamento do livre acesso às informações, bem como pelo controle

da manifestação do pensamento, pudesse criar um programa de fortalecimento das bibliotecas públicas.

Após a criação do INL, abriram-se críticas sobre a sua viabilidade. De fato, não era fácil propiciar meios para a produção e o aprimoramento do livro. Na área editorial surgiam os primeiros esforços com Monteiro Lobato, a Companhia Editora Nacional, a José Olympio e outros. O livro era visto como um grande risco editorial. Não havia também parques gráficos. A maioria dos autores fazia sacrifícios para pagar a edição, e o sistema de distribuição era concentrado no eixo Rio-São Paulo.

Fora essas questões, as atividades do INL objetivavam claramente na adequação desse órgão ao Estado Novo: mesmo que um dos objetivos fosse o de criar bibliotecas ou ampliação dos acervos, para Milanesi (1997), a doação caracterizava-se como atividade central e, por vezes, a única. Escolher livros, empacotá-los e remessá-los para as bibliotecas demonstravam, na prática, o caráter autoritário dessa ação, já que as cidades ou os grupos sociais não podiam de forma alguma participar do processo, pois recebiam o saber selecionado e fechado de acordo com a visão daqueles que ditavam as normas e procedimentos da política de incentivo às bibliotecas.

Nessa esfera, a censura literária, em todos os períodos, não ocorreu unicamente na interdição das gráficas, queima de acervos ou fechamento de editoras, mas também na distribuição de livros cuidadosamente indicados.

Ainda sobre essa dimensão, as bibliotecas tiveram diferentes concepções acerca da leitura. Cada uma dessas percepções refletiu o tipo de sociedade de determinada época, com um discurso de incentivo ou não à leitura. Nesse período, segundo Suaiden (2000, p. 54), “[...] era necessário que a instituição biblioteca fosse dedicada à propagação de uma política de leitura”. Mas a apreensão predominante era a preservação do material bibliográfico, e muitas se negavam a fazer o empréstimo domiciliar com receio de o material ser furtado, e assim o profissional teria de dar conta do livro permanente.

A encadernação era outro valor atribuído à preservação eterna do livro. Por isso, a ideia do livro descartável ou de consumo demorou muito a chegar ao Brasil.

Essa preocupação com a preservação extrema do material bibliográfico infelizmente ainda pode ser observada em bibliotecas públicas municipais do interior paulista.

Visualizando outros aspectos, inegavelmente, a biblioteca pública é um importante aparelho para o fomento das práticas de leitura. Já na década de setenta, Escarpit (1976, p.130) advogava que “todos os especialistas concordam que não pode haver desenvolvimento da leitura sem um sistema adequado de bibliotecas públicas”. Necessita-se, no entanto, firmar o papel da biblioteca como um facilitador de informações para todos os usuários, para os quais ela necessita prover a leitura, com os meios necessários para promover a formação de leitores.

A importância da biblioteca pública, como equipamento público inserido na sociedade com funções definidas, vem sendo reconhecida por segmentos sociais na atualidade e o seu papel social configura-se no atendimento das necessidades relacionadas à cultura, educação, informação e lazer.

Dessa maneira, o Manifesto da Unesco (1994) para a biblioteca pública traz em voga as missões básicas relacionadas à informação, alfabetização, educação e cultura que devem estar na essência dos seus serviços, sendo eles:

1. Criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças, desde a primeira infância;
2. Apoiar a educação individual e auto-formação, assim como a educação formal a todos os níveis;
3. Assegurar a cada pessoa os meios para evoluir de forma criativa;
4. Estimular a imaginação e criatividade das crianças e dos jovens;
5. Promover o conhecimento sobre a herança cultural, o apreço das artes e pelas realizações e inovações científicas;
6. Possibilitar o acesso a todas as formas de expressão cultural das artes do espetáculo;
7. Fomentar o diálogo inter-cultural e a diversidade cultural;
8. Apoiar a tradição oral;
9. Assegurar o acesso dos cidadãos a todos os tipos de informação da comunidade local;
10. Proporcionar serviços de informação adequados às empresas locais, associações e grupos de interesse;
11. Facilitar o desenvolvimento da capacidade de utilizar a informação e a informática;
12. Apoiar, participar e, se necessário, criar programas e atividades de alfabetização para todos os diferentes grupos etários (UNESCO, 1994).

Nesse pós-modernismo, onde a cena urbana é múltipla e pluralista, os espaços sociais marcados pela urbanização e tecnologia, emergindo as diferenças e

diversidades culturais, biblioteca pública e comunidade se relacionam, sabendo que a característica dessa instituição leitora é atender e servir a toda comunidade.

Uma das características do século XXI é o contexto permanente de transformações em todas as esferas da sociedade, acarretando mudanças em práticas já consolidadas, como por exemplo, a leitura e a escrita. Assim, são necessárias inovações de fomento, ações de leitura e da escrita literária, por parte dos equipamentos informacionais públicos que possam garantir o acesso e o direito à leitura e à informação. É fundamental que a leitura seja considerada pelas crianças jovens e adultos, como instrumento para toda a vida, de compreensão, crítica e emancipação social.

Há de se comentar que a educação popular no Brasil, sempre vinculada a um discurso pela democratização do ensino, segue nessa contemporaneidade em via oposta, procedendo em políticas educacionais frágeis, que ainda ocasionam baixos índices nas práticas de leitura e escrita, bem como nos seus resultados. A crise da educação relaciona-se, desse modo, em torno da chamada crise da leitura, constatando-se que mesmo parte da população tendo sido alfabetizada, não apresenta as habilidades necessárias para a sua inserção nas práticas sociais de leitura e escrita.

A partir dos anos 80, essa discussão denominada de *letramento*, começa a fazer parte de pesquisas vinculadas a formação do leitor, sobrepondo-se ao problema do fracasso na alfabetização escolar. Ainda que a escola seja um espaço adequado para o contato do leitor com essas práticas sociais, observa-se que esse ambiente não tem sido explorado adequadamente para a apropriação as leitura, atingindo a meta na formação de leitores críticos.

Nessas circunstâncias, Milanese (1998) argumenta que a escola brasileira, quase sempre funcionou e ainda funciona dentro de um esquema que leva o aluno à reprodução de discursos. Adotando essa perspectiva mecanicista da leitura, que pretende reduzir o ato de ler a mera reprodução do que está no texto, sem levar em conta a leitura crítica da realidade, pode ter sido um dos mais graves obstáculos para o desenvolvimento dessas práticas.

O destaque dado à leitura crítica da realidade, segundo Paulo Freire (2003), pode constituir-se num instrumento para o que Gramsci chamaria de ação contra hegemônica. Hegemonia, portanto, trata-se de um termo usado pelo marxismo russo e adotado por Gramsci.

Neste caso, para Abbagnano,

Segundo Gramsci, a supremacia de uma classe não se manifesta apenas pela dominação e pela força, mas também pelo consentimento e pela capacidade de direção ideal em relação às classes aliadas e subalternas; [...] Enquanto a dominação é exercida através dos aparatos coercitivos da política, a direção é exercida por meio dos “aparatos hegemônicos” da sociedade civil, como a escola, a Igreja, os partidos, os sindicatos, a imprensa, o cinema etc. Entendida como *capacidade de direção intelectual e moral*, a H. não se configura apenas como necessária modalidade de exercício do poder (funcionalmente distinguível da modalidade de dominação), mas também como um indispensável pré-requisito estratégico das classes em ascensão, que precisam esforçar-se para tornar-se dirigentes já antes de conquistarem o poder. Com essa teoria, Gramsci, em antítese com certo economicismo da tradição marxista “ortodoxa”, reavaliou a importância do momento ideal e superestrutural da luta de classe (ABBAGNANO, 2007, p. 578).

Nessa proposta, contra o pensamento das classes dominantes, a formação de um leitor crítico seria o objetivo maior da biblioteca pública. Além disso, Almeida Júnior (1997) lembra que os espaços informacionais podem servir de brechas para a contestação e o desnudamento dos interesses da classe hegemônica, abrindo-se como um dos locais adequados para a expressão das classes populares, convertendo-se assim, em palco privilegiado de confronto de ideologias.

As bibliotecas públicas, nesse momento, são compreendidas como organismos de vital importância social na circulação da informação, quaisquer que sejam elas, impressa, oral ou virtual.

No contexto da sociedade atual, os novos suportes informacionais requerem cada vez mais práticas de leitura e escrita para o domínio das novas tecnologias de informação e comunicação. Nessa possibilidade, considera-se a validade de outros códigos e linguagens, as tradições orais e as novas textualidades, juntamente com os gêneros textuais digitais, procedentes das tecnologias digitais. As ações de mediação de leitura podem resultar em processos de inclusão social, cultural, digital

e de emancipação de grupos e indivíduos, promovendo a alfabetização e o letramento, como também na apropriação da informação. Mediar leitura incentivando-a nos mais diversos suportes é projeto a ser consolidado por bibliotecários e outros educadores que trabalham em equipamentos informacionais públicos, cuja essência dessa prática está na construção de um país mais justo, democrático e crítico.

Em situações sociais excludentes, investimentos em bibliotecas públicas necessitam ser prioridade dos governantes. É notório que educação e cultura representam importantes instrumentos para alterar as condições de desenvolvimento humano. Por conseguinte, valorizar aspectos locais como: identidade, enraizamento, sentimento de pertença, permanência nos lugares e capacidade de originar as próprias riquezas significam possibilidades para a construção de estratégias de desenvolvimento, legitimado por trajetórias situadas no cotidiano e no reconhecimento das potencialidades e valores locais (CAVALCANTE, 2010).

É evidente que numa sociedade leitora, o sujeito que não possui o domínio da escrita e de outras linguagens é excluído da participação social efetiva. Ao longo da história, vários fatores incidiram como entraves à formação do público leitor. Seu processo de institucionalização via escolas públicas, não foi suficiente para formar um povo leitor.

Pode ser no cotidiano das bibliotecas, ao lado das escolas, nos modos de se pensar a leitura criticamente, evidenciando a sua ação política, transformadora da realidade, que a biblioteca pública oportunize o compartilhar entre os atores sociais, demonstrando que não é apenas lugar de estoques estanques, mas, sim, um espaço de possibilidades de transformação.

4.2 Bibliotecas Públicas do Estado de São Paulo

Data de 24 de abril de 1825 a inauguração da biblioteca pública de São Paulo. É a primeira da província, mas não do Brasil. Antes, foram oficialmente

inauguradas as bibliotecas públicas da Bahia, em 1811, e a do Rio de Janeiro, em 1814. Denominada como Biblioteca Pública Oficial de São Paulo, seu acervo foi formado a partir da aquisição da biblioteca do Convento de São Francisco e da livraria de Dom Mateus de Abreu Pereira, por ocasião de seu falecimento. Instalada no próprio convento, funcionou até 1837, quando seu acervo passou a constituir o fundo da biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo, no Largo São Francisco (atual Faculdade de Direito da USP).

No fim do século XIX, em 1895, foi criada a Biblioteca Pública do Estado, sobre a qual se tem um curioso relatório sobre sua instalação, feito por Jerônimo de Azevedo, que adotou como lema a expressão comtiana: "Saber para prever a fim de prover" o que mostra a sua filosofia para a implantação da Biblioteca (NEGRÃO, 1979, p. 188).

Já num segundo momento, em 1926, foi criada e instalada a primeira biblioteca infantil do país, a Biblioteca Infante Juvenil Monteiro Lobato, como parte de um amplo projeto de incentivo à cultura, elaborado e liderado por Mário de Andrade.

Em 1926 foi inaugurada a Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, que se transformou em marco importante da cultura brasileira e um exemplo para a América Latina (SUAIDEN, 2000).

Nesse período, em São Paulo houve uma significativa efervescência cultural. O movimento modernista, surgido com a Semana de Arte Moderna em 1922, ramificando-se depois pelo país, tendo como finalidade principal superar a literatura vigente, formada pelos restos do Naturalismo, do Parnasianismo e do Simbolismo. Naquela ocasião, segundo Milanesi (1997), a palavra "cultura" foi introduzida nas atividades públicas, e destacada, por Mário de Andrade, Paulo Duarte e outros.

Alguns anos depois da Semana de Arte Moderna, tendo à frente Mário de Andrade, em 1935, foi instituído o Departamento de Cultura pela Prefeitura de São Paulo que, por iniciativa de Andrade e demais intelectuais, constroem a Biblioteca Municipal no centro da cidade, sendo inaugurada no início da década de 40. Assim, esse equipamento informacional passou a denominar-se Biblioteca Mário de

Andrade em 1960, representando a maior biblioteca pública da cidade e a segunda maior biblioteca pública do país, superada, apenas, pela Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro.

Trata-se da mais antiga biblioteca infantil em funcionamento no país e precursora de outras similares, tanto na capital como no interior do Estado de São Paulo. O próprio escritor Monteiro Lobato frequentava a biblioteca contando histórias para as crianças. Segundo Macedo (1999, p. 105-106), “daí por diante, nas décadas posteriores, florescem e se desenvolvem gradativamente as bibliotecas ramais em diversos bairros da capital”.

Ainda em 1936, Rubens Borba de Moraes, à frente da Biblioteca Pública Municipal de São Paulo, convida Adelpha Figueiredo para assumir a chefia da Seção de Catalogação e Classificação da referida biblioteca, iniciando a sua reorganização técnica. Mulin (2011) enfatiza que, desde então, se tem uma nova fase da Biblioteconomia brasileira, começando a funcionar o curso de Biblioteconomia de São Paulo e criando-se, posteriormente, o Conselho Bibliotecário do Estado e um Catálogo Coletivo das bibliotecas paulistas.

Nos anos 70 estruturou-se a Secretaria Municipal de Cultura e criaram-se os Departamentos de Bibliotecas Públicas e Infanto Juvenis. Nos dias atuais, o Estado de São Paulo contextualiza três Sistemas de Bibliotecas Públicas: dois municipais, na capital; e outro estadual, abrangendo as cidades do interior paulista. O Sistema de Bibliotecas Estaduais, criado em 1984, tendo à frente Luís Milanesi, tinha como missão integrar as bibliotecas públicas municipais existentes nos 645 municípios do Estado.

O Sistema Municipal de Bibliotecas (SMB) é composto por 105 bibliotecas, sendo 52 bibliotecas públicas nos bairros e 02 espaços de leitura; 02 bibliotecas centrais (Biblioteca Monteiro Lobato e Biblioteca Mário de Andrade); 04 bibliotecas do Centro Cultural São Paulo; 45 bibliotecas dos Centros Educacionais Unificados (CEU); 01 biblioteca do Centro Cultural da Juventude e 01 biblioteca do Arquivo Histórico Municipal.

Abertas ao público em geral, atualmente seus acervos somam mais de cinco milhões de documentos, incluindo livros, CD-ROM, DVD, jornais, revistas, entre outros materiais.

Desde a década de 70, quando instituída a pesquisa escolar, até o ano de 2009, os escolares precisavam pesquisar em bibliotecas públicas, já que as bibliotecas escolares das redes públicas de ensino, apesar de muitas com acervo constituído, não possuíam profissionais qualificados para a sua atuação. Até o início dos anos 1990, as bibliotecas públicas supriram a falta de bibliotecas escolares sendo procuradas principalmente por alunos de escolas públicas.

Como os governos sempre protelaram a contratação de bibliotecários na escola pública foi estabelecida no fim da década de 2000, as Salas de Leitura. Nesses espaços, passaram a atuar professores remanejados ou docentes que não possuem formação profissional para tal função.

A partir de meados da década de 1990, o ensino sofreu mudanças, e os governos passaram a comprar livros didáticos e a distribuí-los entre os alunos. E, com a popularização da internet, abriram-se outras possibilidades para a pesquisa escolar e o acesso à informação na escola.

O panorama atual das bibliotecas públicas municipais de São Paulo, a partir de levantamento iniciado em janeiro de 2008 pela Secretaria de Cultura, indica a seguinte posição: dos 645 municípios paulistas, 601 possuem pelo menos uma biblioteca para atendimento a comunidade, sendo que 44 não possuem nenhuma biblioteca pública municipal. Algumas cidades coordenam Sistemas Municipais de Bibliotecas, tendo mais de uma biblioteca para atendimento em locais diversos.

O *Primeiro Censo Nacional das Bibliotecas Públicas Municipais*, realizado em 2009, pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), mostrou que somente (88%) dos municípios paulistas possuem esse equipamento informacional. Em (4%) dos casos, as BPM ainda estão em fase de implantação ou reabertura e em (8%) estão fechadas, extintas ou nunca existiram.

O levantamento aponta que as instituições têm acervo superior a 10 mil volumes (51%). Mais da metade das bibliotecas tem computador com acesso à

internet (65%), mas somente (29%) oferecem este serviço para o público. Todas as bibliotecas brasileiras funcionam em horário diurno, de segunda a sexta (100%), algumas aos sábados (23%), poucas aos domingos (2%). No período noturno, somente (10%) estão abertas aos usuários. A maioria dos dirigentes e funcionários das BPMs é mulher (84%) e tem nível superior (64%). A frequência dos usuários nas bibliotecas públicas municipais no Estado é menor que a média nacional.

Segundo ainda a pesquisa, o Estado de São Paulo lidera o ranking nacional em empréstimos de livros. Apenas (15%) das BPM oferecem serviços para deficientes visuais (áudio-livros, livros em Braille, etc.), índice superior ao nacional (9%) e o segundo melhor do país, atrás do Paraná (26%). No caso dos serviços especializados para surdos, deficientes mentais ou físicos, o número sobe para (18%), sendo o mais alto do país.

Ainda que o Estado de São Paulo se sobressaia em algumas características em relação ao resto do país, há muito ainda para ser feito. Em busca realizada na internet verificou-se que são raras as bibliotecas municipais da RA de Marília que possuem *sites* ou *blogs*.

O levantamento também apontou que dados simples como números de telefones ou *e-mails*, por exemplo, quase nunca conferem, sendo necessário realizar contatos via telefone para as prefeituras municipais, com o intuito de conseguir alguma informação. O descaso está também nas próprias prefeituras que deixam muito a desejar com suas próprias *home-pages*, em relação as informações eletrônicas.

A movimentação pela formação de leitores no Brasil identifica uma primeira necessidade: reconhecendo-se, na atualidade, a importância das bibliotecas públicas como centro de difusão educacional, cultural e tecnológica, onde deve ocorrer o processo de transformação de dados em informações e de informações em conhecimento entre bibliotecários e leitores, impõe-se urgentemente refletir sobre esses equipamentos informacionais e seus profissionais. No que tange ao estímulo ao conhecimento e à valorização do patrimônio cultural local e regional também é uma das ações em questão, ao lado do objetivo maior: a formação e o incentivo para formar leitores críticos da realidade.

O desafio da mudança está posto. Entretanto, é preciso coragem, competências (atitudes, habilidades e conhecimentos) para promovê-la que, sem dúvida, implicarão satisfações pessoais e profissionais.

A mediação da leitura vista com fins de apropriação cultural, pode ser realizada por intermédio de mudanças duradouras, comportamentais, culturais permanentes, norteados por esse paradigma da mediação cultural.

Uma das preocupações que orientou o trabalho foi estimular uma reflexão sobre o significado da mediação da leitura no contexto da biblioteca pública. Este esforço faz-se mais do que nunca necessário na medida em que apresentam ações e propostas que podem contribuir para o acesso, a alfabetização, avançando na direção do letramento, e para maior articulação entre bibliotecários, tendo em vista as linguagens artísticas, as expressões de pluralidade cultural, o que é característico de nosso país, com sua dimensão continental e riqueza de manifestação da diversidade.

5 AÇÕES DE INCENTIVO À LEITURA

A leitura desprovida de crítica pode levar à simples aceitação mecânica de argumentos e situações. Juntamente com as capacidades de leitura é importante desenvolver as capacidades críticas.

A leitura crítica, que está longe de ser mecânica (não geradora de novos significados), segundo Silva (1985, p. 80) “[...] será feita através da caracterização do conjunto com o qual o leitor crítico se defronta, ou seja, CONSTATAR, COTEJAR E TRANSFORMAR”. Essas exigências acontecem sem uma ordem determinada, durante o encontro significativo do leitor no ato de ler. O leitor se conscientiza de que o exercício de sua consciência sobre o material escrito não visa o simples reter ou memorizar, mas o compreender e o criticar.

A caracterização da *práxis* da leitura em termos de constatação, cotejo e transformação, estabelece-se em excluir qualquer aspecto opressor de uma mensagem, colocando-a em termos de uma possibilidade para a reflexão e recriação. Dessa maneira, a constatação do significado do material de leitura nada mais é do que a sua compreensão. O leitor crítico, desvela o significado pretendido pelo autor, mas não permanece nesse nível – ele reage, questiona, problematiza, aprecia com criticidade. Através dos atos de decodificar e refletir, novos horizontes abrem-se para o leitor, fazendo com que ele tenha a experiência de outras alternativas.

Avalia-se que a leitura crítica sempre leva à produção ou construção de um novo texto: o texto criado pelo próprio leitor. Esse tipo de leitura caracteriza-se pelo processo de apropriação da informação, cujo leitor, para Almeida Júnior (2009, p. 97) “[...] é entendido como co-autor, uma vez que não se concebe um texto que exista por si só, sem a presença dele, leitor”.

As sugestões de práticas de leitura são compilações procedentes da experiência de docentes, de teóricos, como também da prática de bibliotecários. Este material serviu de suporte para a reflexão de exemplos de atividades de mediação da leitura que podem ser implementadas na biblioteca. A respeito dessas práticas, Silva discursa oportunamente que:

Partindo do pressuposto de que a difusão do conhecimento e a dinamização da leitura, como ocorrem ou deveriam ocorrer no contexto da biblioteca, são práticas eminentemente criativas e transformadoras, coloca-se a necessidade dos bibliotecários elevarem suas experiências pedagógicas ao nível da reflexão e da análise. O relato, a análise e a avaliação de experiências várias possibilitariam a construção de teorias sobre a dinamização da leitura na biblioteca. Isto porque toda teoria advém da prática e à prática retorna no sentido de ser experimentada e enriquecida (SILVA, 1995, p. 77).

A seguir, apresenta-se um rol de atividades com o intuito das bibliotecas poderem se basear e incentivar a leitura:

- ***Hora do Conto***

A narrativa oral de histórias é uma atividade milenar revestida de um poderoso valor simbólico. Remete ao gesto ancestral dos homens de outros períodos, que, sentados à beira de uma fogueira, compartilhavam experiências, histórias, sentidos, quando ainda não existia livro, essa atividade era vital para a comunidade entre as gerações.

A narrativa oral de histórias permitem o leitor-narrador e o leitor-ouvinte e tem como objetivo a familiarização com a literatura. Entre outras características, a literatura é uma manifestação aberta, dinâmica, que possibilita a expressão da imaginação do leitor.

Entretanto, acompanha-se com Bortolin (2010, p. 138), um aspecto relevante:

a mediação oral da literatura na biblioteca não deve se restringir apenas à contação de histórias. O bibliotecário precisa abrir espaço para *o lido ser discutido*, oportunidade em que o leitor poderá trocar ideias, discutir personagens, refletir a produção literária, estilos, gêneros, criando uma rede em torno da Literatura.

Assim, as histórias podem ser contadas ou lidas, cada uma delas podendo ser desenvolvidas de várias maneiras: simples narrativa, com o auxílio do livro (mostrando ilustrações), com gravuras, com interferências dos ouvintes, com dramatização, fantoches, teatro de sombras etc.

A contação de histórias pode então ocorrer de diversas formas utilizando-se variados recursos e técnicas a fim de estimular e cativar o leitor em formação ou já formado.

- ***Sugestões de Leitura***

O espaço reservado para as sugestões é um importante local para a prática do incentivo à leitura. Várias obras de diversos gêneros podem ser reunidas a fim de suscitar o interesse pelo usuário em levar o material para casa.

A biblioteca pública municipal precisa atentar à linguagem das novas tecnologias, aos novos letramentos, às novas mídias, aos novos meios de transmissão de cultura proporcionados pelo advento da internet. Assim, essa prática também pode ser realizada com a utilização das Redes Sociais, postando-se obras no *Facebook*, *Orkut*, *Blogs* etc.

As tecnologias digitais representam um impacto no tocante à leitura e escrita, transformando novos espaços em novas possibilidades de informação e comunicação. Nesse tocante, Cavalcante (2010, p. 2) ressalta a relevância do poder multiplicador das tecnologias de informação e comunicação que, a cada momento, faz os indivíduos se depararem com novas linguagens, novas ferramentas, novas formas de expressão e comunicação.

- ***Propaganda de eventos e obras na internet***

Pode-se dizer que o futuro para vários serviços oferecidos pelas bibliotecas está em consenso com o futuro da internet. Podendo-se recorrer às tecnologias, amplia-se o acesso à informação. Diversas ferramentas da web 2.0 podem ser utilizadas para permitir a troca de conteúdos e disseminação:

Blog

Um *blog* típico combina texto, imagens e *links* para outros *blogs*, páginas da web e mídias relacionadas a seu tema. A capacidade de leitores deixarem comentários de forma a interagir com o autor e outros leitores é uma parte importante na comunicação dessa ferramenta virtual. A maioria dos *blogs* são primariamente textuais, embora uma parte seja focada em temas exclusivos como arte, fotografia, vídeos, música ou áudio, formando uma ampla rede de mídias sociais. Várias bibliotecas já possuem seus *blogs* como a BPM de Garça.

Twitter

Outro formato é o *microblogging*, que consiste em *blogs* com textos curtos. A primeira ferramenta de *microblog* e, ainda, a mais popular é o *Twitter*. *Twitter* é uma rede social e servidor para *microblogging*, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 140 caracteres, conhecidos como *tweets*). As atualizações são exibidas no perfil de um usuário em tempo real e também enviada a outros usuários seguidores. Inicialmente utilizado para a troca de mensagens pessoais, está se descobrindo o potencial dessa ferramenta para a disseminação de informação.

Apesar dessa ferramenta despertar discussões quanto a sua utilização, acredita-se no potencial da ferramenta para a disseminação de informações específicas. Com vistas na fácil pretensão de seguir pessoas ou instituições, sem que seja seguido ou não, e a facilidade do serviço, cada vez mais as bibliotecas estão aproveitando esse serviço como mais uma ferramenta de divulgação dos serviços oferecidos.

- **Sites de compartilhamento**

Flickr – o *Flickr* é uma rede social que consiste em um site de hospedagem e compartilhamento de imagens fotográficas, desenhos e ilustrações. O *Flickr* permite a seus usuários criarem álbuns para armazenamento de suas fotografias e entrarem em contato com fotógrafos variados e de diferentes locais do mundo. O *Flickr* é considerado um dos componentes mais exemplares da Web 2.0, devido ao nível de interatividade permitido aos usuários.

YouTube – o *YouTube* é um site que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital. Utiliza o formato *Adobe Flash* para disponibilizar o conteúdo e tornou-se o mais popular site desse tipo, devido à possibilidade de hospedar quaisquer vídeos. Hospeda uma grande variedade de filmes, videoclipes e materiais caseiros. O material encontrado no YouTube pode ser disponibilizado em blogs e sites pessoais através de mecanismos (APIs) desenvolvidos pelo site.

- ***Homenagens ao Autor***

O espaço para essa homenagem pode ser no saguão da biblioteca, onde a circulação de leitores é maior. Esse espaço pode abrigar instalações com acessórios, materiais recicláveis, obras dos autores, poltronas para leitura. Há também a possibilidade dos próprios autores lerem trechos de suas obras nestes locais.

Pode-se homenagear tanto autores nacionais, estrangeiros, como também os escritores locais. Essa prática, além de prestar tributos aos autores, incide ao incentivo à leitura tendo o contato pessoal do criador, suas obras e o público.

- ***Rodas de Leitura***

Prática comum em muitas escolas, criar rodas de leitura significa formar um círculo, distribuir o material de leitura entre os participantes, onde cada indivíduo vai lendo em voz alta um trecho da obra. Após as leituras, discutem-se vários pontos relevantes fazendo uma conexão com os dias atuais e as realidades vividas.

- ***Mostras de Livros***

Nesse espaço, o objetivo propõe apresentar diversas obras literárias ao mesmo tempo. A apresentação de um grande número de livros – espalhados sobre mesas ou bancadas, é particularmente eficaz, diz Bamberger (1991). No momento em que os leitores em formação estiverem fazendo uma visita à biblioteca, o bibliotecário pode dizer algumas palavras sobre o critério de seleção, assuntos etc. De forma geral, se expõem as últimas aquisições, mostrando que aquele aparelho informacional é um organismo vivo e, não somente um depósito de livros. Em seguida, os próprios leitores folhearão as obras, selecionando o que lhes interessar para consultas ou empréstimos.

- ***Clubes do livro***

Bamberger (1991, p. 81) argumenta que em muitos países se produzem esforços “[...] para interessar as crianças pela leitura e dar-lhes a oportunidade de descobrir o material que lhes convém, através da sua inscrição como sócios de

clubes do livro”. A proposta do Clube do Livro é organizada de várias maneiras, adequando-se a diferentes condições locais.

Através do clube, pode-se escolher através de discussão e votação para o “livro do mês”.

- **Concursos literários**

Vários gêneros textuais podem ser focados nos concursos de literatura como contos, poesia, crônicas etc. Uma atenção especial às premiações podem resultar em maior número de participantes, movimentando bastante a biblioteca. A possibilidade dos leitores terem suas obras disseminadas, através de publicações nos jornais locais, no próprio *blog* da biblioteca ou num livro impresso, poderá aumentar a sua familiarização e o poderá impulsionar na literatura.

- **Oficinas de Leitura e escrita**

Numa oficina de leitura várias atividades que se relacionam com o livro e leitura podem ser executadas com os leitores em formação. Após uma história contada, varias ações podem ser desencadeadas a partir disso, como o desenho ou pinturas de personagens e paisagens que fazem parte da história. Pois, o desenho é considerado pela educação artística como importante meio de liberar a fantasia e desenvolver a criatividade. Quando se desenharam ou pintam figuras ou cenas de um livro, aumenta-se o interesse pelo livro e compreensão dele.

Outros materiais confeccionados pelas crianças, a partir das histórias como marcadores de livros, porta canetas, ponteiros de lápis, também fazem emergir o interesse pela leitura.

- **Poesia**

A formação de leitores em diferentes linguagens deve ser contemplada tendo em vista que os mediadores têm contato com um público bem diversificado, podendo-se utilizar a poesia como forma de expressão e comunicação.

Para Sant'Anna (2009, p. 170) "Poesia é a reinvenção do mundo através da linguagem". Numa oficina de poesia é recomendável que o mediador trabalhe com formas orais, escritas, visuais, teatrais, musicais etc. da poesia.

Não são todas as pessoas que desenvolveram sensibilidade ou interesse para a poesia escrita ou oral. Ainda para Sant'Anna,

Poesia (como a literatura) tem a ver com mistério em vários sentidos. É que o texto poético tem uma carga de ambiguidade. Poesia é linguagem carregada de sentido. [...] a poesia tem outra pretensão: sugerir várias coisas além daquilo que está sendo dito, ou melhor, dizer o invisível (SANT'ANNA, 2009, p. 158).

Há, portanto, no poético, algo que vai do encantamento ao arrebatamento.

- **Teatro**

A essência do teatro é o ser humano. Para Araújo (2009, p. 172) "O teatro é a imitação concreta do comportamento do homem e, por isso, suscita uma forma concreta de pensar as situações humanas". O teatro é um instrumento de reflexão, um processo cognitivo, que despertou o interesse dos espectadores de todas as épocas, de todas as culturas e de todas as línguas.

Sobre o fenômeno do analfabetismo funcional, Alcione Araújo (2009) pesquisador, dramaturgo e escritor, acredita que para superar esse problema, uma possibilidade seria através da leitura de peças teatrais.

O termo analfabetismo funcional é empregado para designar a incapacidade no domínio das habilidades de leitura e de escrita. Por outro lado, o alfabetismo é um processo sociocultural envolvendo competências de comunicação em diversas linguagens (texto, visual, audiovisual, corporal etc).

A utilização da dramaturgia na mediação de leitura,

Além de reforçar e renovar o prazer pela leitura, percebe-se que, na sua especificidade e sem o palco, o texto teatral instiga a curiosidade, mantém a tensão e a expectativa e estimula a imaginação a antever as ações num palco imaginário. Ler uma peça teatral é uma operação que se basta a si própria, independente da representação, pois dinamiza os processos mentais como ocorre em qualquer outra prática de leitura (ARAÚJO, 2009, p. 175).

Ao longo de dois mil e seiscentos anos, o teatro desperta o interesse dos espectadores de todas as épocas, dessa forma, a arte teatral vem sendo realizada, reproduzida, nos seus aspectos essenciais, quase do mesmo modo como surgiu: corpo, gesto, voz, emoção e sentimento.

Já que o teatro é um meio por excelência da expressão humana, sua realização tem forte poder de transformação e evolução da sociedade. Mais uma vez, a retórica de Araújo, se faz necessária:

[...] a dramaturgia, base literária da expressão teatral, é ignorada pelos currículos acadêmicos, mesmo nos cursos de letras, e raramente utilizada nos níveis médio e fundamental do ensino no Brasil. Renuncia-se, assim, à sua utilização pedagógica como uma maneira de representar, interpretar e conhecer o homem e a sociedade criada pelos homens (ARAÚJO, 2009, p. 173-174).

A utilização da dramaturgia reforça e renova o prazer pela leitura, o texto teatral instiga a curiosidade, mantém a tensão e a expectativa, estimulando a imaginação nas ações num palco imaginário.

Do teatro originaram-se outras narrativas dramáticas: a radionovela, a novela, o cinema, as histórias em quadrinhos. Assim como a literatura, a leitura de textos teatrais pode-se também acumular “vivências” do que não se viveu.

- **SERVIÇOS DE EXTENSÃO**

Carro-Biblioteca

Várias pessoas, por motivos diversos, não podem frequentar a Biblioteca Pública, como é o caso de moradores de periferias afastadas do centro da cidade, idosos moradores de asilos, internados em hospitais etc. Nesse caso, a biblioteca precisa ir ao encontro desses leitores, através dos Serviços de Extensão, utilizando-se para isso carros-biblioteca ou caixas-estante.

Também chamado de Biblioteca Circulante, a primeira desse tipo que se tem notícia no Brasil, segundo publicação do Instituto Nacional do Livro (INL, 1983), foi concebida por Mário de Andrade. Em 1936, pretendendo disseminar livros pelos bairros de São Paulo, Andrade instituiu o “auto-móvel-biblioteca”. Diz ainda o INL

que essa primeira coleção circulante foi considerada pelos jornais da época como uma experiência bem sucedida no campo cultural.

Entre os objetivos propostos para este serviço de extensão, está a possibilidade de se levar às comunidades carentes de bibliotecas, especialmente aquelas localizadas em periferias urbanas e zona rural, o acesso as informações. Ainda entre os objetivos específicos podem-se elencar o desenvolvimento do gosto pela leitura, oportunidades de enriquecimento cultural, favorecendo a educação continuada, apoiando e complementando a ação educativa da escola.

- ***Caixa-Estante***

A caixa-estante é uma caixa onde se adaptam prateleiras internas, possibilitando a colocação de materiais bibliográficos. A caixa-estante com livros circula por vários pontos da cidade atingindo bairros distantes da biblioteca. A caixa-estante constitui um serviço simples, utilizado com a finalidade de levar o atendimento bibliotecário às populações situadas fora da área de atuação das bibliotecas fixas. Objetivando, basicamente, a difusão de livros, revistas, gibis, e a formação de hábitos de leitura.

A biblioteca deverá coordenar o funcionamento de todas as atividades do serviço, bem como provê-lo dos recursos humanos e materiais necessários à sua operacionalização.

Caberá ao encarregado a responsabilidade de execução das seguintes tarefas: divulgação do serviço; circulação dos materiais através do empréstimo; orientação aos leitores sobre a conservação dos materiais bibliográficos; controle da devolução; levantamento dos interesses dos leitores com vista à inclusão futura de materiais que atendam as suas necessidades informacionais e de lazer.

- ***As linguagens artísticas e o desenvolvimento do prazer de ler***

Desde os primórdios do cinema que a literatura inspirou a produção de obras audiovisuais. Romances, contos, fábulas, lendas, textos de distintas naturezas servem de mote para os roteiros cinematográficos. Não é difícil entender as bases desta relação longa, diz Necchi (2009,p. 269):

Havendo necessidade de boas histórias para serem filmadas, nada mais natural que se buscassem aquelas já consagradas pelo público leitor ou que tivessem latentes em si a possibilidade de um bom enredo.

Ressaltando que o livro e filme possuem naturezas próprias, é oportuno pensar na capacidade do cinema potencializar a literatura. Com o objetivo de o sujeito ter autonomia, amadurecimento, tornando-se crítico, o cinema pode ser um grande aliado para superlativar as possibilidades e o alcance dos livros.

Vários docentes universitários utilizam-se da estratégia de exibição de filmes com o intuito de debates, reflexões sobre determinados assuntos. Na biblioteca porem, além desses objetivos, o cinema pode constituir-se de ferramenta tática na ampliação e consolidação de repertório, descoberta de novas perspectivas, aproximação de realidades diversas e o estabelecimento de diálogos entre estas duas obras distintas.

A seguir, no próximo capítulo, apresenta-se como desenvolveu-se a pesquisa, métodos, coleta de dados e análise dos resultados.

6 A PESQUISA

Esta pesquisa tem caráter exploratório, pois objetiva estudar o tema de maneira aprofundada e examinar certos aspectos particulares do grupo escolhido, esclarecendo alguns conceitos e variáveis e permitindo a elaboração de hipóteses mais precisas, que possam ser pesquisadas em estudos posteriores.

O enfoque qualitativo parte do embasamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o ator social, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, uma conexão indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito (CHIZZOTTI, 2000).

De acordo com Minayo (2010, p. 21) a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Entende-se que, esse conjunto de fenômenos humanos, é percebido fazendo parte da realidade social, sendo que o ser humano distingue-se pelo agir, pelo pensar sobre o que faz e interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e compartilhada com seus semelhantes.

Pesquisas exploratórias, de acordo com Gil (1999), são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Isso se deve especialmente quando o tema proposto é pouco explorado tornando-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis como é o caso do tema em questão.

Desse modo, inicialmente, realizou-se levantamento das temáticas abordadas neste trabalho em literatura nacional e, conseqüentemente, foram realizadas as leituras e a análise dos textos para a elaboração da fundamentação teórica. A pesquisa dividiu-se em duas fases. Na primeira, considerou-se importante a exploração das temáticas relacionadas ao trabalho, permitindo uma visão abrangente dos estudos e um embasamento consistente e fundamental para o prosseguimento da mesma.

A segunda fase iniciou-se com a elaboração de um instrumento de pesquisa, visando a coleta de dados para a tabulação, análise e discussão dos resultados.

Nesse caso, a coleta de dados, com vistas qualitativas, fundamentou-se em dados coligidos nas interações interpessoais, na coparticipação das situações dos informantes, analisadas a partir da significação que estes dão aos seus atos, sendo que o pesquisador participa, compreende e interpreta (CHIZZOTTI, 2000, p. 52).

Diante disso, considerou-se relevante a aplicação de um roteiro de entrevista estruturada para melhor compreender como são realizadas as atividades relacionadas à mediação da leitura nas bibliotecas públicas municipais, e um questionário destinado aos participantes, que fizeram parte da atividade de mediação da Leitura.

No levantamento por busca de ações na internet, referente às bibliotecas pertencentes à RA de Marília, foi utilizado o Sistema de Bibliotecas Públicas do Estado de São Paulo, acessado através do *site* da Secretaria de Estado da Cultura. A partir de um quadro sobre as bibliotecas que desenvolveram práticas de incentivo à leitura no ano de 2011, selecionou-se uma amostra dessas instituições para dar início a uma investigação *in loco*, sendo escolhidas as BPMs de Gália, Garça e Vera Cruz. Por meio de pesquisa de campo foram reunidas informações e documentos sobre as ações de mediação da leitura realizadas nessas bibliotecas. Já para os bibliotecários das BPM de Assis, Marília, Pompéia, Ourinhos, Tarumã e Tupã foi enviado questionário via *e-mail*.

Considerando o universo de bibliotecas públicas que desenvolvem mediação de leitura, questiona-se o caráter dessas ações do ponto de vista daquilo que se distingue como “apropriação da leitura” “promoção da leitura” e “animação da leitura”, de forma a compreender o espaço dessas instituições dentro do campo das práticas de formação de leitor.

6.1 Contextualização do Universo da Pesquisa

Figura 2 - Divisão territorial dos municípios da XI RA de Marília



Fonte: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional do Estado de São Paulo.

A Região administrativa (RA) de Marília, localizada no centro-oeste do Estado de São Paulo, é composta por quatro regiões de governo (Marília, Assis, Ourinhos e Tupã), englobando 51 (cinquenta e um) *municípios*, descritos a seguir: *Álvaro de Carvalho, Alvinlândia, Arco Íris, Assis, Bastos, Bernardino de Campos, Borá, Campos Novos Paulista, Cândido Mota, Canitar, Chavantes, Cruzália, Echaporã, Espírito Santo do Turvo, Fernão, Florínia, Gália, Garça, Herculândia, Iacri, Ibirarema, Ipaussu, João Ramalho, Júlio Mesquita, Lupércio, Lutécia, Maracaí, Marília, Ocaçu, Óleo, Oriente, Oscar Bressane, Ourinhos, Palmital, Paraguaçu Paulista, Parapuã, Pedrinhas Paulista, Platina, Pompéia, Quatã, Queiroz, Quintana, Ribeirão do Sul, Rinópolis, Salto Grande, Santa Cruz do Rio Pardo, São Pedro do Turvo, Tarumã, Timburi, Tupã e Vera Cruz.*

A RA de Marília teve seu desenvolvimento fortemente baseado na cafeicultura, no início do século XX, sobretudo os municípios da porção sul da região, devido à integração dessa área à economia paulista por meio da Estrada de Ferro Sorocabana.

A região tem no agronegócio a sua base econômica, respondendo (1,8%) do Produto Interno Bruto (PIB) do Estado. A cultura cafeeira vem sendo renovada, e a produção de soja, milho, amendoim e leite também é destaque. A população, em 2011, segundo dados da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), contava cerca de 946.000 habitantes.

No transporte, três rodovias servem à região, BR 153, SP-294, SP-333 e, juntamente com a Hidrovia Tiete-Paraná, dão vazão ao escoamento de cargas. Aeroportos regionais estão disponíveis nos municípios de Marília, Tupã, Assis e Ourinhos.

O setor industrial da RA de Marília desenvolveu-se vinculado à dinâmica agropecuária regional. Apesar de certa diversificação industrial ocorrida em meados da década de 1960, com a implantação de unidades voltadas aos segmentos de máquinas e implementos agrícolas, têxteis, papel e papelão e materiais de construção, foi a indústria de alimentos e bebidas e produtos agrícolas que se destacou regionalmente.

Merecem destaque, ainda, importantes centros universitários localizados nos municípios de Assis, Marília, Ourinhos e Tupã, com unidades da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e nos municípios de Garça, Marília e Ourinhos, que abrigam Faculdades de Tecnologia (FATEC), com cursos de graduação e de tecnologia, além de faculdades e universidades particulares nesses e em outros municípios da região.

Pode-se notar que a RA de Marília dispõe de grande variedade de setores industriais, infraestrutura logística (rodovias, ferrovia, hidrovia), mão de obra qualificada, e importantes centros de pesquisa, além de contar com um setor de serviços bastante diversificado e com um comércio suficientemente estruturado para responder à demanda regional.

Ao apresentar a caracterização da XI RA de Marília, entende-se que essa contextualização é de grande relevância para a compreensão do espaço geográfico e social onde esta pesquisa desenvolveu-se.

6.2 Instrumentos de Coleta de Dados

O universo da realidade pesquisada abrange a XI RA de Marília, com foco nos espaços das BPM em que atuam profissionais bibliotecários. No procedimento adotado para a coleta de dados, considerou-se relevante a aplicação de entrevistas aos bibliotecários e um questionário destinado aos usuários das bibliotecas, participantes das atividades de mediação, cujos modelos encontram-se no apêndice.

O roteiro de entrevista dirigida trata-se de um tipo de comunicação entre o pesquisador, que irá colher informações sobre fenômenos (atividades de incentivo à leitura) e indivíduos (bibliotecários), sobre os fatos e opiniões, que deverão constituir-se em indicadores de variáveis que se pretende descrever. Desse modo, o roteiro foi elaborado da seguinte forma: na primeira parte, elencaram-se as mais variadas atividades de mediação da leitura, em que o profissional deveria destacar as que efetivamente ocorrem no equipamento informacional no qual atua. Na outra parte, o rol de perguntas busca melhor compreender como são realizadas as atividades de mediação da leitura e as competências dos bibliotecários.

Desse modo, após a coleta de dados, realizou-se a tabulação, análise e discussão dos resultados obtidos.

Considerando, através dos dados do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas, que vinte e oito bibliotecas públicas municipais realizaram atividades envolvendo leituras, o critério adotado para a coleta de dados *in loco*, abrangeu três (03) BPM (Gália, Garça e Vera Cruz), necessariamente as que tinham, em seu quadro de funcionários, profissionais bibliotecários. Não houve necessidade, portanto, de que o bibliotecário fosse o “animador cultural” dessas atividades, podendo apenas ter participado como organizador das ações. O cronograma referente à coleta de dados respeitou a data de execução das atividades de mediação nas bibliotecas selecionadas.

A coleta de dados *in loco* foi executada na BPM de Gália em outubro de 2012. Na BPM de Garça foi realizada em abril de 2013 e em Vera Cruz deu-se em maio de 2013. Nesta etapa, os instrumentos contaram com um roteiro de entrevistas direcionado aos bibliotecários dessas instituições e um questionário aplicado aos usuários participantes de atividades de mediação. Nesse momento, também foi colhido material fotográfico das atividades que estavam acontecendo nas bibliotecas.

Numa segunda fase, entre abril e maio de 2013, foram enviados, via e-mail, o questionário para os bibliotecários das BPM de Assis, Marília, Pompéia, Ourinhos, Taramã e Tupã. Buscou-se contato com a biblioteca de Echaporã, mas a bibliotecária estava de licença médica.

6.3 Coleta de Dados

A partir de levantamento iniciado em 2008, pelo Sistema de Bibliotecas Públicas do Estado de São Paulo (SISEB), até o momento, tem-se o seguinte panorama: dos 645 municípios paulistas, 601 possuem 1 (uma) biblioteca para atendimento da comunidade, sendo que 44 (quarenta e quatro) municípios não possuem nenhuma Biblioteca Pública Municipal.

Os dados referentes às atividades, subordinação e nome das BPM correspondem às informações disponíveis no *site* da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo através do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas. Anualmente, o Sistema de Bibliotecas envia um questionário para todas as BPMs, que devem respondê-lo e enviá-lo de volta ao Sistema. Salienta-se que esses dados fornecidos pelas bibliotecas correspondem aos questionários anuais aplicados pela Secretaria da Cultura, referente ao ano de 2011. Os dados populacionais são referentes ao censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Além das informações colhidas no *site* do Sistema, foi necessário coletar informações via telefone e *e-mail*, sendo que várias bibliotecas municipais não

responderam o questionário enviado pelo Sistema, dificultando a obtenção de dados.

Todos os anos, o Sistema de Bibliotecas envia, via correio eletrônico, um questionário para as bibliotecas responderem. Nesse questionário, elencam-se perguntas sobre vários aspectos como: número de funcionários, dados estatísticos sobre a frequência de usuários, quais ações de incentivo à leitura são realizadas, instalações, equipamentos de informática, acessibilidade, serviços à comunidade etc.

Todas essas informações estão disponíveis na Plataforma de Dados sobre as Bibliotecas Públicas Municipais, no *site* do Sistema. Nessa base de dados do Sistema estão reunidas informações dos questionários aplicados pela Secretaria da Cultura referentes aos anos de 2007, 2008, 2009, 2010 e 2011.

Para melhor visualização dos dados das bibliotecas públicas na XI RA de Marília, seguem abaixo as informações coletadas no *site*:

Quadro 1 - Dados das Bibliotecas Públicas Municipais da RA de Marília

Município	População	Biblioteca	Subordinação	Formação do Responsável	Atividades Desenvolvidas
Álvaro de Carvalho	4.650	B. P. M. Maria Augusta Bosqué Mendes	Secretaria Municipal de Educação	Ensino Médio	Hora do conto, Aula de Leitura, Feira do Livro, Encontro com Autores
Alvinlândia	3.000	B. P. de Alvinlândia	Biblioteca Pública de Alvinlândia	Pedagogia	Hora do conto
Arco Íris	1.925	B. M. de Arco Íris	Secretaria de Educação	Ensino Médio	Gincana, Cultural, Exposições
Assis	98.715	B. P. M. Nina Silva	Fundação Assisense de Cultura	Bibliotecário	Hora do conto, Exposições
Bastos	20.461	B. M. José Maria Rondinelli	Secretaria de Educação e Cultura	Bibliotecário	Hora do conto, Encontro com Autores, Caixa Biblioteca, Oficina de Leitura, Teatro.
Bernardino de Campos	10.777	B. P. M.	Secretaria da Cultura, Esporte e Lazer	Ensino Médio	Não realizou atividades em 2011
Borá Func. na Escola	805	B. P. de Borá	Prefeitura Militar e Escola Estadual Dr. José de Souza	Curso Superior	Não enviou dados
Campos Novos Paulista	4.539	B. Prof. Genoveva T. de O. B.	Secretaria Municipal de Educação	Curso superior	Não realizou atividades em 2011
Candido Mota	29.911	B. P. M. Lucilene Gargellera	Secretaria M. de Educação	Bibliotecário	Rodas de leitura, Exposições, Hora do conto, Enc. c/ autores
Canitar	4.369	B. P. de Canitar	Prefeitura Municipal	Ensino Fundamental	Não realizou atividades em 2011
Chavantes	12.114	B. M. Miguel Mofarrej	Secretaria Municipal da Cultura e Turismo	Ensino Médio (Magistério)	Encontro com autores, Exposições

Cruzália	2.270	B. P. M.	Prefeitura Municipal	Ensino Médio	Rodas de Leitura, Hora do Conto
Echaporã	6.318	B. P. M. Luciana Cristina Mazuqueli	Diretoria de Cultura, Lazer Esportes	Bibliotecário	Hora do conto, Exposições, Rodas de Leitura
Espirito Santo do Turvo	4.246	B. P. M. de E. S. do T.	Secretaria Municipal de Educação	Pedagogia	Não realizou atividades em 2011
Fernão	1.299	B. P. M.	Secretaria Municipal de Educação.	Pedagogia	Não enviou dados
Florínea	2.829	B. M.	S. M. de Educação e Cultura	Ensino Médio	Rodas de Leitura
Gália	7.011	B. P. M.	Dep. de Educação e Cultura	Bibliotecário	Exposições, Sessão de Cinema, Cursos de Artesanatos, Oficinas Artísticas
Garça	43.124	B. P. M. Dr. Rafael Paes de Barros	Secretaria Municipal de Cultura	Bibliotecário	Encontro com autores, rodas de leitura, Hora do conto, Caixa-Biblioteca, Exposições, Programação de Férias, Oficinas Artísticas
Herculândia	8.696	B. M. de Herculândia	Secretaria Municipal de Cultura	Ensino Médio	Não realizou atividades em 2011
Iacri	6.419	Biblioteca Municipal de Iacri	Secretaria Municipal de Educação	Graduação em História e Geografia	Não realizou atividades em 2011
Ibirarema	6.725	B. Marcílio F. de P. S.	Prefeitura Municipal de Ibirarema	Não souberam informar	Não enviou dados
Ipaussu	13.746	B. P. M. Dr. Raphael de Souza	Secretaria Municipal de Cultura	Pedagogia Pós-graduação em Gestão escolar	Hora do conto, Exposições, Teatro de Fantoches
João Ramalho	4.180	BibliotecaMunicipal	Prefeitura Municipal	Não souberam informar	Não enviou dados
Júlio	4.430	B. P. M. Arthur	Prefeitura	Pós-graduação. Graduação em	Hora do Conto, Rodas de Leitura,

Mesquita		Pereira	Municipal	Ciências Sociais, Geografia e Pedagogia	Exposições,
Lupércio	4.353	Desativada	-	-	-
Lutécia	2.703	B. P. M. Prof ^a Maria Cecília da Silva Grohmann	Secretaria Municipal de Educação e Cultura	Bibliotecário	Exposições, Teatro
Maracaí	13.344	B. P. M. de Maracaí	Secretaria Municipal de Educação	Não souberam informar	Apresentação de vídeo e teatro
Marília	216.684	João Mesquita Valença	Secretaria Municipal de Cultura	Bibliotecário	Encontro com autores, Exposições,
Ocaçu	4.163	B. P. M. de Ocaçu	s/dados	Pedagogia	Rodas de leitura, Hora do Conto
Óleo	2.646	B. Luz do Saber	Secretaria Municipal de Educação	Ensino Médio	Não realizou atividades em 2011
Oriente	6.097	B. M. Manuel Bandeira	Secretaria Municipal de Educação	Bibliotecário	Hora do conto
Oscar Bressane	2.539	B. P. M. João B. da Silva	Secretaria Municipal de Educação	Ensino Médio	Hora do conto, Apresentação de teatro
Ourinhos Possui mais 03 bibliotecas ramais	103.026	B. M. Tristão de Athayde	Secretaria Municipal de Cultura	Bibliotecário	Hora do Conto, Encontro com Autores, Rodas de Leitura, Exposições, Oficina de Redação, Oficina de leitura, oficina de desenho, lançamento de Livros. Caixa Biblioteca
Palmital	21.257	Biblioteca P. M.	Departamento de Educação, Cultura e Turismo	Ensino Médio (Magistério)	Encontro com autores, Exposições, Apresentação de filmes, Viagem literária, Circuito cultural
Paraguaçu	42.281	B. P. Mitsuo	Departamento de Educação,	Ensino Médio	Não enviou dados

Paulista		Marubayashi	Cultura		
Parapuã	10.844	B. P. M. Dr. Bruno Giovannetti	Secretaria Municipal de Cultura	Pedagogia	Não realizou atividades em 2011
Pedrinhas Paulista	2.936	B. M. Isabel das Chagas Terzi	Secretaria Municipal de Educação e Turismo	Graduação em Administração	Exposições
Platina	3.192	Não possui	-	-	-
Pompéia	19.963	B. M. Monteiro Lobato	Secretaria Municipal de Educação e Cultura	Cursou Biblioteconomia e Direito, Pós-graduação em R H	Caixa Biblioteca, Encontro com autores, Hora do Conto, Feira do Livro, Férias na Biblioteca
Quatá	12.828	B. P. M. de Quatá	Secretaria Municipal de Educação	Curso Superior (Informática)	Rodas de Leitura
Queiroz	2.808	Biblioteca Municipal "Castro Alves"	Prefeitura Municipal	Ensino Médio	Não enviou dados
Quintana	6.008	B. P. M. Nice Nery Machado da Costa	Prefeitura Municipal	Ensino Médio (Magistério)	Hora do conto, Rodas de Leitura
Ribeirão do Sul	4.464	B. P. M. Prof. Marilene Viana Correa da Cruz	Departamento Municipal de Educação	Curso Superior	Encontro com autores, Exposições
Rinópolis	9.935	B. Manoel Jesuíno da Silva	Secretaria Municipal de Educação	Licenciatura em educação física e pedagogia	Não realizou atividades em 2011
Salto Grande	8.787	B. M. de Salto Grande	Secretaria Municipal da Cultura	Ensino médio	Rodas de leitura
Santa Cruz do Rio Pardo	43.929	B. P. M. Prof. Abílio Fontes	Secretaria Municipal de Cultura	Bibliotecário	Hora do conto, Encontros com autores
São Pedro do Turvo	7.208	B. M. Benedito Ferreira de Souza	Secretaria Municipal de Educação	Graduação em Pedagogia	Não realizou atividades em 2011
Tarumã	12.883	B. P. M. Anna Ap. José de Brito	Secretaria Municipal de Educação	Bibliotecário	Hora do conto, Exposições

Timburi	2.646	B. Professora Dulce da Silva Marques	Prefeitura Municipal	Ensino Médio	Não realizou atividades em 2011
Tupã	65.000	B. P. M. Prof. Tobias Rodrigues	Secretaria Municipal de Cultura e Turismo	Bibliotecário	Caixa biblioteca, Hora do conto, Rodas de leitura, Exposições, Férias na biblioteca e passeios turísticos.
Vera Cruz	10.769	B. P. M. Dioguina de Moraes Bertoni	Secretaria Municipal de Educação e Cultura	Bibliotecário	Hora do conto, Exposições, Oficinas, Teatro, Encontro com autores,

Fonte: Sistema de Bibliotecas Públicas do Estado de São Paulo, 2011

De acordo com as informações obtidas no *site*, durante a pesquisa, elaborou-se alguns gráficos de modo a tornar mais compreensível e de fácil visualização os resultados obtidos acerca das ações desenvolvidas pelas bibliotecas da RA de Marília, que ajudaram a delinear a coleta de dados para este estudo.

Gráfico 1 – Total de Bibliotecas na RA de Marília

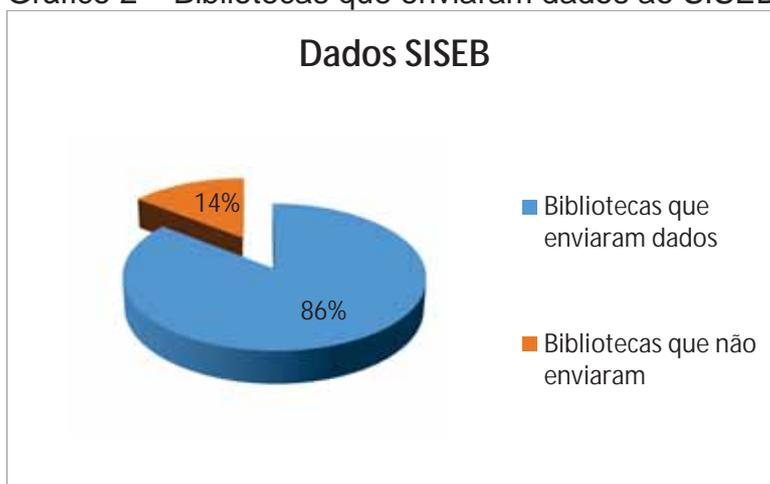


Fonte: dados da pesquisa.

A RA de Marília está composta por 51 (cinquenta e um) municípios. Desse total de cidades, 49 (quarenta e nove) possuem bibliotecas públicas municipais. 2 (dois) municípios não contam com bibliotecas: Lupércio (desativada) e Platina (não dispõe). Assis e Ourinhos possuem bibliotecas ramais.

Em Assis (Biblioteca Comunitária Angelina Iaredo), em Ourinhos (Biblioteca Ramal Clarice Lispector, Biblioteca Centro Cultural Tom Jobim e Biblioteca Casinha da Esquina). Desse modo, incluindo as bibliotecas setoriais, somaram-se 53 (cinquenta e três) bibliotecas. Contabilizam-se para a pesquisa no Sistema de Biblioteca as 49 (quarenta e nove) bibliotecas, tidas como centrais, não incluindo, portanto, as bibliotecas setoriais.

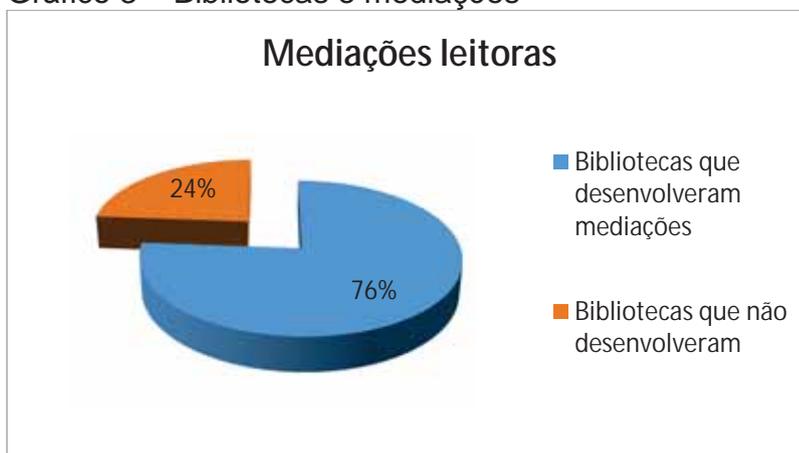
Gráfico 2 – Bibliotecas que enviaram dados ao SISEB



Fonte: SISEB, 2011

Conforme os dados coletados no Sistema, salienta-se que bibliotecas de 7 (sete) municípios deixaram de enviar seus relatórios com dados ao Sistema de Bibliotecas no ano de 2011: Borá, Fernão, Ibirarema, João Ramalho, Óleo, Paraguaçu Paulista e Queiroz. Do total de 49 (quarenta e nove) bibliotecas centrais pesquisadas, 42 (quarenta e duas) enviaram seus relatórios ao Sistema.

Gráfico 3 – Bibliotecas e mediações

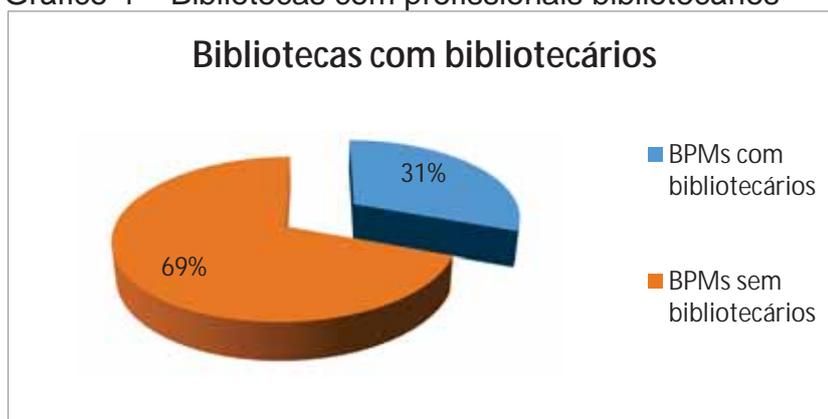


Fonte: SISEB, 2011

10 (dez) bibliotecas não desenvolveram mediações leitoras, mas enviaram seus questionários ao Sistema, sendo elas: Bernardino de Campos, Campos Novos Paulista, Canitar, Espírito Santo do Turvo, Herculândia, Iacri, Parapuã, Rinópolis, São Pedro do Turvo e Timburi.

Assim, as bibliotecas que desenvolveram atividades de mediação no ano de 2011 e que tiveram seus questionários enviados ao Sistema de Bibliotecas, totalizaram 32 (trinta e duas) bibliotecas públicas municipais, sendo: Álvaro de Carvalho, Alvinlândia, Arco Íris, Assis, Bastos, Candido Mota, Chavantes, Cruzália, Echaporã, Florínea, Gália, Garça, Ipaussu, Júlio Mesquita, Lutécia, Maracaí, Marília, Ocaçu, Oriente, Oscar Bressane, Ourinhos, Palmital, Pedrinhas Paulista, Pompéia, Quatá, Quintana, Ribeirão do Sul, Salto Grande, Santa Cruz do Rio Pardo, Tarumã e Tupã.

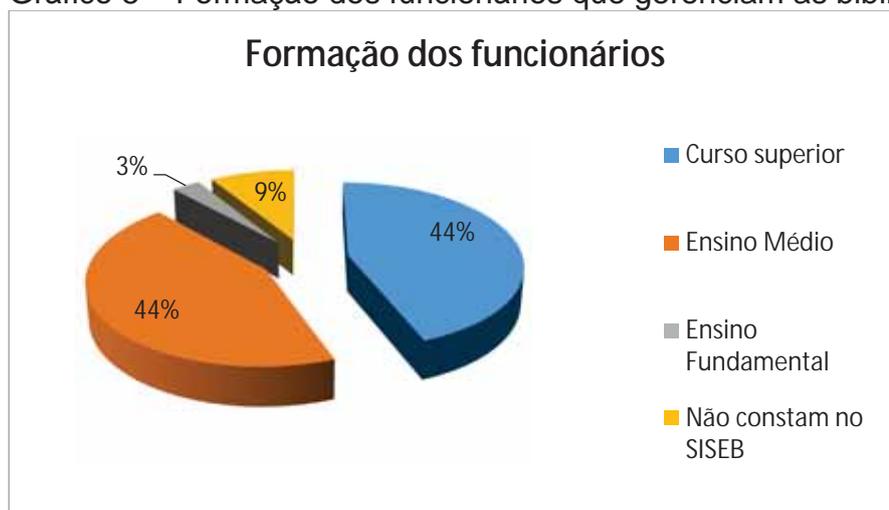
Gráfico 4 – Bibliotecas com profissionais bibliotecários



Fonte: SISEB, 2011

As BPMs que possuem profissionais bibliotecários somaram 15 (quinze) unidades. Assim, a pesquisa identifica que há um total de 34 (trinta e quatro) bibliotecas sem bibliotecários no seu corpo de funcionários. Representam, portanto, esse total de vagas destinadas à bibliotecários, mas que no momento, essa função está sendo desempenhada por pessoas que não possuem formação em Biblioteconomia.

Gráfico 5 – Formação dos funcionários que gerenciam as bibliotecas



Fonte: SISEB, 2011

Nessas 34 (trinta e quatro) bibliotecas sem bibliotecários, 15 (quinze) funcionários possuem formação superior. Sendo que nas outras 15 (quinze) bibliotecas atuam funcionários portadores de ensino médio, apenas. Verificou-se, também, que em 1 (uma) biblioteca atua um funcionário com diploma de ensino fundamental.

Os municípios de Maracá, João Ramalho e Ibirarema não constam seus dados no SISEB sobre essa informação em particular. As formações dos 15 (quinze) funcionários atuantes nas bibliotecas e que não são bibliotecários compreendem graduações como Pedagogia, Educação Física, Administração de Empresas, Ciências Sociais, Geografia e História.

Entende-se que para gerenciar uma biblioteca, seja ela qual for, deve ser exigida a formação superior em Biblioteconomia (bacharelado) e registro no Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB). Entretanto, o que se observa na RA de Marília é que os gestores da maioria dessas bibliotecas não são bibliotecários ou mesmo possuem esses profissionais em seu quadro de pessoal.

Os CRBs são os órgãos competentes e com comissão para fiscalizar as instituições sem bibliotecários. Nesse caso, um dos responsáveis por essa situação são as prefeituras, que não parecem valorizar esses equipamentos culturais que são as bibliotecas públicas. E, assim, não promovem concursos públicos para a efetivação de profissionais devidamente qualificados. Em muitos casos, são

propostas remunerações que ficam aquém daquilo que se espera para um profissional de nível superior.

Os mercados informacionais existentes e não ocupados, a exemplo da biblioteca pública, têm também na biblioteca escolar o seu segundo exemplo. Ou seja, mesmo em se tratando de um mercado tradicional, apesar de o país ter muitas bibliotecas públicas e escolares, verifica-se que é um mercado de trabalho ainda pouco ocupado por bibliotecários, isso devido à importância dada a esses profissionais pelas instituições escolares e públicas. Isso reflete na qualidade dos serviços ofertados por essas bibliotecas, no interesse dos usuários, na imagem que os leitores têm dessas instituições, bem como na formação de leitores pouco condizente com o que se espera de um país do tamanho do Brasil.

Gráfico 6 – Atividades de mediação desenvolvidas em 2011



Fonte: SISEB, 2011

Do total de 31 (trinta e uma) bibliotecas que executaram atividades de mediação da leitura em 2011, 20 (vinte) bibliotecas trabalharam a “hora do conto”.

12 (doze) bibliotecas realizaram “encontro com autores”. Outras 12 (doze) BPMs também realizaram “rodas de leitura”. 5 (cinco) desses equipamentos informacionais desenvolveram a “caixa-biblioteca”. Ambas as atividades: “oficinas de leitura e escrita” e “programas de férias” foram realizados em 3 (três) bibliotecas. A “feira de livros” foi levada adiante por 2 (duas) bibliotecas.

A atividade “lançamentos de livros” aconteceu em somente 1 (uma) biblioteca, assim como o programa Viagem Literária, patrocinado pela Secretaria da Cultura do Estado.

O programa Viagem Literária visa, por meio de atividades realizadas em bibliotecas e encontros com escritores consagrados, incentivar a leitura e aproximar ainda mais o público a esses espaços. As atividades objetivam ser uma “viagem” prazerosa pelo mundo literário, por meio de bate-papos com escritores e cronistas, oficinas de criação literária e contação de histórias.

Esse programa representa mais uma ferramenta no auxílio à formação de leitores. O baixo índice de bibliotecas da região que participam deste programa pode, talvez, significar ausência de informações sobre o mesmo ou de falta de interesse por parte das equipes dessas instituições.

Mediante estudo dos dados coletados, verificou-se que a “hora do conto” é a atividade mais realizada pelas bibliotecas. Mesmo que o bibliotecário não possua competências específicas para mediar (narrar ou contar) histórias por exemplo, pode agir como o incentivador e gerenciador dessa atividade. Como fonte de prazer e sabedoria, a hora do conto não esgota seu poder de sedução, seja narrada, contada ou mediada em outras linguagens. Por sua vez, a hora do conto é considerada uma das atividades mais tradicionais em bibliotecas públicas e escolares, especialmente referente à literatura infanto juvenil. É uma atividade consagrada especialmente porque não carece de muitos recursos para acontecer é considerada valiosa ferramenta na formação de leitores, no processo de ensino/aprendizagem e valorização da literatura.

Tratar a leitura através da literatura pressupõe uma interação com uma arte motivadora, propondo a expressão do imaginário, do real, dos sonhos, das fantasias,

dos conhecimentos apropriados pelos sujeitos. Em sua essência, a literatura atua sobre as ações e emoções do ser humano e este poderia, por meio dessa arte, transformar e sofisticar seu processo de humanização (GIROTTI; SOUZA, 2009).

Cada biblioteca pode preparar o espaço para as narrativas orais de acordo com a sua infraestrutura. Seja de que modo for, a validade está na efetivação dessa prática, para estimular a leitura com os recursos disponíveis que possui.

A hora do conto na biblioteca pública é uma ação profícua com as variadas literaturas, oportunizando a atividade dos leitores e a mediação dos bibliotecários como sujeitos ativos e conscientes da sua função no letramento literário.

O gosto pelo ato de ler também pode ser manifestado em ações como “exposições de livros” e “sugestões de leitura”, verificadas como atividades pouco desenvolvidas pelas bibliotecas estudadas. Tidos como recursos valiosos para incentivar a leitura, estes projetos podem sugerir obras de diferentes gêneros textuais, autores e assuntos.

Na análise dos dados obtidos, percebeu-se que as bibliotecas estão reservando pouco espaço para outras atividades culturais como apresentação de teatro, rodas de leitura, encontros com autores e festas literárias, entendendo que essas atividades também contribuem para a formação do público leitor. Essa informação é apresentada em forma de gráfico a seguir.

Gráfico 7 – Atividades culturais desenvolvidas em 2011



Fonte: SISEB, 2011

As atividades culturais são ações mais amplas desenvolvidas com o intuito de realizar projetos de capacitações, de lazer (cinema, teatro) fomentar as artes em geral (exposições diversas), promover passeios turísticos e gincanas culturais, por exemplo.

De acordo com o gráfico acima, 18 (dezoito) bibliotecas levaram adiante “exposições diversas” (pinturas, obras de arte, esculturas, fotografias etc.). As “apresentações de peças teatrais” aconteceram em 6 (seis) bibliotecas. Em 4 (quatro) BPMs sucederam “oficinas artísticas” (confeção de caixas-multiuso, pinturas em cerâmicas, confeção de ikebana etc). “Projeções de vídeos” aconteceram em 3 (três) bibliotecas.

Em apenas 1 (uma) biblioteca foram registradas as seguintes atividades: (gincana cultural, passeio turístico, projeto Circuito Cultural, oficinas de artesanato e apresentação de teatro de fantoches).

Nota-se, contudo, que várias bibliotecas desenvolveram “exposições diversas” como pinturas, obras de arte, esculturas, fotografias etc. Essas atividades normalmente ocorrem no próprio saguão da biblioteca ou em ambientes propícios a esse fim, onde a circulação dos leitores é intensa, proporcionando mais visibilidade para as atividades. Em se tratando de municípios com potencial para o turismo, torna-se uma ideia interessante investir neste tipo de atração (*tour* por atrações turísticas e patrimoniais do município). Várias atrações turísticas relacionam-se com a história local dos municípios, envolvendo informações culturais, história e geografia.

“Apresentações de filmes e de teatro” também colaboram em aproximar as variadas faixas etárias para os espaços informacionais. A biblioteca pode constituir-se num polo cultural, principalmente onde não existem salas de cinema e teatros.

Verificou-se, ainda, que apenas uma biblioteca protagonizou o Circuito Cultural Paulista. Este projeto tem o objetivo de consolidar a política de difusão de espetáculos no interior e litoral do Estado de São Paulo, com programação regular de espetáculos de teatro, música, dança e circo, além da exibição de filmes e oficinas com os grupos.

Várias são as ideias e criatividade que podem ser desenvolvidas pelas bibliotecas instaladas em municípios com ausência de instâncias culturais. Nesse aspecto, a noção de biblioteca atuando como espaço de transformação cultural pode ser representativa, onde a comunidade vivencia privações culturais pelas mais diversas ordens.

Essas informações, disponíveis no *site* do Sistema na Plataforma de Dados sobre as Bibliotecas Públicas Municipais, dispostas, nesta pesquisa, em forma de gráficos, para melhor visualização, foram fundamentais para a compreensão do objeto de pesquisa, da construção dos instrumentos de coleta de dados e da determinação da amostra a ser estudada.

6.4 Tabulação e Análise dos Dados da Pesquisa

Em relação aos procedimentos de análise dos dados coletados na pesquisa, iniciou-se com a interpretação das informações obtidas a partir da entrevista realizada com os bibliotecários atuantes nas BPMs. Através de visita, *in loco*, aplicou-se a entrevista aos bibliotecários de 3 (três) bibliotecas municipais: Gália, Garça e Vera Cruz. Nesta etapa da pesquisa, foi também realizada a aplicação de questionário aos usuários que estavam participando das atividades de mediação da leitura nessas bibliotecas. Através de agendamento prévio, a pesquisa deu-se nos dias em que as bibliotecas estavam realizando atividades de mediação com os usuários.

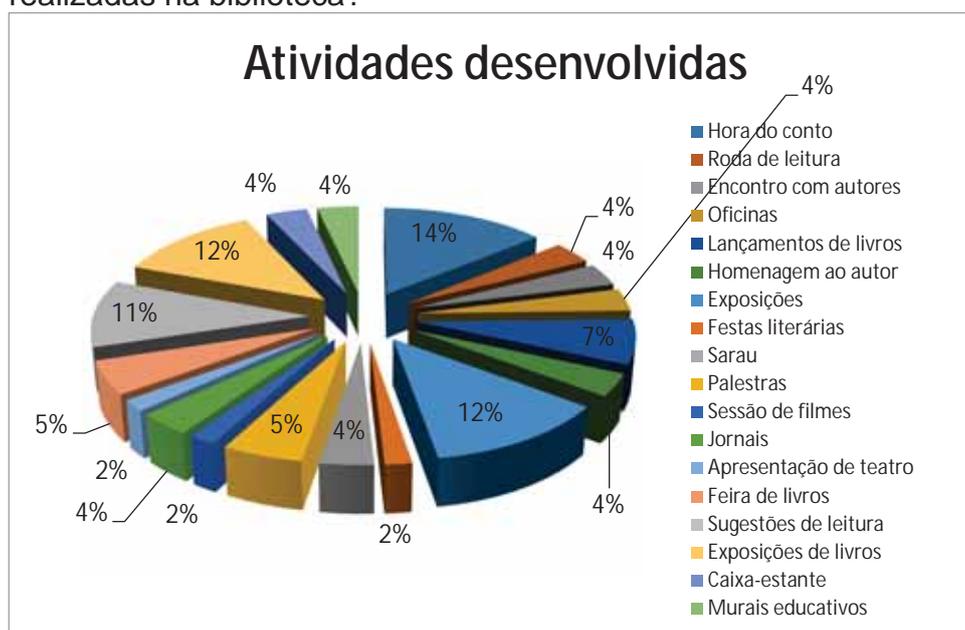
Após essa etapa, foi enviado, via *e-mail*, o rol de perguntas que compuseram a entrevista com os bibliotecários das bibliotecas acima referidas. Desse modo, remeteu-se as perguntas para as bibliotecas de 6 (seis) cidades: Assis, Marília, Pompéia, Ourinhos, Tarumã e Tupã. Nessa fase, somente os bibliotecários contribuíram com o questionário enviado, sendo que os usuários não participaram desse processo de coleta de dados.

As perguntas dirigidas aos bibliotecários procuraram diagnosticar quais atividades de mediação da leitura são desenvolvidas, a frequência dessas atividades, a utilização de tecnologias na disseminação das atividades, as

competências necessárias para se mediar leitura e o entrosamento do bibliotecário com os usuários.

Abaixo estão tabulados os dados e apresenta-se a análise dos resultados com as entrevistas com os bibliotecários das instituições pesquisadas.

Gráfico 8 - Quais atividades de mediação da leitura são efetivamente realizadas na biblioteca?



Fonte: Pesquisa *in loco*

Procurou-se evidenciar, nesta questão, as atividades que são realizadas com certa frequência, portanto, com regularidade. Verificou-se que a Hora do Conto é a atividade mais realizada pelas bibliotecas pesquisadas, 8 (oito) instituições disseram realizar a ação. Esse resultado reflete os dados obtidos pelo SISEB (2011), que indica ser a Hora do Conto a principal atividade desenvolvida nas bibliotecas.

As Exposições Diversas foram desenvolvidas por 7 (sete) bibliotecas, assim como a atividade Exposições de Livros. O projeto Sugestões de Leitura aconteceu em 6 (seis) desses equipamentos culturais.

As ações Feira de Livros, Lançamentos de Livros e Homenagens ao Autor foram executadas em 4 (quatro) bibliotecas. As Palestras, de diversas ordens, foram destacadas em 3 (três) BPMs. Roda de Leitura, Encontro com Autores, Oficinas de

Leitura e Escrita, Murais Educativos, Saraus, Exibição de Filmes e Jornais Eletrônicos foram levados a efeito em 2 (duas) bibliotecas.

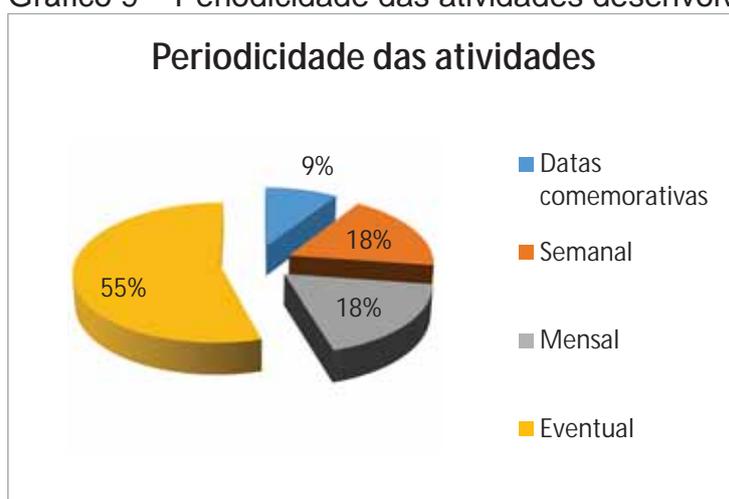
Os projetos de Dramatização de Histórias, Caixa-estante e Festas Literárias aconteceram em apenas 1 (uma) BPM.

Em relação ao universo da pesquisa, percebeu-se, como mostrado anteriormente mediante as informações colhidas no SISEB (2011), que as bibliotecas estão reservando pouco espaço para outras atividades culturais como teatro, roda de leitura, encontro com autores e festas literárias, entendendo que essas atividades também contribuem para a formação de um público leitor.

Apenas 2 (duas) bibliotecas realizaram a confecção de jornais eletrônicos. Os jornais eletrônicos são produtos de divulgação das atividades e disseminação da informação, podendo representar maior compartilhamento com um público voltado para as tecnologias de informação e comunicação.

Verifica-se, portanto, que a mediação pelo uso das tecnologias ainda é pouco significativo no universo das bibliotecas públicas pesquisadas, demonstrando que as competências relativas ao letramento digital dos profissionais responsáveis por essas atividades não foram relevantemente identificadas.

Gráfico 9 – Periodicidade das atividades desenvolvidas



Fonte: Pesquisa *in loco*

A maior parte das bibliotecas pesquisadas trabalha com uma agenda de eventos sem periodicidade definida: 6 (seis). Poucas bibliotecas possuem um

cronograma de atividades semanais: 2 (duas). Também em 2 (duas) bibliotecas realizam-se atividades eventuais, geralmente no período de férias dos escolares. 1 (uma) biblioteca relatou que trabalha mediações leitoras somente em datas comemorativas.

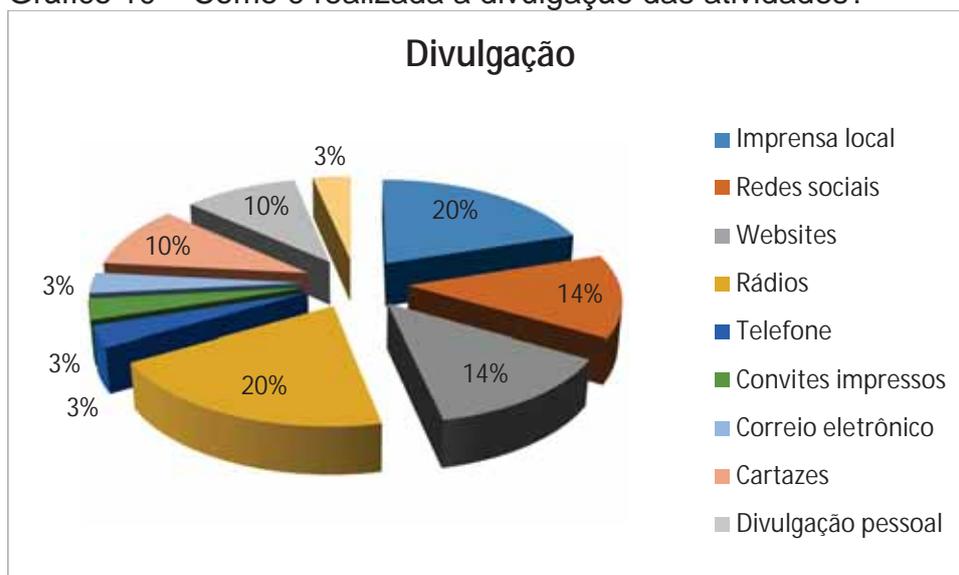
Em poucas bibliotecas (18%), realizam-se mediações com uma agenda semanal. No panorama brasileiro, em que pesquisas apontam para o baixo índice de leitura, investir com frequência em mediações leitoras e demais atividades culturais, torna-se de suma importância para a formação de leitores e no crescimento do número de usuários.

As alternativas para se mediar leitura são muitas. Várias são as ações e propostas que as bibliotecas podem implementar na contribuição para a promoção da alfabetização, do letramento, articulando bibliotecários, professores, secretarias vinculadas às bibliotecas, associações e comunidade.

Um país de leitores tem, na família, na escola e na biblioteca sua base de sustentação. O Brasil ainda conta com um número expressivo de adultos que não concluiu o ensino fundamental, indicando que a fluidez na leitura talvez não seja uma habilidade entre os pais e mães das crianças brasileiras.

As ações de mediação da leitura devem focalizar diferentes espaços, públicos e múltiplos suportes, para que se possa formar uma ampla rede voltada para incentivar e garantir a leitura como uma prática cotidiana. Nesse sentido, a efetiva atuação do bibliotecário pode representar, de forma crítica e dinâmica, a possibilidade de crescimento dos processos de mediação tendo em vista que a formação desse profissional deve convergir para colocar o leitor/usuário em contato com a informação em suas diferentes dimensões: cultural, social, tecnológica e educativa.

Gráfico 10 – Como é realizada a divulgação das atividades?



Fonte: Pesquisa *in loco*

A maioria das bibliotecas pesquisadas, 6 (seis), fazem parcerias com a imprensa local, seja em jornais ou rádios, para a divulgação de suas atividades. Fato interessante esse, tendo em vista que o entrosamento entre a biblioteca e outros equipamentos culturais significa maior visibilidade e integração. Algumas bibliotecas, 4 (quatro), disseram trabalhar com as redes sociais. Também em 4 (quatro) bibliotecas afirmaram-se que disseminam seus eventos ou serviços através de *websites*, compreendendo *blogs* e *sites* diversos. Apenas 1 (uma) biblioteca manteve a comunicação com os usuários via *e-mail*. Os cartazes e as divulgações pessoais foram desenvolvidas por 3 (três) bibliotecas. Propagandas com panfletos foram utilizadas para a divulgação de 1 (uma) biblioteca.

Estabelecer parcerias com a imprensa local é uma estratégia de marketing bastante eficaz. Enfatiza-se a importância da implementação do marketing cultural em bibliotecas públicas como ferramenta de mudança na sua imagem diante do seu público e do órgão mantenedor. Demonstrando que o marketing, se bem aplicado, pode ampliar a busca pelos serviços da biblioteca pública e tornar-se estratégia de sobrevivência. Apontando a importância da conscientização e mudança de paradigma do profissional bibliotecário neste contexto.

Várias são as mídias que podem ser utilizadas para incentivar a leitura e fazer a publicidade das ações. Tanto a imprensa local (impressa), como as emissoras de rádio (comunitária, AM/FM), são veículos eficazes de disseminação de notícias.

Algumas bibliotecas trabalham com redes sociais, o que representa uma possibilidade interessante, já que atualmente as pessoas estão plugadas em redes sociais boa parte do tempo, como o *facebook*. A perspectiva de a biblioteca desenvolver *blogs* para a divulgação de serviços como também para o incentivo à leitura torna-se importante na mediação pelo meio tecnológico.

Existem comunidades que a representatividade e eficácia do rádio são abrangentes. Nesses locais, o rádio torna-se ferramenta importante na divulgação das atividades, pois possui grande aceitação e amplitude em muitas comunidades. A divulgação através de correio eletrônico parece ser também um recurso valioso, não devendo ser menosprezado, porque além de rápido não possui custos.

Gráfico 11 – Qual o motivo da realização das atividades?



Fonte: Pesquisa *in loco*

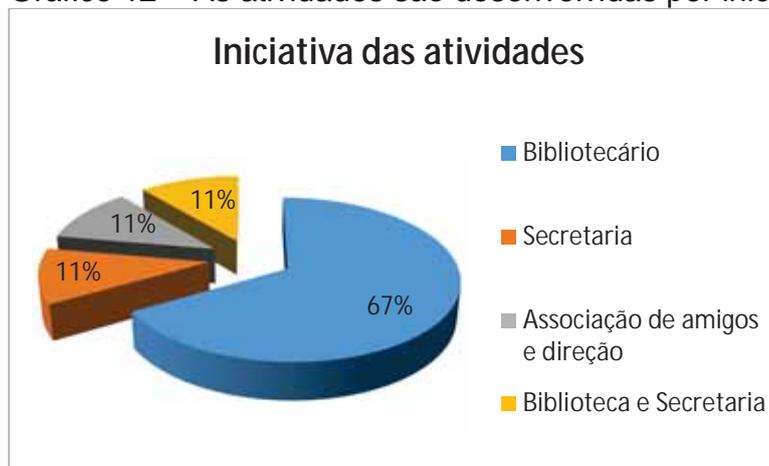
O objetivo dessa questão incide em saber o que motiva os bibliotecários a fazerem mediações leitoras. 4 (quatro) bibliotecários disseram mediar leitura para desenvolver o gosto e formar leitores. Atrair o público para os serviços oferecidos foi respondido por 2 (dois) bibliotecários. Integrar biblioteca e comunidade foi afirmado por 1 (uma). Incentivar à leitura e divulgar a biblioteca foi respondida por 1 (um) bibliotecário. Também o representante de 1 (uma) biblioteca respondeu que o motivo é trabalhar com crianças e adolescentes carentes de educação e carinho.

As respostas ditas de várias formas refletem uma única questão: a importância de se mediar leitura para a comunidade. Todas as respostas dos bibliotecários pesquisados referem-se ao incentivo à leitura, o que constitui fator consciente dessa importância.

O ato de ler torna-se um elemento fundante para o desenvolvimento social quando considerado como veículo dialético de conscientização e crítica, assumindo, dessa forma, proporções fantásticas frente aos direitos e deveres na sociedade.

A biblioteca pública, para atingir seu objetivo precisa, não somente de materiais bibliográficos, mas sim, de promover e incentivar a utilização dos mesmos. Para tanto, a figura do bibliotecário, o profissional que tem a função de reunir, organizar e disseminar a informação, é essencial, sobretudo na biblioteca pública que possui uma missão muito mais complexa: o incentivo à leitura.

Gráfico 12 – As atividades são desenvolvidas por iniciativa de quem?

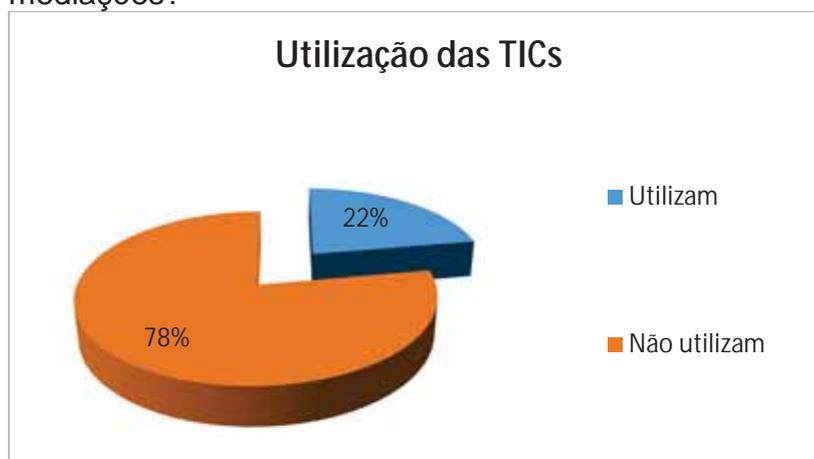


Fonte: Pesquisa *in loco*

Essa questão procurou elucidar as iniciativas e motivações pelas quais os bibliotecários desenvolvem atividades de mediação da leitura nas bibliotecas. Partiu-se da questão: as atividades são desenvolvidas por iniciativa do bibliotecário ou por imposição do órgão vinculado à biblioteca? A maior parte dos bibliotecários, 6 (seis), respondeu que as iniciativas partem deles mesmos. Apenas 1 (uma) biblioteca respondeu que seus projetos são desenvolvidos em parceria com a Secretaria vinculada. Também 1 (uma) biblioteca dá andamentos aos seus projetos de leitura em parceria com uma Associação.

É preciso, antes de tudo, que o maior incentivador das ações de mediação na biblioteca seja o bibliotecário. Somente um bibliotecário leitor, consciente do seu papel social, poderá influenciar todos a sua volta. A imagem do bibliotecário leitor é sem dúvida, de suma importância, considerando a necessidade de se projetar aos demais o entusiasmo e a importância pela leitura e escrita.

Gráfico 13 – Utilizam-se as TICs para a realização das mediações?



Fonte: Pesquisa *in loco*

Em 2 (duas) bibliotecas afirmaram-se utilizar tecnologias para se mediar leitura. A grande maioria, 7 (sete) bibliotecas, representando (78%), afirmou que não usa qualquer aparato tecnológico. Levando em consideração que, atualmente, as informações veiculam-se em vários suportes, principalmente pelas TICs, torna-se fundamental mediar leitura em diferentes códigos. A noção do livro agora caminha lado a lado com a multiplicação dos diferentes tipos de registros e de códigos manipuláveis em distintos suportes informatizados à disposição de uma amplitude cada vez maior de sujeitos.

Essa nova cognição, própria dos nativos da cibercultura, possivelmente represente um elemento desafiador no contexto das bibliotecas públicas. Isso, em decorrência da ausência de recursos tecnológicos nas bibliotecas e de competências necessárias aos bibliotecários.

As crianças e jovens, por sua maneira de vivenciar diálogos com o universo tecnológico que se apresenta, necessitam ser estimulados por novas formas de se

mediar leitura literária. A mediação da leitura literária e a formação de novos leitores não necessitam se restringir unicamente aos livros de literatura infantil e juvenil. Os dados coletados demonstram, por sua vez, que as bibliotecas públicas ainda não atentaram para a importância das tecnologias na mediação da informação e da leitura.

Gráfico 14 – Quais ferramentas são utilizadas nas mediações?

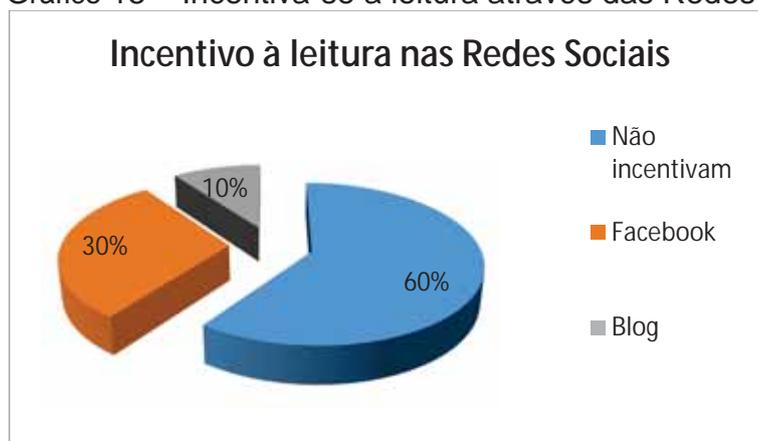


Fonte: Pesquisa *in loco*

7 (sete) bibliotecas, representando (78%) da amostra pesquisada, disseram não utilizar nenhuma ferramenta tecnológica nas mediações. 2 (duas) bibliotecas afirmaram que empregam alguns recursos das TICs nas ações, utilizando-se de computador, internet e *data-show*. Como os dados demonstram, em geral, a educação tem sido lenta para admitir o impacto das novas ferramentas de aprendizado e os desafios da era digital. Sendo as bibliotecas públicas espaços educativos e culturais, essas refletem a necessidade de uma revisão das teorias tradicionais do processo de mediação do conhecimento.

Na nova ordem, fundamentalmente mediada pelas ferramentas da informática, a tecnologia torna-se elemento crucial ao conhecimento, embora esses elementos sejam apenas facilitadores do saber.

Gráfico 15 – Incentiva-se a leitura através das Redes Sociais?



Fonte: Pesquisa *in loco*

6 (seis) bibliotecas disseram não utilizar as redes sociais no incentivo à leitura. Em 3 (três) bibliotecas emprega-se o *facebook* para despertar o gosto de ler. Em 1 (uma) biblioteca realiza-se incentivos através de *blog*.

Verifica-se que uma grande parcela pesquisada encontra-se à margem da possibilidade de conectar seus usuários nesse ambiente digital. Resulta disso, a urgente necessidade dos bibliotecários repensarem metodologias, conteúdos e avaliações em nome, inclusive, da sobrevivência da própria biblioteca como instituição importante à sociedade e aos jovens.

Como a tecnologia alterou as formas de transmissão do conhecimento, comunidade e usuários, em geral, encontram-se plugados através das redes sociais. Esse conteúdo colaborativo não deve ser ignorado pelas bibliotecas públicas. Ao contrário, por apresentarem custos baixos, propõem novas formas de interação nos fluxos informacionais.

Gráfico 16 – Avaliam-se os resultados das atividades?



Fonte: Pesquisa *in loco*

O maior número de bibliotecários entrevistados não realiza nenhuma avaliação quanto aos resultados obtidos em suas atividades: 7 (sete) bibliotecas. Entretanto, 2 (duas) bibliotecas afirmaram usar modelos estatísticos como ferramentas para medir o número de frequentadores das atividades e a satisfação dos usuários. A avaliação pode representar um instrumento eficaz na questão dos resultados obtidos com as respectivas ações, de modo a monitorar e acompanhar questões importantes como: perfil do usuário, pontos positivos e negativos nas ações desenvolvidas, índice de satisfação etc.

Gráfico 17 – Você participa de capacitações sobre mediação da leitura?



Fonte: Pesquisa *in loco*

A maioria dos bibliotecários, 7 (sete), disse participar de cursos de capacitação. 2 (dois) bibliotecários responderam que não realizam nenhum curso que os capacitem para a sua melhoria nas mediações leitoras.

Atualmente, as capacitações oferecidas pela Oficina Cultural Tarsila do Amaral, abrangendo a RA de Marília, se dão em torno do teatro, música, artes plásticas, dança, fotografia, circo, gestão cultural e audiovisual, entre outras. Também englobam à rede de Oficinas Culturais outros projetos de incentivo à cultura, tais como, Terceira Idade, Projeto Dança, Encontros Notáveis (tem como objetivo ampliar e consolidar a atuação das Oficinas Culturais no campo da dança, a partir de um tradicional e consistente trabalho na área) e o projeto Ademar Guerra (focado no estímulo ao teatro no interior do Estado).

O aperfeiçoamento das equipes que atuam nas bibliotecas, ainda pode ser dado por meio de cursos, eventos, palestras e demais atividades de ação cultural.

Gráfico 18 – Quais competências você julga necessárias para se mediar leitura?



Fonte: Pesquisa *in loco*

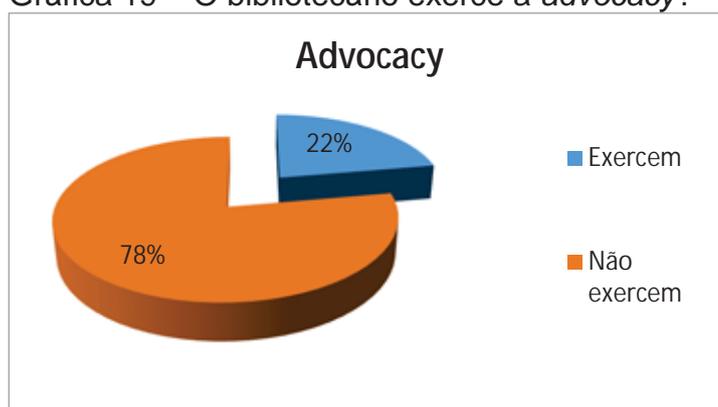
Atualização, interação com os usuários, interesse pela literatura foram as respostas afirmadas por 3 (três) bibliotecários. 2 (dois) disseram ser necessário para mediar leitura o domínio de fontes de informação, comunicação, conhecimento dos usuários, conhecimento de literatura. Estar atento às necessidades informacionais foi declarado por 1 (um), Capacidade e iniciativa de querer fazer foi evidenciado também por 1 (um) e paciência e perseverança, além de criatividade foi respondido por 1 (um) profissional da informação.

Várias são as competências que o bibliotecário mediador necessita para o desenvolvimento de práticas leitoras. Entendendo que a primeira competência seja a de um leitor ativo. Somente um leitor efetivo, entusiasmado e convicto pode assumir o desafio de formar leitores emancipados, críticos e sensíveis, envolvendo toda a comunidade e contribuindo para mudar a realidade.

Abarcando o rol de outras competências estão: conhecer as teorias de leitura, valorizar as narrativas orais, viabilizar o acesso à informação em seus diferentes suportes, desenvolver a *advocacy*, conhecer as políticas públicas para o livro e a leitura, estar atento às multiplicidades culturais, estabelecer relações afetivas com o leitor, trabalhar em equipe, estabelecer parcerias, ter competências aplicadas às TICs, conhecer e utilizar as ferramentas da Web 2.0 e buscar a educação continuada.

O gráfico seguinte também está relacionado às competências em informação do bibliotecário. Refere-se à *advocacy* a qual pode ser vista como um processo político, visando influenciar as políticas públicas e as decisões de alocação de recursos dentro de sistemas políticos. Nesse caso, especialmente para dar maior visibilidade ao papel que as bibliotecas desempenham na sociedade.

Gráfica 19 – O bibliotecário exerce a *advocacy*?



Fonte: Pesquisa in loco

Os bibliotecários de 7 (sete) bibliotecas reconheceram que não exercem a *advocacy*, o que representa a maioria, ou seja, 78% dos entrevistados. 2 (dois) bibliotecários disseram, no entanto, que realizam. Diante disso, constata-se que o bibliotecário dessas unidades não se faz representar dentro da organização política do município na qual a biblioteca está inserida, o que converge para a falta de representatividade nas ações administrativas da comunidade.

A representação das bibliotecas se faz necessária nos planos dos governos local, regional e nacional, devendo ser incluídas no planejamento, orçamento e nas decisões político-institucionais. Para tanto, a participação do bibliotecário é fundamental, bem como o seu papel de ator político e formador de opinião para que a biblioteca tenha voz e vez nas decisões culturais que são tomadas.

Para uma instituição como a biblioteca pública, o desenvolvimento da *advocacy* torna-se importante e necessário. Sabe-se que os recursos destinados às bibliotecas municipais são insípidos. Com tantas dificuldades em seus orçamentos, as bibliotecas enfrentam os desafios de oferecer produtos e serviços de qualidade para a comunidade. Entretanto, há situações que merecem destaque. Em uma das

bibliotecas através da prática de *advocacy*, conseguiram-se vários recursos, incluindo uma lei municipal que destina verbas para projetos a serem desenvolvidos anualmente.

Quando o bibliotecário pratica a *advocacy*, intervendo junto aos gestores públicos, sua ação se relaciona continuamente ao desenvolvimento da população, ao acesso à informação e aos bens culturais, garantindo que recursos sejam disponibilizados para a ampla valorização destes.

6.5 Resultados da pesquisa de campo

Pesquisas recentes sobre leitura projetaram uma luz sobre o seu significado, não somente em relação às necessidades da sociedade, mas também às de cada indivíduo. Em diferentes áreas, portanto, várias investigações interdisciplinares enfatizam múltiplos aspectos sobre a leitura, valendo-se da sua historicidade, de questões culturais, das mediações e das projeções sociais, somente para citar algumas. São estudos geradores de ampla produção teórica e de aplicação prática, como aqueles apresentados e discutidos no referencial teórico deste estudo.

A mediação da leitura é um campo de atuação que oferece ao bibliotecário inúmeras opções de atividades a serem desenvolvidas, por exemplo, nas bibliotecas públicas. É, portanto, indiscutível sua importância tanto no sentido de dinamizá-las como de alavancar o processo de produção cultural no âmbito dessas instituições e da sociedade.

No entanto, apesar de ser considerada uma área atraente e instigante por esses profissionais, verificou-se pouco interesse e desestímulo da parte desses, no sentido de exercerem efetivamente as funções de agentes culturais, supondo-se que se sintam despreparados, sem as competências específicas e sem estímulos para assumirem tal função. Talvez as razões principais sejam os baixos salários pagos ao bibliotecário para atuarem em bibliotecas públicas, a informação dos bibliotecários com relação à ação cultural, haja vista a escassa literatura produzida na área, especialmente em relação ao mediador da leitura e a biblioteca pública e a formação

oriunda dos cursos de Biblioteconomia no Brasil que ainda não privilegiam de forma efetiva a atuação nesses equipamentos culturais.

Por ser uma prática nem sempre usual em bibliotecas públicas brasileiras, as mediações leitoras contam com um número inexpressivo de experiências registradas e publicadas em periódicos científicos; deste modo, a reflexão teórica sobre a atuação do bibliotecário como mediador é ainda incipiente, carecendo de mais interesses de pesquisa para fazer avançar o desenvolvimento conceitual relativo à área.

Entretanto, considerando o universo de bibliotecas públicas que desenvolvem mediação da leitura, questionou-se o caráter dessas ações do ponto de vista daquilo que se distingue como “apropriação da leitura” “promoção da leitura” e “animação da leitura”, de forma a compreender o espaço dessas instituições dentro do campo das práticas de formação de leitor.

Já na infância a leitura desempenha papel importante no campo da construção do sujeito, propiciando aos indivíduos condições de inserção aos universos culturais a que pertencem. Já foi dito que o que determina a vida dos seres humanos é, em grande medida, o peso das palavras, ou o peso de sua ausência. Quanto mais formos capazes de nomear o que vivemos, mais aptos estaremos para vivê-lo e transformá-lo (PETIT, 2010). Assim, o leitor assume um papel atuante, em que deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. Também caracteriza este processo como acontecimento histórico e estabelece uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido, constituindo-se num processo histórico social.

O leitor tem importante papel no ato de ler e na construção de significados. O conceito de apropriação da informação considera a leitura em suas dimensões de ato e gesto de significação envolvendo sujeitos e dispositivos sociais de diferentes naturezas.

Em relação à animação cultural, Cabral (1998) observa que esta não passa de uma atividade com finalidades de divertir o público e promover formas alienantes

de lazer. Na animação o agente é o sujeito que cria, conduz e é o ator principal de todo o processo, tratando-se, pois, do oposto da apropriação.

Já na promoção da leitura, a instância determinante no caso é a biblioteca pública. Nela, os usuários apenas participam enquanto sujeitos passivos, sem margens à questionamentos e sem nenhuma pretensão de modificar a sua realidade.

É fundamental para o bibliotecário que atua ou pretenda atuar como mediador da leitura, o entendimento das diferenças conceituais existentes, a fim de que possa adotar o mais adequado à finalidade de suas ações.

Na apropriação, o bibliotecário prepara as condições e fornece os recursos que propiciem o desenrolar e o avanço da produção cultural, deixando que os membros dos grupos exerçam o papel de sujeitos do processo de criação. Nela o indivíduo é o produtor e tem autonomia para escolher com ampla liberdade os meios e técnicas que prefere utilizar no ato criativo.

Assim sendo, a apropriação cultural se realiza dentro dos princípios da prática da arte, de caráter libertário e questionador, que não se restringe a trabalhar com o já estabelecido, mas, ao contrário, procura incessantemente o “vir-a-ser”.

Constatando que a leitura está no cerne do aprendizado ao longo da vida e da apropriação da informação, impõe-se a necessidade de averiguar uma relação dialógica, de construção, de significações. Para Almeida Júnior (2007), é somente através da leitura que nos apropriamos da informação, pois se o documento permite a comunicação da informação, é pela leitura que sua linguagem será decifrada. Assim, a leitura é uma prática que só se dá no processo de mediação, que vai da comunicação via documento até a transformação do conhecimento de uma pessoa, pela apropriação da informação.

Diante disso, como as bibliotecas públicas pesquisadas dialogam com as práticas de mediações leitoras? Essa questão aponta para atividades cujos objetivos denotam a promoção e a animação da leitura, principalmente. Essas atividades resultam, portanto, na atuação do bibliotecário como mediador imbuído de realizar

as ações, mas sem se preocupar em associar as atividades com a realidade dos sujeitos através de postura, visão crítica.

Salienta-se que a informação que é processada através da leitura no espaço da biblioteca pública carece de aspectos significativos da representatividade das comunidades, a fim de construir conhecimento e disseminar a cultura, tendo como olhar com criticidade, para tornar-se um objetivo único e indissociável.

Ainda que imagens positivas necessitem ser fundamentadas pelas bibliotecas públicas brasileiras, reconhece-se as limitações e problemáticas dessas instituições, percebendo também seu potencial, seu valor democrático, social e cultural.

A realização de práticas de leitura na biblioteca para um determinado grupo de usuários exige sempre posicionamentos, conhecimentos, habilidades e criatividade ao serem planejadas e desenvolvidas pelo mediador. Vê-se, portanto, que através de suas competências, o bibliotecário é um elemento chave na formação e no crescimento dos leitores ao longo da vida.

Assumindo as bibliotecas como espaços para a apropriação cultural, a ação cultural biblioteconômica, através das práticas de leitura, podem oportunizar a dimensão educativa, veiculando-se também a dimensão política por estar revestida de caráter transformador, que visa operar mudanças na realidade.

6.6 Tabulação e análise do questionário aplicado aos participantes das atividades de mediação

Conhecer o comportamento leitor dos usuários e o perfil daqueles que leem é ferramenta para se identificar ações efetivas na formação de leitores. A metodologia adotada nesta fase contou com a aplicação de questionário (contendo 8 questões), estruturado por meio de opções de múltipla escolha. O universo dos pesquisados foram os participantes das atividades de mediação nas bibliotecas visitadas *in-loco* (Gália, Garça e Vera Cruz).

O objetivo pretendido foi o de conhecer o comportamento leitor dos participantes da atividade de mediação, especialmente com relação aos livros e

também com relação aos bibliotecários dessas instituições. Segundo a opinião dos participantes da pesquisa, procurou-se medir a intensidade: motivação, preferências, gêneros literários. Além disso, buscou-se conhecer a avaliação das bibliotecas pelos usuários, como também acerca dos serviços utilizados.

Diante disso, o início da coleta de dados *in-loco* foi feita no mês de outubro de 2012, na Biblioteca Pública Municipal de Gália. Num primeiro momento, foi realizada a “hora do conto” para alunos de uma escola pública, adjacente à biblioteca. A atividade de mediação abrangeu um público de crianças e pré-adolescentes. Participaram da pesquisa 20 (vinte) usuários (6 homens e 14 mulheres), com idades entre (5 e 11) anos.

Figura 3 - Biblioteca Pública Municipal de Gália



Fonte: o autor.

Participaram da mediação oral da literatura alunos entre cinco e onze anos de idade. A atividade compôs-se com alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental “Coronel Gaudino Ribeiro”, e demais crianças que estavam na biblioteca naquele momento.

A professora da turma fez a narração de *O livro do lápis*, de Ruth Rocha – indicado para o público infante juvenil. Após a realização da narrativa oral, os participantes foram conduzidos para um local apropriado para a aplicação do questionário. Finalizado esse procedimento, partiu-se para a entrevista com o bibliotecário da instituição, no qual foi registrado mediante aparelho de gravação de voz (MP3), o que permitiu a obtenção de respostas completas e literais do participante e, conseqüentemente, maior fidelidade das informações coletadas.

Figura 4 - Biblioteca Pública Municipal de Garça



Fonte: Biblioteca Pública Municipal de Garça

A segunda visita *in-loco* deu-se no município de Garça, na Biblioteca Pública Municipal “Dr. Rafael Paes de Barros”, no mês de abril de 2013. De todas as bibliotecas da RA de Marília, esta é a biblioteca onde existe forte tradição de mediação oral da literatura, logo, torna-se referência também para as demais.

A biblioteca possui espaço próprio para a contação de histórias com poltronas confortáveis, acústica adequada e ambiente climatizado. No período escolar, todas as segundas-feiras são realizadas sessões nos períodos da manhã e tarde.

A biblioteca conta ainda com um grupo de contadores de histórias (Pirlimpimpim – Contadores de Histórias). O grupo foi formado em 1996, sendo composto atualmente por seis voluntárias que trabalham com o objetivo de manter, pela oralidade e pelos livros, a tradição de contar histórias. A contação de histórias deu-se para os alunos do ensino fundamental da EMEF Prof. João Crisóstomo. Participaram da pesquisa um total de 21 (vinte e um) usuários. Desse total, 12 (doze) foram mulheres e 9 (nove) homens, entre (8 e 9) anos de idade.

Figura 5 - Biblioteca Pública Municipal de Vera Cruz



Fonte: o autor

Na Biblioteca Pública de Vera Cruz, realizou-se a “hora do conto” com uma professora e uma contadora de histórias da cidade de Marília. Participaram da atividade 26 (vinte e seis) crianças (12 homens e 14 mulheres) entre (6, 7 e 8) anos de idade.

A seguir apresenta-se a tabulação e análise dos dados referente aos questionários:

Quadro 2 - Você costuma frequentar a biblioteca ...

Frequência Cidades	Todos os dias	Semanal	Quinzenal	Esporadicamente	Não frequenta
Gália	7	13	-	-	-
Garça	-	4	-	12	7
Vera Cruz	5	-	-	6	15

Fonte: Pesquisa *in loco*

Poucos usuários costumam frequentar a biblioteca diariamente. Já a maioria dos pesquisados disse não frequentá-la. Alguns responderam que procuram a instituição semanalmente ou esporadicamente. Esses dados denotam que as bibliotecas públicas ainda não conseguiram conquistar seus usuários. O número de usuários que frequenta as bibliotecas é mínimo em relação aos que não vão à instituição. Outro ponto importante a ser destacado é que a principal parceira da biblioteca pública é a escola, que leva seus estudantes para participarem das atividades de mediação desenvolvidas naquele espaço. Isso demonstra, portanto, que por um lado a biblioteca pública ainda atua biblioteca escolar; por outro, é

fundamental manter os laços e a integração com a escola para gerar ações de formação de leitores.

Quadro 3 – Quais os serviços da biblioteca você costuma utilizar?

Serviços	Empréstimos de livros	Pesquisas	Internet	Outras atividades
Cidades				
Gália	10	2	8	-
Garça	9	2	-	19
Vera Cruz	6	-	6	14

Fonte: Pesquisa *in loco*.

A maioria dos respondentes afirmou que vão à biblioteca em busca de outras atividades como exposições, palestras, oficinas, apresentações de filmes, concursos literários etc. Os serviços de empréstimos de livros também são procurados, entretanto, com menor intensidade. As pesquisas são realizadas por um número ínfimo de usuários, prevalecendo os empréstimos e as outras atividades descritas acima. Percebe-se que as atividades culturais promovem o interesse por parte dos usuários. Lamentar que as bibliotecas sofrem a ausência de usuários não adianta. Faz-se necessário, portanto, repensar e avaliar as ações desenvolvidas e planejar e executar projetos para modificar essa situação.

Quadro 4 - Você participa de alguma atividade de leitura na biblioteca?

Cidades	Sim	Não
Gália	16	4
Garça	20	1
Vera Cruz	-	26

Fonte: Pesquisa *in loco*

Os usuários que participam de atividades de leitura foram os de Gália e Garça, onde os resultados foram bem expressivos, contraditoriamente a respostas anteriores acerca da utilização e frequência na biblioteca. O mesmo não acontece em Vera Cruz, todos os pesquisados desse município informaram não participar de nenhuma atividade. Esse dado demonstra, estranhamente, que a biblioteca de Vera Cruz não oferece atividades de leitura. No entanto, o questionário foi aplicado em

uma atividade de mediação ocorrida naquele espaço. Pode ocorrer, em nosso entendimento, as seguintes situações: a primeira é que essas atividades não sejam desenvolvidas com frequência, a segunda é que não estejam sendo amplamente divulgadas e a terceira, pode ter havido falta de compreensão do que fora perguntado, tendo em vista a pouca idade dos respondentes.

Quadro 5 - Se a resposta for afirmativa, quais as atividades?

Serviços Cidades	Hora do Conto	Oficinas de leitura	Outras atividades
Gália	2	15	16
Garça	21	1	20
Vera Cruz	-	-	-

Fonte: Pesquisa *in loco*.

Todas as respostas descritas acima referem-se às atividades diretamente relacionadas a mediação da leitura (hora do conto e oficinas de leitura e escrita) e as demais atividades, tidas como culturais. Essas atividades referem-se às exposições, palestras, oficinas, apresentações de filmes, concursos literários, apresentação de teatro etc.

As atividades culturais comportam elementos como a informação cultural, eventos culturais, enfim, atividades caracterizadas por conteúdos de natureza cultural, também aquelas dirigidas ao lazer. A compreensão e discernimento por parte dos bibliotecários dos fenômenos culturais e artísticos podem ser apoiados na vivência da comunidade, preservando e difundindo os bens culturais.

Apenas em uma biblioteca, Vera Cruz, como era esperado devido às respostas da questão anterior, registrou-se a ausência de números de participantes nas atividades dessa instituição.

Quadro 6 – O que motivou você a participar das atividades de leitura?

Motivos Cidades	Curiosidade	Gostar de ler	Desenvolver o gosto pela leitura	Saber mais através da leitura	Queria fazer alguma atividade	Participação com a sala de aula
Gália	-	17	13	13	2	-
Garça	9	14	3	4	-	20
Vera Cruz	2	6	3	-	-	-

Fonte: Pesquisa *in loco*.

Quase todos os usuários da biblioteca de Garça participam de atividades de leitura devido ao trabalho e parceria da biblioteca com a escola. Essa parceria proporciona com regularidade a ida da escola à biblioteca contemplando o projeto de contação de histórias. A maioria dos usuários, entretanto, afirmou que os motivos que os levam a ler são: gostar de ler, cultivar o gosto pela leitura e adquirir mais conhecimento através da leitura.

É fundamental para a biblioteca firmar parcerias com as escolas (de qualquer nível de ensino) no fomento ao incentivo à leitura através das mediações leitoras e das atividades culturais. Por outro lado, a biblioteca pública necessita integrar-se também com a comunidade em geral, desvinculando as suas ações somente do âmbito pedagógico para se fortalecer nas instâncias culturais, sociais, históricas e políticas.

Quadro 7 – Qual o tipo de livro que você lê do acervo da biblioteca?

Leituras Cidades	Literatura, pois gosto de ler	Literatura, pois a escola indica	Jornais	Revistas	Outros motivos
Gália	20	15	15	15	-
Garça	16	9	-	1	Aventura - 1
Vera Cruz	26	-	-	-	-

Fonte: Pesquisa *in loco*.

O tipo de informação mais buscada pelos usuários pesquisados destas bibliotecas é o gênero literário. O que é bem compreensível tendo em vista que o público que respondeu ao questionário era constituído de crianças, cujo maior interesse pela leitura é a literatura infantil. Alguns também disseram ler jornais e revistas. No caso de Vera Cruz, mesmo considerando a não utilização da biblioteca pública pelos depoentes, evidenciada em questões anteriores, todos os respondentes afirmaram que o interesse está também na literatura.

Dessa forma, verifica-se que a formação de acervos literários que atenda a todas as faixas etárias é de vital importância para instrumentar as atividades de leitura como também o trabalho pedagógico do professor. Entretanto, o desenvolvimento de uma coleção voltada para o público infantil pode ser um caminho bem significativo para atrair esse público à biblioteca.

Quadro 8 – Você está satisfeito com as opções de leitura?

Opinião Cidades	Totalmente	Parcialmente	Insatisfeito
Gália	20	-	-
Garça	18	2	1
Vera Cruz	22	1	3

Fonte: Pesquisa *in loco*

A maioria dos pesquisados informaram estar satisfeitos com as opções de leitura da biblioteca. Somente uma pequena parcela disse estar insatisfeita. Não foi objeto desta pesquisa avaliar a qualidade do acervo da biblioteca, entretanto, cabe questionar: o acervo atende realmente às necessidades do seu público leitor ou será que há desconhecimento desse acervo e pouco ou nenhuma exigência da parte dos usuários?

O desenvolvimento do acervo com vistas às necessidades culturais dos indivíduos deve ser levado em conta pelos bibliotecários no momento das aquisições dos diversos materiais de leitura a fim de satisfazê-los. Isso deve ser planejado com a participação da comunidade, mediante estudo de usuário.

Quadro 9 – Com que frequência você pede auxílio ao bibliotecário?

Serviços Cidades	Sempre	Às vezes	Não responderam
Gália	-	4	16
Garça	1	11	9
Vera Cruz	2	7	12

Fonte: Pesquisa *in loco*

O objetivo dessa questão foi o de tentar diagnosticar o grau de interação, de entrosamento por parte dos bibliotecários e os usuários. A maioria dos pesquisados não soube responder esta questão. Diante disso, parte-se da hipótese de haver um distanciamento entre o bibliotecário e o público usuário da biblioteca. Provavelmente os respondentes desconhecem o papel do bibliotecário nessa instituição, ou mesmo a sua relevância, tendo em vista que nem mesmo a maioria das escolas públicas municipais possuem a figura desse profissional.

A relação dialógica entre bibliotecário e usuário é fundamental, mesmo nas instituições leitoras onde a equipe poderá suprir as necessidades informacionais destes. Para Tsupal (1987, p. 163) “A relação dialogal entre usuário e biblioteca evitaria a coisificação do usuário e a despersonalização do bibliotecário”.

Quadro 10 – Qual conceito você dá para as atividades de leitura?

Serviços Cidades	Ótimo	Bom	Regular	Não sei opinar
Gália	19	-	-	1
Garça	10	6	-	5
Vera Cruz	11	3	-	-

Fonte: Pesquisa *in loco*

A maior parte dos participantes leitores afirmou que as atividades desenvolvidas pelas bibliotecas são ótimas. A biblioteca pública, pela sua potencialidade, tem condições de colaborar na construção tanto da cultura de um indivíduo como da comunidade, e de influir na opinião pública quanto aos valores culturais.

A mediação da leitura focando a “hora do conto” junto às crianças das séries iniciais do ensino fundamental tem representado papel essencial na conquista de novos leitores. Esses alunos impulsionados pela parceria da escola com a biblioteca pública são coligidos com o universo das histórias, levando-os ao desejo e a ação de frequentar a biblioteca. Esse contato, segundo Ceccantini (2009), cria condições favoráveis para que a criança se transforme num jovem de comportamento leitor ativo e maduro e este, por sua vez, se transforme num adulto leitor assíduo e capaz de encontrar na leitura múltiplos sentidos para sua vida.

Especificamente nas gerações mais novas o papel da escola e da biblioteca são fundamentais na formação de um contingente significativo de leitores. Espera-se, hoje em dia, que na biblioteca pública se reservem amplos espaços e tempos para as mediações leitoras. Ainda que, naturalmente, o ideal é que se promovam muitas outras atividades culturais.

Se o próprio bibliotecário irá assumir a função de mediador de leitura ou se será designado outro profissional para isso, parece ser questão menos relevante a

ser solucionada conforme as possibilidades concretas de cada biblioteca. O importante, no processo, é reservar para a leitura uma posição central no conjunto de atividades desenvolvidas pela biblioteca, bem como tentar compreender em profundidade a natureza da mediação da leitura e definir com clareza seu papel. Porém, destaca-se que a figura do bibliotecário gestor é essencial para o funcionamento de qualquer biblioteca, nesse caso, especialmente as públicas. Assim, o planejamento das ações a serem desenvolvidas, como o desenvolvimento do acervo, as atividades de pesquisa, as práticas leitoras, as demais atividades culturais etc. necessitam desse profissional, que deve trabalhar em parceria com os demais colaboradores da equipe.

De acordo com a análise e discussão dos dados da pesquisa aqui apresentados, entende-se que a percepção dos usuários no que tange às funções da biblioteca pública, no âmbito das ações de mediação de leitura e do papel que o bibliotecário desempenha, para esse público, reflete na percepção da sociedade acerca da imagem dessa instituição em suas diferentes dimensões: pedagógica, cultural, social e política.

Portanto, estudar as questões referentes à biblioteca pública exige certa complexidade, não é algo simples, tendo em vista que são muitos os sujeitos envolvidos, os processos, as ações e as questões de caráter político, oriundas das instâncias as quais a biblioteca encontra-se ligada hierarquicamente e que muito interferem em seu funcionamento.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, ainda se lê bem menos do que o desejável, como demonstram as várias pesquisas realizadas por diferentes organismos, a exemplo da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2012). Essa informação encontra respaldo na medida em que grandes faixas da população brasileira permanecem numa posição periférica em relação à leitura, sobretudo quando o critério de análise se apegua a uma dimensão mais qualitativa, seja no que concerne aos suportes (livros ou outros materiais de leitura), à escolha de obras (literárias ou não literárias) e à consistência e profundidade das leituras realizadas.

No contexto bastante complexo em que a leitura hoje está inserida e que depende da ação de inúmeras variáveis – de ordem política, econômica, educacional, cultural, entre tantas outras – aspectos ligados à questão da mediação na biblioteca pública devem estar integrados a uma ampla rede de políticas e ações culturais.

Cabe à biblioteca pública a responsabilidade de fornecer à comunidade o acesso à informação e à leitura, de modo democrático e com qualidade. A inserção do sujeito numa sociedade leitora depende de políticas e de dispositivos socioculturais, não ocorrendo espontaneamente. Apostar em políticas, estratégias e articulações que envolvam governos, setores público em geral, privado e sociedade civil pode ser uma saída prioritária para a consolidação do objetivo de formar leitores.

O fomento à leitura, à formação de leitores e à formação de mediadores de leitura é um caminho longo a ser percorrido, tanto pelas instituições públicas quanto pelos profissionais da informação. Entretanto, esse percurso pode seguir rumos satisfatórios quando os profissionais de bibliotecas públicas assumirem sua efetiva participação como mediadores de leitura integrados ao processo de transformação social e às competências de gestores.

A relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas uma relação mediada e complexa. Por conseguinte, entende-se que os ambientes das bibliotecas não são diferentes, daí a importância da ação do bibliotecário ao situar-

se como mediador, estabelecendo interação simbólica entre os sujeitos e o mundo cultural que os rodeia. Essa abordagem se organiza em novos paradigmas e, necessariamente em novos valores, de forma complexa. A mediação cultural é, portanto, a conexão que se estabelece entre o usuário, a informação e o bibliotecário, sendo as bibliotecas um dos múltiplos espaços de trocas simbólicas que o conceito de mediação estabelece.

Ao estudar a informação no contexto social-cultural, a Ciência da Informação contribui com pesquisas centradas nas políticas, nas dinâmicas e nas práticas culturais dos dispositivos informacionais públicos, especialmente referentes às bibliotecas públicas e escolares. Sob esse aspecto, mobilizam-se conceitos como apropriação simbólica, ação cultural, saberes informacionais, informação artística, dentre outros.

Assim, o panorama da chamada Sociedade da Informação implica na apropriação de novos e complexos saberes, como condição ao enfrentamento da nova ordem de relações sujeito – informação, sobretudo promovida pelo advento das chamadas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Os altos índices de produção e distribuição de informação, aliados às formas contemporâneas de circulação, nas quais se incluem diferentes tramas socioculturais e fontes informacionais de variadas naturezas, resultam na necessidade de alternativas capazes de posicionar os sujeitos em diálogo efetivo com o universo informacional e cultural.

A noção de mediação reinaugura questões que sempre estiveram presentes no campo de estudos da cultura, informação, comunicação e conhecimento. Ao efetivar-se nos espaços públicos, ela mostra o quanto os dispositivos de comunicação/informação, a estruturação dos lugares, textos, espaços e acervos influenciam as interpretações e produzem objetos mistos e portadores de sentidos. É nesta perspectiva que as práticas de mediação da leitura em biblioteca pública circunscrevem-se.

A mediação cultural manifesta-se na emergência de uma linguagem, de um sistema de representações comum a toda uma comunidade, a toda uma cultura. E, ao mesmo tempo, esse sistema de representação gera um sistema social, coletivo, de pensamento, de relações, de vida, ou seja, de sociabilidade.

Percebida pelo prisma da aproximação de sujeitos a produtos e artefatos culturais, como obras de arte, livros, exposições e espetáculos, a mediação cultural é vista como uma atividade processual que possibilita o encontro e o acesso aos mesmos. Esse trabalho de aproximação tem como figura-chave o mediador, responsável por promover a ligação entre instâncias oficiais de produção de bens culturais e o público, fornecendo a este último os códigos que permitam o acesso e a apropriação às produções culturais (MARTINS, 2010, p. 57).

Dessa forma, a problemática da comunicação é deslocada para a cultura; para o processo de produção de significados; para o complexo e ambíguo espaço da experiência dos sujeitos. Assim, o sujeito não é apenas um mero decodificador dos conteúdos das obras mediadas pelo mediador, mas também produtor de novos significados.

Verifica-se, por conseguinte que a apropriação pressupõe alteração, transformação, modificação do conhecimento, sendo assim, uma ação de produção e não meramente de consumo (ALMEIDA JÚNIOR, 2009). Dessa forma, para que se suceda o conhecimento, faz-se necessário os saberes já apropriados pelo leitor, gerando, portanto, novos estados de conhecimento, que, aplicados, provocariam transformação social.

A mediação da leitura, realizada junto às crianças das séries iniciais do ensino fundamental, tem representado conquistas significativas de novos leitores. Mas, pensar somente nas ações destinadas a essa faixa etária não é o ideal. Ceccantini (2009) informa que pesquisas recentes demonstram que há um abandono paulatino das práticas de leitura, à medida que esses leitores recém-cultivados vão deixando a infância e alcançando a juventude, num processo gradativo que só faz se intensificar ao longo da vida.

Assim, é premente a consciência geral entre pais, educadores e responsáveis pelas políticas públicas de leitura quanto à necessidade de uma mediação contínua e dinâmica entre a criança e o conhecimento, sempre articulada com um contexto social bastante amplo.

Entende-se que três instâncias são importantes no incentivo à leitura. A família, a escola e a biblioteca. Concordando com Ceccantini (2009), o primeiro

contanto com a leitura pode se dar no seio familiar, estimulados por uma família leitora. Sabe-se que a família influencia fortemente o comportamento das futuras gerações de leitores. Isso tem sido evidenciado por especialistas que veem nesses aliados contribuições imprescindíveis para estimular a formação de leitores competentes e duradouros.

A formação dos mediadores de leitura consiste no desenvolvimento contínuo de construção e experimentação de conhecimentos, conteúdos, procedimentos e habilidades em torno da sensibilização e pedagogia da leitura. Quanto às várias possibilidades de se fomentar a leitura em bibliotecas públicas, descrevem-se atividades como hora do conto, rodas de leitura, encontro com autores, feira de livros, oficinas de produção e leitura de textos, concursos literários, saraus literários, lançamentos de livros, instalações homenageando autores, criação de espaços para sugestões de leitura, fanzines e jornais impressos ou eletrônicos, clube do livro, exposição de livros, passaporte do leitor, dramatização de histórias (teatro), murais, sessões de cinema na biblioteca, exposições diversas, palestras, jograis, encontro com cordelistas, sessões de piadas, causos, adivinhações, parlendas etc.

O exercício dessas e outras práticas leitoras, diversificadas e dinamizadas nos espaços da biblioteca podem refletir em práticas culturais como ferramentas de desenvolvimento da cidadania. Ainda que em sua história, a biblioteca pública pouco tenha representado para a população, suas ações voltadas à ação cultural e pedagógica, podem configurar-se em possibilidades de apropriação e produção, quanto ao conhecimento individual ou compartilhamento de saberes.

Mesmo que o bibliotecário não possua competências específicas para mediar (narrar ou contar) histórias, ele pode agir como fomentador e gestor dessa atividade. Como fonte de prazer e sabedoria, a hora do conto não esgota seu poder de sedução, seja narrada, contada ou mediada em outras linguagens.

Tratar a leitura através da literatura pressupõe uma interação com uma arte capaz de motivar, propondo a expressão do imaginário, do real, dos sonhos, das fantasias, dos conhecimentos apropriados pelos sujeitos. Em sua essência, a literatura atua sobre as ações e emoções do ser humano e este poderia, por meio

dessa arte, transformar e sofisticar seu processo de humanização (GIROTTO; SOUZA, 2009).

A ausência de tecnologias ainda é fator crítico nas bibliotecas públicas. Muitas ainda não possuem equipamentos de informática como computadores para auxiliar na mediação implícita (organização do acervo e terminais de consulta), nem acesso à internet. Isso compromete o interesse do usuário pela biblioteca. Sabe-se que o uso de *blogs*, *twitter*, *facebook*, torna-se aliado na disseminação das informações, na realização de atividades culturais, na pesquisa, bem como na promoção e divulgação dessas ações. Advoga-se, dessa forma, que é inegável que as tecnologias digitais criaram condições novas de produção e distribuição do conhecimento.

Evidencia-se, também, que crianças e jovens cada vez mais utilizam essas ferramentas digitais, o que pode ocasionar maior compartilhamento da biblioteca com esse universo de usuários. Quando a biblioteca trabalha com tecnologias, ela dialoga mais ativamente com os nativos da era da informática, adentrando num universo desafiador no contexto da atualidade.

As bibliotecas podem criar mais relacionamentos integrando-se às redes sociais, contribuindo para a circulação e difusão de conteúdo, alterando comportamentos enquanto mediadores da informação, convidando a (re)pensar o lugar da biblioteca e do bibliotecário face a estes novos espaços de informação, comunicação e interação.

Os bibliotecários podem transformar os equipamentos informacionais em que atuam em ambientes e espaços voltados para a aprendizagem e construção de conhecimentos, cujo processo reconhece a leitura como via de acesso à informação, que fundamenta a construção desses conhecimentos.

Entendidas como a junção de conhecimentos, habilidades e atitudes, as competências que o bibliotecário mediador necessita para o desenvolvimento de práticas leitoras precisam ser amplamente buscadas em seu processo de formação profissional. Entende-se que a primeira competência seja a de um leitor ativo. Somente um leitor efetivo, entusiasmado e convicto pode assumir o desafio de

formar outros leitores emancipados, críticos e sensíveis, envolvendo a comunidade e contribuindo para mudar a realidade. Abarcando o rol de outras competências estão: conhecer as teorias da leitura, valorizar as narrativas orais, viabilizar o acesso à informação em seus diferentes suportes, desenvolver a *advocacy*, conhecer as políticas públicas para o livro e a leitura, estar atento às multiplicidades culturais, estabelecer relações afetivas com o leitor, trabalhar em equipe, estabelecer parcerias, ter competências aplicadas às TICs, conhecer e utilizar as ferramentas da Web 2.0 e buscar a educação continuada.

A *advocacy* pode ser vista como um processo político, visando influenciar as políticas públicas e as decisões de alocação de recursos dentro de sistemas políticos. Nesse caso, especialmente para dar maior visibilidade ao papel que as bibliotecas desempenham na sociedade. A representação das bibliotecas se faz necessária nos planos dos governos local, regional e nacional, devendo ser incluídas no planejamento, orçamento e nas decisões político-institucionais.

Para uma instituição como a biblioteca pública, o desenvolvimento da *advocacy* torna-se importante e necessário. Sabe-se que os recursos destinados às bibliotecas municipais são insípidos. Com tantas dificuldades em seus orçamentos, as bibliotecas enfrentam os desafios de oferecer produtos e serviços de qualidade para a comunidade.

Quando o bibliotecário pratica a *advocacy*, intervindo junto aos gestores públicos, sua ação se relaciona continuamente ao desenvolvimento da população, ao acesso à informação e aos bens culturais, garantindo que recursos sejam disponibilizados para a ampla valorização destes.

As bibliotecas públicas representam um recurso altamente valioso e de amplo acesso dentro do panorama brasileiro informacional, educacional, cultural e de lazer. No entanto, a forma como esses potenciais são encarados e aproveitados por parte dos órgãos públicos financiadores, dos bibliotecários e da sociedade, talvez não se faça presente, ainda, de forma ativa.

8 REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (Orgs.). **Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas**. Campinas: Mercado de Letras, 2005. (Coleção Histórias de Leitura).

ALFARO LÓPEZ, Héctor G. **Los bibliotecários y la formación de lectores**, s/d. Disponível em: <<http://tecnicodgb.files.wordpress.com/.../a-los-bibliotecarios-y-la-formacion-de-lectores.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2011.

ALMEIDA, M. A. Mediação cultural e da informação: considerações socioculturais e políticas em torno de um conceito. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT3--212.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

ALMEIDA, C. C. Novas tecnologias e interatividade: além das interações mediadas. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 4 n. 4, ago. 2003.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Leitura, mediação e apropriação da informação. In: SANTOS, J. P. (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007.

_____. Formação, formatação: profissionais da informação produzidos em série. In: VALENTIM, Marta L. P. (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002.

_____. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina: Editora UEL, 1997.

_____. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesq. bras. Ci. Inf.**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez.2009.

_____. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. In: VALENTIM, M. (Org.). **Gestão da informação e do conhecimento no âmbito da Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2008.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F.; BORTOLIN, S. Bibliotecário: um essencial mediador de leitura. In: SOUZA, R. J. (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

_____. Mediação da informação e da leitura. In: SILVA, T. E. da. (Org.). **Interdisciplinaridade e transversalidade em Ciência da Informação**. Recife: Néctar, 2008.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

BARRETO, A. M. Informação e conhecimento na era digital. **Transinformação**, Campinas, v.17, n. 2, p. 111-122, maio/ago. 2005.

_____. O papel das instituições brasileiras de leitura na formação de leitores. **Revista da Faced**, n. 8, 2004.

BARROS, M. H. T. C. **Disseminação da informação**: entre a teoria e a prática. Marília: s.n., 2003.

_____. O bibliotecário e o ato de ler. In: BARROS, M. H. T. C. de.; BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson J. S. **Leitura**: mediação e mediador. São Paulo: Ed. FA, 2006.

BARROS, M. H. T. C. de; BORTOLIN, S.; SILVA, R. J. **Leitura**: mediação e mediador. São Paulo: Ed. FA, 2006.

BARROS, M. H. T. C. **Leitura do adolescente**: uma interpretação pelas bibliotecas públicas do Estado de São Paulo – pesquisa trienal. 1995. Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, Departamento de Biblioteconomia e Documentação, Marília.

BARROS, P. **A biblioteca pública e sua contribuição social para a educação do cidadão**. Ijuí: Unijuí, 2002. (Coleção trabalhos acadêmico-científicos. Série dissertações de mestrado; 36).

BECKER, C. da R. F; GROSCH, M. S. A formação do leitor através das bibliotecas: o letramento e a ciência da informação como pressupostos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São Paulo, v.4, n.1, p. 35-45, jan./jun. 2008.

BELLUZZO, R. C. B. **Artigo** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <alessandrasteli@yahoo.com.br> em 28 out. 2012.

_____. As competências do profissional da informação nas organizações contemporâneas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São Paulo, v.7, n.1, p. 58-73, jan./jun. 2011.

_____. Como desenvolver a Competência em Informação (CI): uma mediação integrada entre a biblioteca e a escola. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 11-14, out. 2008.

_____. **Construção de mapas**: desenvolvendo competências em informação e comunicação. 2. ed. Bauru: Cá entre nós, 2007.

BORTOLIN, S. **Mediação oral da literatura**: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando. 2010. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Marília:

Faculdade de Filosofia e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Marília.

BORTOLIN, S.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F.; Mediação oral literária: algumas palavras. In: VALENTIM, M. (Org.). **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

BRASIL. Ministério da Cultura. Ministério da Educação. **Plano Nacional do Livro e da Leitura**. [PNLL]. Disponível em: <<http://www.pnll.gov.br/>>. Acesso em: 23 out. 2011.

_____. Ministério da Cultura. **Pesquisa Retratos da leitura no Brasil**. Instituto Pró-Livro. 2008. Disponível em: <www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=48>. Acesso em: 23 fev. 2012.

_____. Ministério da Cultura. **Pesquisa Retratos da leitura no Brasil**. Instituto Pró-Livro. 2012. Disponível em: <www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=48>. Acesso em: 3 fev. 2013.

_____. Ministério da Cultura. Biblioteca Nacional. Primeiro censo nacional das bibliotecas públicas municipais. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2010/04/30/primeiro-censo-nacional-das-bibliotecas-publicas-municipais/>>. Acesso em: 26 jan. 2013.

CALDAS, E. F., TÁLAMO, M. de F. G. M. **Biblioteca Pública no Brasil**: políticas de incentivo à leitura, s/d. Disponível em: <alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/.../sm02ss03_04.pdf>. Acesso em: 3 de set. 2011.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.

CANFORA, L. **A biblioteca desaparecida**: histórias da biblioteca de Alexandria. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CAREGNATO, S. E. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Rev. de Bibliotecon. & Comum.**, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, 2000.

CAVALCANTE, L. de F. B. **Gestão do comportamento informacional apoiada na cultura organizacional e em modelos mentais**. 2010. 240 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Marília.

CAVALCANTE, L. E. Cultura informacional e gestão de bibliotecas públicas municipais: competências e usos da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://congresso.ibict.br/index.php/xi/enancibXI/paper/viewFile/128/252>> Acesso em: 3 set. 2011.

CAVALCANTE, L. E. Políticas de formação para a competência informacional: o papel das universidades. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São Paulo, v.2, p. 47-62, 2006.

CAVALCANTE, L. E.; FEITOSA, L. T. Bibliotecas comunitárias: mediações, sociabilidades e cidadania. **Liinc em Revista**, v.7, n.1, março 2011, Rio de Janeiro, p. 121 – 130. Disponível em <<http://www.ibict.br/liinc>>. Acesso em: 26 de abr. 2012.

CECCANTINI, J. L. Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura. In: In: SANTOS, F. dos; MARQUES NETO, J. C.; ROSING, T. M. K. **Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores**. São Paulo: Global, 2009.

CENTRO REGIONAL PARA EL FOMENTO EM AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE, [CERLALC-UNESCO]. Comportamiento lector y hábitos de lectura, 2012. Disponível em: <http://www.cerlalc.org/files/tabinterno/fcbc1b_ComportamientoLector_Final.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2013.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CONCEIÇÃO, V. Educação continuada para a competência em informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA. DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011. Disponível em: <<http://febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/view/620/391>>. Acesso em: 3 fev. 2013.

CUNHA, M. V. da; SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. Os seminários nacionais de bibliotecas universitárias e a temática centrada na formação profissional. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 11. Florianópolis, 2000. **Anais...** Florianópolis, SC: UFSC, 2000. [CD-ROM].

CUNHA, M. B; CAVALCANTI, C. R. de O. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

CUNHA, M. A. A. **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 1999.

DANTAS, J. G. D. Teoria das mediações culturais: uma proposta de Jesús Martín-Barbero para o estudo de recepção. CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 10, São Luís, 2008.

DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? Prisma - **Revista de Ciências da Informação e da Comunicação** n.4/jun, 2003. Disponível em: http://prisma.cetac.up.pt/A_mediacao_a_comunicacao_em_processo.pdf. Acesso em: 22 de set. 2012.

DUARTE, A. B. S. Mediação da informação e estudos de usuários: interrelações. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 3, n.1, p. 70-86, jan./jun. 2012.

DUDZIAK, Elisabeth A. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003.

EJARQUE, L. G. **Diccionario del archivero-bibliotecário**: terminologia de laelaboración, tratamiento y utilización de los materiales propios de los centros documentales. Gijón: EdicionesTrea, S. L., 2000. (Biblioteconomía y administración cultural; 42)

ESCARPIT, R. **A revolução do livro**. Rio de Janeiro: INL, 1976.

FARIA, M. I.; PERICÃO, M. G. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: USP, 2008.

FEATHER, J.; STURGES, P. **International encyclopedia of information and library Science**. 2. ed. New York: Routledge, 2003.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FERREIRA, S. P. A.; DIAS, M. da G. B. B. A leitura, a produção de sentidos e o processo inferencial. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 3, p. 439-448, set./dez. 2004.

FIALHO, J. F.; ANDRADE, M. E. A. Comportamento informacional de crianças e adolescentes: uma revisão da literatura estrangeira. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 20-34, jan./abr. 2007.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção palavra da gente; v. 1).

FURTADO, C. C.; OLIVEIRA, L. BIBLON: plataforma de incentivo a leitura literária para crianças. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, jan./jun. p. 68-85, 2011.

GASQUE, K. C. G. D.; COSTA, S. M. de S. Evolução teórico-metodológica dos estudos de comportamento informacional de usuários. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 39, n.1, p. 21-32, jan./abr. 2010.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIROTTTO, C. G. G. S.; SOUZA, R. J. A hora do conto na biblioteca escolar: o diálogo entre a literatura e outras linguagens. In: SOUZA, R. J. (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas**: o mediador em formação. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

GOMES, H. F. Tendências de pesquisa sobre mediação, circulação e apropriação da informação no Brasil: estudo em periódicos e anais dos ENANCIB (2008-2009). **Pesq. Bras. Ci. Inf.**, Brasília, v.3, n.1,p.85-99, jan./dez. 2010.

GUARALDO, T. de S. B.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Leitura, informação e conhecimento: notas sobre a leitura de jornal. In: VALENTIM, Marta L. P. (Org.). **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

HATSCHBACH, M. H. de L.; OLINTO, G. Competência em informação: caminhos percorridos e novas trilhas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São Paulo, v. 4, n1, p. 20-34, jan./jun., 2008.

HATSCHBACH, M. H. de Lima. **Information Literacy: aspectos conceituais e iniciativas em ambiente digital para o estudante de nível superior**. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - UFRJ/ECO-MCT/IBICT, Rio de Janeiro.

HOPPEN, N. H. F. **O adolescente contemporâneo e seus interesses literários**. (TCC). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Biblioteconomia. Porto Alegre, 2011.

IBGE. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referentes aos municípios do Estado de São Paulo. **Censo Demográfico de 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso: 4 maio 2012.

IFLA. **Diretrizes para serviços de biblioteca para crianças**. Disponível em: <<http://www.ifla.org/files/libraries-for-children-and-ya/publications/guidelines-for-childrens-libraries-services-pt.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2012.

JARAMILLO, O.; RIOS, M. M. **Biblioteca pública y lectura pública**. Medellín: Centro de Investigaciones em Ciencia de la Información: Escuela Interamericana de Bibliotecología, Universidad de Antioquia, 2005.

LAU, J. **Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente**. Trad. BELLUZZO, R. C. B. México: FEBAB, 2007.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Trad. de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996. (Coleção TRANS).

LISTON, R. C. F. S.; SANTOS, P. L. V. da C. Representando a *Information Literacy* "Competências Informacionais" na Biblioteconomia. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 287-300, jul./dez. 2008.

LUCAS, C. R. **Leitura e interpretação em biblioteconomia**. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

LUX, C. Bibliotecas na agenda: uma questão importante para a sociedade contemporânea. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São Paulo, v.3, n.2, p.14-33, jul./dez. 2007.

MACEDO, N. D. Bibliotecas públicas paulistas: análise de um survey. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São Paulo, v.1, n.1, p. 104-118, jan./jun. 1999.

MARQUES NETO, J. C. Políticas públicas de leitura e formação de mediadores. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, J. C.; ROSING, Tania M. K. **Mediação**

de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.

MARTELETO, R. M. Jovens, violência e saúde: construção de informações nos processos de mediação e apropriação de conhecimentos. **RECIIS –R. Eletr. de Com. Inf. Inov. Saúde**, Rio de Janeiro, v.3, n.3, p.17-24, set. 2009.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MARTÍNEZ-SILVEIRA, M.; ODDONE, N. Necessidades e comportamento informacional: conceituação e modelos. **Ci. Inf.**, v. 36, n.1, p. 118-127, maio/ago. 2007.

MARTINS, M. H. **O que é leitura.** 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Coleção Primeiros Passos)

MARTINS, W. **A palavra escrita:** história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MARTINS, A. M. L. **Mediação:** reflexões no campo da Ciência da Informação. 2010. 253 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 11. ed. Campinas: Papirus, 2006. (Coleção Papirus Educação).

MATTELART, A. **História da sociedade da informação.** 2. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

MILANESI, L. **Biblioteca.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

_____. **Ordenar para desordenar:** centros de cultura e bibliotecas públicas. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **O que é biblioteca.** São Paulo: Brasiliense, 1998. (Coleção primeiros passos; 94).

_____. **A casa da invenção:** biblioteca, centro de cultura. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. (Coleção Temas Sociais).

MULIN, R. B. Cultura e bibliotecas em São Paulo: o pioneirismo de Adelpha Figueiredo. In: **Biblioteconomia paulista:** construindo caminhos. São Paulo: Guanabara Koogan, 2011.

NEGRÃO, M. B. A evolução do Departamento de Bibliotecas Públicas, 1907 – 1978. **Rev. Biblioteconomia de Brasília**, n.7, v. 2, jul./dez. 1979.

NÓBREGA, N. G. No espelho, o Trickster. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, J. C.; ROSING, Tania M. K. **Mediação de leitura**: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.

NÓBREGA, N. G. De livros e bibliotecas como memória do mundo: dinamização de acervos. In: YUNES, E. (Org.). **Pensar a leitura**: complexidade. Rio de Janeiro: Ed PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

NOVELLI, V. A. M.; HOFFMANN, W. A. M.; GRACIOSO, L. S. Reflexões sobre a mediação da informação na perspectiva dos usuários. **Biblionline**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 3-10, 2011.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996. (Coleção Passando a Limpo)

PETIT, M. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Ed. 34, 2010.

PIERUCCINI, I. Ordem informacional dialógica: mediação como apropriação da informação. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. *Anais eletrônicos...* Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT3--159.pdf>>. Acesso em: 31 de maio 2013.

RETTENMAIER, M. (Hiper) mediação leitora: do blog ao livro. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, J. C.; ROSING, Tania M. K. **Mediação de leitura**: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.

RIBEIRO, E. S. Leitura como processo semiótico. **Leitura em revista**. Cátedra UNESCO de Leitura Puc-Rio, n. 1, out., 2010.

ROSA, F. G. M. G., ODDONE, N. Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca. **Ci. Inf.** Brasília, v. 35, n. 3, p. 183-193, set./dez. 2006.

ROSING, T. M. K. Do currículo por disciplina à era da educação-cultura-tecnologia sintonizadas: processo de formação de mediadores de leitura. In: SANTOS, F. dos; MARQUES NETO, J. C.; ROSING, T. M. K. **Mediação de leitura**: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2001.
SANTANA, 2009

SANTOS, F. dos; MARQUES NETO, J. C.; ROSING, T. M. K. **Mediação de leitura**: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Cultura do estado de São Paulo. Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas. Disponível em: <<http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.90f4e02872528809e2b51259e2308ca0>>. Acesso em: 23 de abr. 2011.

SEADE. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. Disponível em <http://www.seade.gov.br/index.php>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

SERRA, E. D. (Org.). **30 anos de literatura para crianças e jovens**: algumas leituras. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

SIGNATES, L. Estudo sobre o conceito de mediação. Grupo de estudos sobre práticas de recepção a produtos midiáticos. **Novos olhares**, ECA/USP, n. 2, 2 sem., 1998.

SILVA, A. M. Mediações e mediadores em ciência da informação. **PRISMA.COM**, n. 9, 2010. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/view/700/pdf>>. Acesso em: 02 de jan. 2013.

SILVA, E. T. **Leitura & realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

_____. **Leitura na escola e na biblioteca**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1995.

_____. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez, 1981. (Coleção Educação Contemporânea).

_____. O bibliotecário e a formação do leitor. In: BARZOTTO, V. H. (Org.) **Estado de leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

_____. O bibliotecário e a mediação: Iniciativas comunitárias que apostam no poder libertador da leitura são louváveis, mas não eximem os governos de sua responsabilidade de criar uma rede articulada de bibliotecas. **Revista Educação**, São Paulo. Ed. 153, jan. 2010.

_____. **Conferências sobre leitura – trilogia pedagógica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SILVA, K. M. G. da.; LENDENGUE, M. L. de C. Bibliotecário na formação de leitores em potencial. **Biblionline**, João Pessoa, n. esp., p. 92-98, 2010.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

SOUZA, J. M. **Diccionario de bibliología y ciencias afines**. 3 ed. Gijón: Ediciones Trea, S. L., 2004. (Biblioteconomía y administración cultural; 100)

SUAIDEN, E. J. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 52-60, maio/ago. 2000.

_____. **Biblioteca pública e informação à comunidade**. São Paulo: Global, 1995.

TÉBAR, L. **O perfil do professor mediador: pedagogia da mediação**. São Paulo: SENAC, 2011.

TEIXEIRA COELHO. **Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário**. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1999.

TSUPAL, R. Leitura e atividades culturais na biblioteca pública; aspectos teóricos. **R. de Biblioteconomia de Brasília**. Brasília, v.15, n.2, jul./dez. 1987.

TONELLO, I. M. S.; LUNARDELLI, R. S. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Palavras-chave: possibilidades de mediação da informação. **PontodeAcesso**, Salvador, v.6, n.2 ,p. 21-34, ago 2012. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/4524/4552>>. Acesso em: 3 de abr. 2013.

TURRA, N. C. Reuven Feurstein: experiência de aprendizagem mediada: um salto para a modificabilidade cognitiva estrutural. **Educere et Educare**, v. 2, n. 4, jul./dez. 2007.

UNESCO. Manifesto sobre Bibliotecas Públicas (1994). Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VIIIs8/unesco/port.htm>>. Acesso em: 5 nov. 2011.

VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

_____. Formação: competências e habilidades do profissional da informação. In: VALENTIM, Marta L. P. (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002.

WILLIAMS, R. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. Boitempo: São Paulo: 2007.

APÊNDICES
(INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS)

Pesquisa de Usuário

Eu, Alessandro Rasteli, aluno do Mestrado em Ciência da Informação, da UNESP, venho solicitar o preenchimento do questionário abaixo, a fim de coletar informações para a Dissertação de Mestrado. Saliento que o presente questionário faz parte do Projeto de Pesquisa: “Mediação da leitura em biblioteca pública”. Asseguro ainda, que não é preciso identificar-se, contribuindo assim para o sigilo das respostas e dos respondentes.

1. Você costuma frequentar a Biblioteca Pública...

- a. Todos os dias
- b. Semanalmente
- c. Quinzenalmente
- d. Esporadicamente
- e. Não costuma frequentar a biblioteca

2. Quais os serviços da Biblioteca Pública você costuma utilizar?

- a. Empréstimo de livros, gibis, revistas
- b. Pesquisas
- c. Uso da internet
- d. Participação de atividades (**Hora do conto, exposições, palestras, oficinas diversas, sessões de filmes, concursos literários, etc.**)

3. Você participa de alguma atividade de leitura na biblioteca?

- a. Sim
- b. Não

Se a resposta for afirmativa, assinale as atividades abaixo:

- a. Hora do Conto
- b. Oficinas de Leitura
- c. Concursos Literários
- d. Outras Atividades (**Hora do conto, exposições, palestras, oficinas diversas, sessões de filmes, concursos literários, etc.**)

4. O que motivou você a participar de atividades de leitura realizadas pela biblioteca?

- a. Curiosidade
- b. Gostar de ler
- c. Desenvolver o gosto pela leitura
- d. Saber mais sobre leitura

- e. () Queria fazer alguma atividade e optei por isso
- f. () Outros. Quais _____

5. Qual o tipo de livro você lê usando o acervo da biblioteca? (Pode-se marcar mais de uma alternativa)

- a. () Literatura, pois gosto de livros em geral (ficção, romance, etc.) por escolha própria.
- b. () Literatura, pois faz parte das atividades da Escola ou Faculdade.
- c. () Livros Técnicos, pois faz parte de minhas atividades de Escola ou Faculdade.
- d. () Livros Técnicos, pois faz parte de minhas atividades de trabalho.
- e. () Leitura de Jornais, pois gosto e busco informações.
- f. () Leitura de Revistas, pois gosto e busco informação e entretenimento.
- g. () Outros motivos. Quais _____

6. Você está satisfeito com as opções de leitura da biblioteca?

- a. () Totalmente satisfeito
- b. () Parcialmente satisfeito
- c. () Insatisfeito

7. Você conhece o Bibliotecário(a) dessa Biblioteca?

- a. () Sim
- b. () Não

Caso afirmativo, com que frequência você pede a ajuda dele(a) na biblioteca?

- a. () sempre que vou a biblioteca
- b. () às vezes
- c. () nunca

8. Que conceito (nota) você dá para as atividades de leitura desenvolvidas na biblioteca pública?

- a. () Ótimo
- b. () Bom
- c. () Regular
- d. () Não sei opinar

Roteiro de Entrevista com Bibliotecários Mediadores da Leitura

Abrangência: Bibliotecas Públicas da XI Região Administrativa de Marília

Eu, Alessandro Rasteli, aluno do Mestrado em Ciência da Informação, da UNESP, venho solicitar o preenchimento do questionário abaixo, a fim de coletar informações para a Dissertação de Mestrado. Saliento que o presente questionário faz parte do Projeto de Pesquisa: “A atuação do bibliotecário como mediador de leitura em biblioteca pública”. Asseguro ainda, que não é preciso identificar-se, contribuindo assim para o sigilo das respostas e dos respondentes.

1. Quais atividades de mediação de leitura são efetivamente realizadas na biblioteca?

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Hora do Conto | <input type="checkbox"/> Festas Literárias (Bienais, |
| <input type="checkbox"/> Roda de Leitura | <input type="checkbox"/> Concursos Literários |
| <input type="checkbox"/> Encontro com Autores | <input type="checkbox"/> Sarau |
| <input type="checkbox"/> Feira de Livros | <input type="checkbox"/> Fórum Literário |
| <input type="checkbox"/> Oficinas de Leitura (redação, | <input type="checkbox"/> Jornada de Literatura |
| <input type="checkbox"/> Lançamento de Livros | <input type="checkbox"/> Palestras |
| <input type="checkbox"/> Clube do Livro | <input type="checkbox"/> Passaporte do Leitor |
| <input type="checkbox"/> Caixa Estante | <input type="checkbox"/> Dramatização de histórias (teatro) |
| <input type="checkbox"/> Homenagens ao Autor | <input type="checkbox"/> Murais Educativos |
| <input type="checkbox"/> Exposições | <input type="checkbox"/> Cinema na Biblioteca |
| <input type="checkbox"/> Fanzine | <input type="checkbox"/> Confecção de Jornais (impressos,
eletrônicos) |
| <input type="checkbox"/> Exposição de Livros | |
| <input type="checkbox"/> Sugestões de Leitura | |

2. Qual é o público-alvo e por quê?
3. Qual a frequência da realização dessas atividades?
4. Como é feita a divulgação dessas atividades?
5. Qual a motivação dessas atividades serem desenvolvidas pela biblioteca?
6. As atividades de mediação de leitura são desenvolvidas pela iniciativa do bibliotecário ou por determinação da Secretaria vinculada à biblioteca?
7. O acervo da biblioteca é utilizado nas atividades de mediação?
8. Há o uso de tecnologias (TIC) para a realização da mediação de leitura na biblioteca?
9. Quais ferramentas são utilizadas?
10. A biblioteca realiza o incentivo à leitura através das Redes Sociais?
11. Há um processo de avaliação dos resultados das atividades de mediação de leitura realizadas na biblioteca? Como?
12. Você participa de capacitações sobre mediações de leitura?
13. Quais as competências que você considera necessárias para o bibliotecário mediador de leitura que atua em Biblioteca Pública?
14. Você desenvolve a advocacy?